

**Maria Regina Barcelos Bettiol  
Antonio Hohlfeldt**



**Euclides da Cunha, intérprete do Brasil:  
O diário de um povo esquecido**

**Euclides da Cunha, intérprete do Brasil:  
O diário de um povo esquecido**



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**Chanceler**

Dom Dadeus Grings

**Reitor**

Joaquim Clotet

**Vice-Reitor**

Evilázio Teixeira

**Conselho Editorial**

Ana Maria Lisboa de Mello

Bettina Steren dos Santos

Eduardo Campos Pellanda

Elaine Turk Faria

Érico João Hammes

Gilberto Keller de Andrade

Helenita Rosa Franco

Ir. Armando Luiz Bortolini

Jane Rita Caetano da Silveira

Jorge Luis Nicolas Audy – Presidente

Jurandir Malerba

Lauro Kopper Filho

Luciano Klöckner

Marília Costa Morosini

Nuncia Maria S. de Constantino

Renato Tetelbom Stein

Ruth Maria Chittó Gauer

**EDIPUCRS**

Jerônimo Carlos Santos Braga – **Diretor**

Jorge Campos da Costa – **Editor-Chefe**

Maria Regina Barcelos Bettiol  
Antonio Hohlfeldt  
(Orgs.)

**Euclides da Cunha, intérprete do Brasil:  
O diário de um povo esquecido**



edipucrs

Porto Alegre, 2011

© EDIPUCRS, 2011

**CAPA** Rodrigo Valls

**Imagem de domínio público disponível em [www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)**

**REVISÃO DE TEXTO** Júlia Roca dos Santos

**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA** Rodrigo Valls



**EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33  
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone/fax: (51) 3320 3711  
e-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br) - [www.pucrs.br/edipucrs](http://www.pucrs.br/edipucrs).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C972 Euclides da Cunha, intérprete do Brasil : o diário de um povo esquecido [recurso eletrônico] / Maria Regina Barcelos Bettiol, Antonio Hohlfeldt (Orgs). – Dados eletrônicos – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2011.  
104 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/>>  
ISBN 978-85-397-0129-2 (on-line)

1. Literatura Brasileira – História e Crítica. 2. Cunha, Euclides da – Crítica e Interpretação. I. Bettiol, Maria Regina Barcelos. II. Hohlfeldt, Antonio.

CDD 869.9454

---

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

**“A natureza compraz-se em um jogo de antíteses”.**  
**Euclides da Cunha**

Alguém conseguiria imaginar que uma mesma obra possa ser estudada nos cursos de Letras, de Jornalismo, de História, de Geografia, de Antropologia (para começar a lista) e não tenha sua discussão esgotada, mesmo tendo sido escrita há mais de 100 anos? Pois é exatamente este o caso de *Os sertões*, de 1902, obra nascida das anotações e observações de Euclides da Cunha, durante sua incursão no sertão baiano, onde ocorria a chamada **Guerra de Canudos** (ou **Revolução de Canudos** ou **Insurreição de Canudos**), confronto entre um movimento popular de fundo sócio-religioso, liderado por Antônio Conselheiro, e o Exército da República, que durou de 1896 a 1897.

Euclides da Cunha era professor da Escola Militar e escrevia regularmente para alguns jornais, interessado na discussão dos problemas brasileiros. Em 1897, como colaborador de *O Estado*, lança um artigo sobre os fatos de Canudos, o que o leva a ser convidado por José de Mesquita para ser correspondente do jornal em Canudos, dando início, assim, a uma trajetória que culminará com a publicação de *Os sertões*. Minucioso observador, Euclides divide seu livro em 3 partes: A Terra, O Homem e A Luta, construindo um quadro que põe em relevo os contrastes entre as culturas do homem litorâneo e a do homem interiorano.

Amparado em extensa bibliografia, que vai de Júlio César a Vitor Hugo, Euclides da Cunha apresenta-nos uma obra praticamente impossível de ser enquadrada numa única disciplina, tamanha a quantidade de engastes sociológicos,

históricos, etnográficos, dos quais salta o valor literário, fruto de seu apuro de linguagem e de sua capacidade imaginativa, que igualmente complicam a tentativa de enquadramento num único gênero: romance histórico ou crônica.

Eis que esta coletânea de ensaios vem para celebrar o legado deixado por Euclides da Cunha e homenageá-lo no centenário de sua morte, ocorrido em 2009, pois sua obra abre o século XX, já antevendo a dualidade característica do brasileiro, sem ter perdido a atualidade neste século XXI. Ao mesmo tempo em que constrói seu texto a partir da técnica apurada, tanto nas concepções científicas quanto na qualidade descritiva, não abandona a paixão por representar a realidade que vê através de um olhar humanista e de uma linguagem poética.

**Prof. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	9
<i>Flávio Loureiro Chaves</i>	
<b>Introdução</b> .....	12
<i>Maria Regina Barcelos Bettiol</i> <i>Antonio Hohlfeldt</i>	
<b>O repórter Euclides da Cunha em Canudos</b> .....	16
<i>Antonio Hohlfeldt</i>	
<b>Numa volta do sertão, aqueles desconhecidos singulares</b> .....	33
<i>Antônio Marcos Vieira Sanseverino</i>	
<b>A perspectiva crítica de Os Sertões</b> .....	46
<i>Gínia Maria Gomes</i>	
<b>Os Sertões, uma experiência editorial</b> .....	54
<i>Luiz Armando Capra Filho</i>	
<b>O repertório teórico de Os Sertões: ensaio sobre o drible euclidiano</b> .....	63
<i>Marçal de Menezes Paredes</i>	
<b>A escrita da terra e da gente brasileira nos textos de Euclides da Cunha</b> .....	80
<i>Maria Regina Barcelos Bettiol</i>	
<b>Depoimentos</b>	
<b>“Os Sertões está em todo lugar”</b> .....	90
<i>Daniel Weller</i>	
<b>Contrastes e confrontos</b> .....	93
<i>Diego Lock Farina</i>	
<b>Eu e os Sertões</b> .....	95
<i>Fernando Malheiros Filho</i>	
<b>Os Sertões: Sua influência e importância na brasilidade</b> .....	98
<i>Luciano Marcio Prates dos Santos</i>	
<b>Nota sobre os autores</b> .....	102

*Quem não sabe venerar seus mestres, pouco ou nada aprendeu. Dedicamos, pois, este livro ao mestre de todos nós: Flávio Loureiro Chaves, que continua a incentivar e a ensinar a seus discípulos.*



# APRESENTAÇÃO

## Um livro poliédrico

*Flávio Loureiro Chaves*

Os grandes textos são lidos sob ângulos diversos nas alternâncias da História. É justamente isto que garante sua permanência e pode torná-los “clássicos” (na acepção em que Italo Calvino emprega o termo). Há casos extremos. Antes que Borges encontrasse em Melville o autor duma trágica simbologia cósmica, muitos leram *Moby Dick* como um maçante tratado sobre a pesca da baleia. Na época da publicação de *Os Demônios* era quase impossível deixar de ver no romance de Dostoiévski um explosivo discurso “pan-eslavista”. E o que dizer das aventuras da Alice de Lewis Carroll - sátira corrosiva à sociedade vitoriana, coleção de histórias infantis ou território privilegiado para a psicanálise pós-freudiana?

Na literatura brasileira, *Os sertões* constitui um desses casos extremos. A primeira versão não é mais do que uma série de reportagens enviada por Euclides da Cunha para *O Estado de São Paulo* em 1897, cobrindo a campanha que exterminou a revolta dos jagunços aquartelados dentro dum mísero arraial nas paragens do fundão nordestino. Restou também um diário com as anotações e esboços cartográficos desenhados em plena conflagração.

Dada a repercussão dos acontecimentos, o escritor transformou sua matéria prima em alentado livro. Ocorre que a redação se estendeu por cinco anos, tempo suficiente de

decantação; e, em 1902, a perspectiva descortinada já é outra. Inclui uma complexa investigação antropológica. Em parte escorado na ciência do século XIX e por outra parte manejando sua prodigiosa capacidade de observação, Euclides da Cunha oferece uma leitura dialética da formação brasileira: as cidades do litoral em confronto ao sertão arcaico, o exército blindado, mas impotente diante da guerrilha armada pelo sertanejo, o desastre de Canudos rasgando uma fenda intransponível entre civilização e barbárie. Não se trata agora duma reportagem, mas de um ensaio. O resultado mudou inteiramente a maneira de ver o país, estabelecendo um novo patamar, e constitui o precedente incontornável de abordagens sociológicas que só apareceriam na metade do século XX: *Os Dois Brasis* de Jacques Lambert, *Brasil, Terra de Contrastes* de Roger Bastide, *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Júnior.

Acrescente-se que Euclides da Cunha, republicano da primeira hora, também não recusou uma polêmica incendiária. Declara abertamente que a submissão “manu militari” dos beatos de Antônio Conselheiro constituiu um genocídio, nada mais, nada menos. Seu livro havia de ser um “livro de vingança”, atribuindo voz àqueles que não a tem. Posicionou-se assim ao lado dos vencidos, jagunços e fanáticos. Também era isto *Os sertões* - uma densa reflexão

sobre o embate entre razão e loucura. Tocou assim um nervo exposto e sempre latejante da história humana. Estamos lendo a crônica de Canudos, mas é fácil atualizá-la noutras referências: Auschwitz, o Gulag, Ruanda, Abu Graib e Guantanamo, a Faixa de Gaza.

Menciono esta pluralidade de leituras para enfatizar ainda outra. A emergência da América Latina no vasto cenário da literatura ocidental é um fenômeno da modernidade e só aconteceu na metade do século XX. Resguardadas as identidades de cada autor e de cada texto, predominou um traço marcante: a universalidade da região. Tenham feito crônica histórica, denúncia ideológica ou nomeação das tipologias locais, os narradores souberam tudo verbalizar numa linguagem que ofereceu ao imaginário novos *territórios da ficção*. Alguns exemplos paradigmáticos dentre muitos outros: o desolado *llano* mexicano de Juan Rulfo, o *caribe* do cubano Alejo Carpentier, o *chaco* paraguaio de Augusto Roa Bastos, a cidade microcós mica que é a Macondo de Gabriel García Márquez, o *polígono das secas* de Graciliano Ramos, o *continente* de Érico Veríssimo e os *gerais* de João Guimarães Rosa. Delineando uma visão panorâmica do momento histórico, Otto Maria Carpeaux afirmou que a consciência do mundo residia na expressão simbólica desses espaços imaginários.

Publicado no alvorecer do século, o texto de Euclides da Cunha precedeu em algumas décadas todos os que mencionei, e nomeou (quero dizer, universalizou) um território no qual ninguém trafegaria impune daí em diante: o *sertão*, *Os sertões*. Diga-o outro narrador que,

celebrando a antecedência, inaugurou um soberbo diálogo intertextual - o Mario Vargas Llosa de *A Guerra do Fim do Mundo*. A engrenagem do tempo pode ter corroído a reportagem, o ensaio antropológico, o discurso político. Sobrou e permanece a literatura. *Os sertões* é um clássico. Continuará a ser lido e desdobrado e noutras dimensões.

É precisamente isto o que se vai encontrar na reunião dos estudos hoje apresentados por Antonio Hohlfeldt, Antônio Marcos Vieira Sanseverino, Daniel Weller, Diego Lock Farina, Fernando Malheiros Filho, Gínia Maria Gomes, Luciano Marcio Prates dos Santos, Luiz Armando Capra Filho, Marçal de Menezes Paredes, Márcia Ivana de Lima e Silva e Maria Regina Barcelos Bettiol. Cada um deles escolheu um aspecto diferente na interpretação do discurso euclidiano, mas todos visam a iluminá-lo sob o viés de novas questões e novas propostas teóricas aportadas pela maré da atualidade. Afinal, *Os sertões* é um texto poliédrico, tanto mais desafiador quanto mais se multiplica a diversidade das leituras.



# INTRODUÇÃO

*Escritor por acidente - eu habituei-me a andar terra-a-terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de ordem física adstritos às leis mais simples e gerais; e como é nesta ordem de fenômenos que se aferem, mais de pronto, as transformações contínuas da nossa inteligência, vai-se-me tornando mais e mais difícil esse abranger os caracteres preexcelentes das cousas, buscando-lhes as relações mais altas e formadoras das impressões artísticas, ou das sínteses estéticas.*

*Euclides da Cunha*

## **Discurso de recepção da Academia Brasileira de Letras**

*Nos trabalhos de Euclides da Cunha está sempre presente o Brasil e justamente aquele Brasil que ele sabia esquecido, abandonado, porque sofria diretamente as consequências do que tínhamos de profundamente colonial em nós (...) Só um homem com os estudos de Euclides da Cunha, e com a sua paixão pela verdade, poderia transpor para as páginas dos livros, e ainda lhes dar grandeza literária, que era uma forma de engrandecê-las, aquelas mazelas a que jamais ficou insensível. As deficiências de suas interpretações, assim, vinculadas aos instrumentos de análise de que se apropriou e utilizou, desaparecem ante a importância de uma posição que sempre assumiu integralmente, devotadamente. Euclides da Cunha é, em verdade, o iniciador de uma interpretação do Brasil*

*fundada no conhecimento direto e exato da verdadeira situação do homem e da terra. Um iniciador a que a ênfase concede os seus favores e os seus desfavores, em cujas páginas passa sempre um sopro apaixonado de vida, um generoso calor humano, e que têm uma consistência literária perdurável, apesar das tortuosidades do estilo e das impropriedades de alguns conceitos.*

**História da Literatura Brasileira** - Nelson Werneck Sodré

Em 2009, ano em que celebramos o centenário do escritor, funcionário público, repórter de guerra, sociólogo, cronista, engenheiro e viajante Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, mais conhecido nos anais da literatura e da história brasileira como Euclides da Cunha, organizamos uma série de conferências, onde discutimos aspectos da obra deste escritor exponencial da Literatura Brasileira, autor de relevo nos estudos da cultura brasileira e sul-americana.

No Brasil de 1900, a nossa intelectualidade era intoxicada pelo que Brito Broca<sup>1</sup> (1960, p.91) costumava chamar de *parisina*, uma espécie de *droga* que fazia com que os nossos Homens de Letras delirassem, sonhassem, vestissem e escrevessem conforme as receitas parisienses. Euclides da Cunha, com sua forte personalidade e estilo inconfundível, caminhava em sentido contrário, ou seja: desejava percorrer o território do Acre, acalentava esse sonho de pioneiro, de desbravar o território brasileiro e, desta forma, dizia estar servindo o seu país.

Broca (1960, p.100) esclarece que, quando seus colegas perguntaram-lhe se gostaria de visitar Paris, Euclides da Cunha respondia que sim, mas para lecionar história-sul-americana, para ensinar aos franceses a história da nossa civilização e não para aprender simplesmente literatura e cultura francesa, como faziam seus pares. Neste sentido, a proposição de Euclides é ousada para aquela época, já que está a estimular um intercâmbio cultural entre as duas civilizações, e não apenas a assimilar a cultura estrangeira. Para muitos autores, com os textos de Euclides nasce a consciência de um *americanismo*, de um sentimento de pertença à América Latina.

Cabe ressaltar que esse processo de descolonização é, primeiramente, observado na linguagem. O autor português Pereira Sampaio Bruno (apud CUNHA, 1975, p.4-5), ao fazer seu comentário sobre a obra **Contrastes e confrontos**, de 1907<sup>2</sup>, afirma que Euclides da Cunha foi um dos primeiros escritores a escrever no português da América e a transmitir colorido à nossa língua ao inserir

dialetos indígenas e africanos e suas fusões, ao valorizar a linguagem popular do sertão, a terminologia geográfica, os termos técnicos que ele introduziu com vigor na prosa portuguesa, o vocabulário arcaico de mistura com o novo: “O pensamento autônomo, pessoal e próprio”, a “forma literária insinuosamente perfeita”, “algumas pequenas obras-primas de precisão”, e em *Os sertões*, as sessenta páginas sobre a terra, [está] “entre o que de mais poderoso se tem escrito em prosa portuguesa” (...) e de um português não agastado, porém, receptivo, cheio de entusiasmo pelo valor novo que se firmava no território linguístico e cultural em que ambos se movimentavam de maneira inteiramente diversa (CUNHA, 1975, p.30).

Inicia-se, pois, lentamente, um processo de descolonização literária e cultural evidentemente muito insipiente, se pensarmos que os escritores da República Velha, da qual fazia parte Euclides da Cunha, são herdeiros da mentalidade lusitana colonial, expressam em seus textos hábitos, comportamentos e ideias do período precedente à República. Esse processo de mudança de mentalidade - de que Euclides da Cunha participou com destaque - não é algo que se faça do dia para noite, mas obra de muitas gerações.

O principal alvo da crítica contemporânea ao trabalho de Euclides da Cunha são as teorias arianizantes<sup>3</sup>,

<sup>3</sup> No século XIX, o conde de Gobineau, no ensaio sobre a Desigualdade das raças humanas, sustentou que, da raça ariana, nasceu a aristocracia que dominou a civilização européia e cujos descendentes eram os senhores naturais das outras raças inferiores. Essa crença de que a miscigenação gera indivíduos inferiores aos de “raça pura” influenciou fortemente Euclides da Cunha e sua geração. A própria ciência tratou de contestar, através de seus estudos de genética, antropologia, sociologia, apenas para citar alguns, a impossibilidade de qualquer superioridade racial.

<sup>1</sup> BROCA, Brito. **A vida literária**: 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. **Contrastes e confrontos**. São Paulo: Cultix, 1975.

baseadas em conceitos raciais europeus, presentes nos textos do autor. Conforme Gilberto Freyre<sup>4</sup>:

Tais preconceitos (arianizantes) foram gerais no Brasil intelectual de 1900: envolveram às vezes o próprio Silvio Romero, cuja vida de guerrilheiro de idéias está cheia de contradições. Só uma exceção se impõe de modo absoluto: a de Alberto Torres, o primeiro, entre nós, a citar o Professor Franz Boas e suas pesquisas sobre raças transplantadas. Outra exceção: a de Manuel Bonfim, turvando, entretanto, nos seus vários estudos, por uma como mística indianista ou indianófila semelhante à de José de Vasconcellos, no México (FREYRE, 1944, p.41).

Essas teorias arianizantes, que à época de Euclides da Cunha se pretendiam científicas, foram depois desacreditadas pela própria ciência. Como bem expôs Gilberto Freyre, representam um fenômeno de época. Certamente, não podemos pensar a identidade nacional como a pensava Euclides da Cunha, ou seja, dentro da perspectiva de um padrão racial e cultural que exclui a maioria dos brasileiros que nascem e vivem no Brasil e sem a contribuição do estrangeiro, em especial dos imigrantes. Isto seria reforçar a tese, ou, melhor dizendo, recriar o famoso mito da identidade única. Hoje, no Brasil, fazemos elogio à miscigenação, à diferença, proclamamos

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. **Em perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1944.

com orgulho a nossa identidade mestiça, a nossa diversidade cultural. Neste sentido, a obra de Euclides da Cunha constitui-se como um marco para refletirmos como se constroem estereótipos e preconceitos, como esses modelos de representação se disseminaram em nosso imaginário nacional.

Pensando o Brasil pela perspectiva oficial, ou seja, pelo viés do oficialato, não esqueçamos que Euclides da Cunha fazia parte do *establishment*, a fisionomia do esquecido e miserável povo brasileiro começa a se configurar nas páginas de nossa literatura, a partir dele.

Ao produzir **Contrastes e confrontos**, o escritor redesenha a cartografia nacional, sublinhando as especificidades e as identidades locais de cada região do nosso território. Essa mudança de foco em sua análise terá incidência em nossa produção cultural. Tornar-se-á visível no movimento do Romance de 30 e terá ainda consequências diretas nos estudos literários como, por exemplo, na obra **Uma interpretação da Literatura Brasileira: Um arquipélago cultural**, de Vianna Moog<sup>5</sup>, momento em que a historiografia literária começa a analisar a Literatura Brasileira, a partir da sua diversidade cultural.

Contudo, um dos maiores traços da contemporaneidade da obra euclidiana, e que vale a pena ser retomado, é o aspecto ecológico, os seus estudos sobre a Amazônia. Entre outros méritos, Euclides foi um dos primeiros brasileiros a pisar na região amazônica e a destacar a sua importância em relação ao restante do território brasileiro. Para os partidários da *ecocrítica*, que estuda as relações entre literatura e meio

<sup>5</sup> MOOG, Vianna. **Uma interpretação da Literatura Brasileira: Um arquipélago cultural**. POA: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2006.

ambiente físico, a obra de Euclides da Cunha constitui-se como referência obrigatória. Em sendo assim, é com muita propriedade e justiça que Nelson Werneck Sodré concede ao escritor Euclides da Cunha o título de *intérprete do Brasil*. Múltiplas interpretações sobre o Brasil emergem das páginas euclidianas. Seus textos são matriciais, fundadores, para pensarmos a cultura brasileira. Neste livro, pretendemos desdobrá-los, em novas possíveis interpretações. O conjunto de ensaios aqui reunidos viajam pelo Brasil, seguindo o percurso intelectual de Euclides da Cunha.

Esperamos que os trabalhos aqui reunidos, tanto tempo depois de vivida a saga de Canudos e de sua construção narrativa, bem como a múltipla obra de Euclides da Cunha, possa ajudar a repensar o país e a própria significação da produção intelectual desse grande escritor, um dos maiores que nosso país já produziu.

**Maria Regina Barcelos Bettiol  
Antonio Hohlfeldt  
(Organizadores)**



# O REPÓRTER EUCLIDES DA CUNHA EM CANUDOS<sup>1</sup>

*Antonio Hohlfeldt*

“Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo inda na mente  
Muitas cenas do drama comovente (...)”

**Euclides da Cunha, em “Página vazia”, 14.10.1897**

Em texto recente, que faz a revisão da historiografia brasileira, Jacqueline Hermann afirma que “Canudos foi, seguramente, o movimento de religiosidade popular mais estudado entre todos os inúmeros exemplos já conhecidos no Brasil” (HERMANN in FERREIRA; DELGADO, 2006, p. 138).

Do mesmo modo, estudiosos do fenômeno midiático no país destacam que “a Guerra de Canudos foi, no Brasil, o acontecimento jornalístico mais importante do ano de 1897” (SARMATZ, 1995). Walnice Nogueira Galvão, que mapeou toda a cobertura dada ao evento, chega a registrar que, “a esta altura, o assunto é tão candente que ‘Sobre Canudos’ torna-se seção e passa a sair com regularidade [no jornal O País]” (GALVÃO, 1994, p. 59).

O que significava exatamente os acontecimentos de Canudos e como a imprensa os via, é o que nos interessa aqui, para compreendermos e valorizarmos a função do

repórter Euclides da Cunha, enviado por Júlio Mesquita, em nome de O Estado de São Paulo, para o acompanhamento do que viria a ser a derrocada de Canudos.

## **Canudos e Antônio Conselheiro**

Antonio Vicente Mendes Maciel nasceu em Quixeramobim, estado do Ceará, segundo alguns em 1828, segundo outros em 1830. Casou-se em 1857, mas foi traído pela mulher, que fugiu com um militar; é preso em 1877, acusado de matar a esposa e a mãe, mas é solto por falta de provas. Desde pouco antes, por volta de 1870, aos 42 anos de idade, começa a preocupar as autoridades eclesiásticas, pois começa a percorrer os sertões autodenominando-se enviado de Deus. Em 1877, começa a inquietar também as autoridades civis, pois opõe-se claramente a algumas das medidas adotadas pela República. Em 1895; chega a Vaza-Barris, fazenda abandonada, que ocupa com alguns seguidores, já

<sup>1</sup> Versão preliminar foi apresentada na mesa redonda “O centenário de Euclides da Cunha – A epopéia de Canudos”, organizada pela Profa. Dra. Maria Regina Barcelos Bettiol, para a Livraria Cultura de Porto Alegre, no dia 27 de abril de 2009. Reapresentada no âmbito da LIII Feira do Livro de Porto Alegre, a 5 de novembro de 2009, no Memorial Erico Veríssimo.

agora com 65 anos de idade. Belo Monte transforma-se rapidamente, preocupando o Governador Luís Viana. Mas os acontecimentos vão se precipitar, conforme nos narra o próprio Euclides da Cunha, em outubro de 1896, quando Antônio Conselheiro encomenda e paga – adiantada – madeira para construir uma capela no arraial, madeira que não lhe é entregue. Isso desencadeia um primeiro choque dos seguidores de Maciel. Intrigas políticas provocam o Governador a enviar contra ele uma tropa.

Seguem-se as campanhas conhecidas: em 1896, um contingente policial segue sob o comendo do Tenente Manuel de Silva Pires Ferreira com 3 oficiais e 113 praças, além de dois guias, sendo logo dizimado. No mesmo ano, um segundo ataque é desferido, agora sob o comando do Major Febrônio de Britto, contando 10 oficiais, canhões, uma metralhadora e cerca de 600 homens, igualmente derrotados.

Já no âmbito do Exército, uma terceira campanha é desenvolvida em março de 1897, sob o comando do Coronel Antonio Moreira César, com mais de 1300 homens, 6 canhões e forte aparato bélico. Mas o coronel morre em combate, logo nos primeiros dias, e a força é retroage. Esse acontecimento vai provocar comoção em todo o país. Em Salvador e no Rio de Janeiro, jornais monarquistas são atacados e depredados, pois se entende que os agora já denominados “rebeldes” de Canudos estão vinculados aos monarquistas.

É de 14 de março de 1897 o primeiro artigo que toca no tema, de autoria de Euclides da Cunha. Ele comenta o envio das tropas comandadas por Moreira César, num texto intitulado “A nossa Vendéia” (CUNHA, 1897). O título aludia a um acontecimento histórico do século XVIII,

em que camponeses da região da Vendéia (Vendée), na França, rebelaram-se contra decisões do governo revolucionário que executara o rei, laicizara o Estado e vinha estabelecendo cobrança de impostos e recrutamento militar que desagradava aos camponeses. Jean Nicolas Stofflet e Jacques Cathelineau foram seus líderes. A rebeldia, entre 1793 e 1796, foi combatida fortemente pelo governo revolucionário, mas movimentos de rebeldia continuaram até por volta de 1800. Cerca de 15 mil pessoas foram mortas na ocasião.

Depois de descrever geologicamente a região baiana, Euclides da Cunha escreve:

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e duas estações de águas, na azáfama ruidosa e álaque das vaquejadas, os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido – das amplas pernas ao chapéu de abas largas – tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida faca de arrasto, com que investe e rompe intrincados cipoais (CUNHA, 1897).

Após a derrota da tropa de Moreira César, a 3 de março de 1897, Euclides da Cunha voltou ao assunto, em artigo publicado no dia 17 de julho de 1897, sob o mesmo título (CUNHA, 1897). O artigo, bem mais longo, é também

muito crítico em relação às ações do governo. “A profunda estratégia européia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar pior que a tática russa do deserto”, analisa ele, identificando o movimento de guerrilha que caracterizaria os ataques dos rebeldes. Repetindo a descrição do tipo físico do sertanejo, ele acrescenta, enquanto interpretação:

O jagunço é uma tradição justalinear quase do iluminado da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida, a mesma indiferença pela morte, dão ao mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo. Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias (CUNHA, 1897).

Defendendo o valor dos soldados que então haviam sido derrotados, valoriza a saída das novas tropas, a chamada Quarta Expedição, agora sob o comando do General Artur Oscar de Andrade Guimarães, com cerca de vinte mil homens e o armamento mais moderno posto à disposição do Exército. O próprio Ministro da Guerra, Marechal Machado Bittencourt, acompanha a tropa, e é como tenente reformado, que Euclides da Cunha acaba seguindo neste grupo, adido do Estado Maior do Ministro. Ainda desconhecendo que virá a integrar esta tropa, contudo, ele antecipa:

As tropas da República seguem lentamente, mas com segurança, para a vitória. Fora um absurdo exigir-

lhes mais presteza (...) Amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude aos sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales (...) os soldados da República.

Euclides da Cunha colocava-se claramente contrário aos rebeldes e em favor da República como na valorização da tropa. Logo se verá, contudo, que as observações de campo, bem como sua absoluta honestidade intelectual (OLIVEIRA, 1983, p. 77) vão-no levar a profundas modificações na avaliação que fará do movimento.

Aluta será rápida, mas profundamente violenta. Saindo em agosto de 1897, para a cobertura dos acontecimentos, já no dia 22 de setembro de 1897, Euclides da Cunha pode documentar a morte de Antônio Conselheiro. Cerca de 5 mil casebres, abrigando mais de 25 mil pessoas, são absolutamente destruídos pelas tropas militares, quando, no dia 5 de outubro de 1897, os últimos resistentes são mortos e a vitória alcançada. Evidentemente, Euclides da Cunha não viu tudo o que aconteceu, até porque, depois do deslocamento do Rio de Janeiro, permaneceu 24 dias em Salvador, à espera do deslocamento para o interior (RABELLO, 1983, p. 82). Mas soube ver e tratou de compreender, transmutando o “preconceito inicial”, na expressão de Wilson Martins (1977, Vol. V, p. 6), de um “republicano convicto” (MOURA, 1964, p. 51) num verdadeiro grito de horror e numa forte denúncia do abandono em que viviam e ainda hoje vivem nossas

populações interioranas, de que as mudanças de avaliação, ocorridas entre os textos jornalísticos e a versão final do livro bem atestam.

### Colaboração de Euclides na imprensa

“O jornal era o mais eficiente veículo de comunicação de massa no Brasil do final do século [XIX]”, avalia Walnice Nogueira Galvão (1994, p. 5-6). A variedade dos escritos é surpreendente para um leitor atual, mas levando-se em conta que, proporcionalmente, haveria mais jornais naquela época que nos dias de hoje, sobretudo devido às disputas então travadas em torno das ideologias republicanas e monárquicas, deve-se lembrar que a maioria desses jornais – pasquins, tão somente, alguns, agressivos e mal redigidos – tinham vida efêmera, ou porque eram empastelados ou porque seus responsáveis arrefeciam seus ardores tão logo enfrentassem as autoridades. Se em São Paulo destacavam-se O Estado de São Paulo, o Correio Paulistano (futura Folha de São Paulo) e O Comércio de São Paulo, o Rio de Janeiro, como capital da república, multiplicava suas publicações, como o Jornal do Brasil, A Notícia, O País, O Jornal do Comércio, A Gazeta de Notícias, o República, a Folha da Tarde, e assim por diante.

Visualmente, eram jornais pesados, pois ainda inexistia a ilustração. Assim, apresentavam-se com colunas estreitas, quase sempre em número de oito, já que a maioria absoluta dos jornais era *standard*, paginados de alto a baixo. “Mas a monotonia é apenas visual”, alerta Walnice Nogueira Galvão, que acrescenta:

A leitura desses jornais é fascinante (...) O jornal dessa época acolhe em suas páginas material variadíssimo e que hoje se encontra disperso pelos outros veículos. É ao mesmo tempo um jornal mais literário e menos literário. Mais, porque nele são freqüentes os contos, os poemas, as crônicas, e porque nele escreveram regularmente grandes nomes da criação literária (...) e menos: o estilo jornalístico, ainda muito pouco desenvolvido, peca a todo o momento pela incorreção da linguagem (...) o jornal era um mosaico constituído por fragmentos de natureza vincadamente díspar (...) suscita no leitor de hoje a opinião de que tudo, mas *tudo*, se passa nas páginas dele. E não só se passa como se cria, sejam incidentes, intrigas ou até mesmo conspirações (GALVÃO, 1994, p. 17 e 18).

Canudos vai se tornar notícia de jornal, sobretudo a partir da derrota de Moreira César. E as fontes não eram apenas correspondentes regionais dos periódicos ou enviados especiais, o que vai ocorrer apenas na etapa final da luta. As fontes eram, em sua grande maioria, os próprios militares que lá estavam e que, escrevendo para as suas famílias, avaliavam bem a necessidade de manter informada a opinião pública e *pediam* que as mesmas fossem levadas até as redações. Temos, pois que, fundamentalmente, o que o leitor conhecia da rebeldia sertaneja era uma versão, se não oficial, ao menos *oficiosa*

da luta, porque suas fontes estavam sempre do lado dos republicanos. Isso não significa que algum jornalista enviado ao campo de batalha não enfrentasse perigos e até encontrasse a morte. Foi o caso de Francisco de Paula Cisneiros Cavalcanti, que escrevia para A Notícia. Ele veio a falecer em 18 de julho, em combate, porque a maioria desses correspondentes acabava viajando na condição de militar, como vai ocorrer, aliás, com o próprio Euclides da Cunha, só que, neste caso, ele já se encontrava reformado. Cisneiros era Alferes, assim como Manuel Benício, que escrevia para o carioca Jornal do Comércio, era capitão (MARTINS, 1997, p. XII).

A derrota de Moreira César provoca a curiosidade dos jornais, que por seu lado refletem a curiosidade do leitor. Assim, um levantamento sumário de Walnice Nogueira Galvão destaca alguns dos correspondentes então enviados ao cenário da guerra: a Gazeta de Notícias enviou Júlio Procópio Favila Nunes, gaúcho, que já cobria a Revolta da Armada; O Estado de São Paulo escolheu Euclides da Cunha; o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, o pernambucano Manuel Benício; o sergipano Siqueira de Menezes, tenente-coronel, escreve para O País, sob o pseudônimo de Hoche; Lélis Piedade escreve para o Jornal de Notícias, de Salvador, além de Manuel de Figueiredo, Alfredo Silva e muitos outros, nem sempre identificados pelas respectivas redações.

Sabe-se que Manuel Benício foi mandado embora, por ter transmitido informações consideradas impróprias pelo Exército (GALVÃO, 1994, p. 112), sendo substituído por outro profissional. A cobertura por ele efetuada, de certo

modo, é complementar à de Euclides da Cunha, porque ele cobre o período de 1 a 24 de julho de 1897, o que faz supor que ele permaneceu entre 24 de junho até setembro daquele ano. Euclides da Cunha, por seu lado, chega a Queimadas em 31 de agosto do mesmo ano, e a Canudos apenas em 15 de setembro, portanto, vinte dias antes da destruição da cidade (MARTINS, 1997, p. XVII).

Há enormes dificuldades para se enviar o material, quer por causa da censura militar, quer por causa da distância entre Monte Santo e Queimadas e depois a chegada a Salvador para dali ser retransmitido às bases dos jornais, em São Paulo ou Rio de Janeiro. Daí a importância das referências que O Estado de São Paulo põe a cada artigo publicado, indicando sempre a data de procedência do texto. Por exemplo, o primeiro artigo enviado por Euclides da Cunha é editado em 18 de agosto, mas fora enviado ainda a 10 de julho, portanto, mais de um mês antes! Às vezes, um artigo posterior é publicado antes, como ocorre em 23 de agosto com texto enviado no dia 7 de agosto, para no dia seguinte, 24, divulgar-se texto enviado no dia 12 de julho.

Walnice Nogueira Galvão reconhece que “a Guerra de Canudos, se não inaugurou, deve ter intensificado extraordinariamente no Brasil a praxe jornalística de dispor enviados especiais no local dos acontecimentos” (1994, p. 109). Vale a avaliação de Marcelo Bulhões:

A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-

se um traço essencial do gênero: a necessidade do jornalista – o repórter – no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos (...) Daí dizer-se que a reportagem é o ambiente mais inventivo da textualidade informativa (BULHÕES, 2007, p. 45).

No caso, especialmente O Estado de São Paulo, a Gazeta de Notícias, A Notícia e o Jornal do Commercio – os três últimos do Rio de Janeiro - destacaram-se em tal tarefa.

### **Euclides enquanto repórter**

Euclides da Cunha não se acomodava muito à profissão de engenheiro (RABELLO, 1983, p. 87). Sentia-se, na verdade, mais atraído pelo jornalismo. Alguns autores, como Franklin de Oliveira, identificam diferentes fases em seu pensamento. Assim, pode-se falar de um primeiro período, que vai de sua formação enquanto engenheiro até o início da Campanha Civilista, ou seja, entre 1884 e 1892; um segundo momento, durante a Campanha, onde ele se encontra num quase-exílio no sul de Minas Gerais, e que vai até 1895; e um terceiro, a partir deste momento, quando ele se encontra já trabalhando enquanto engenheiro, de volta a São Paulo, e inicia suas colaborações para o jornal O Estado de São Paulo (OLIVEIRA, 1983, p. 37). Quando o jornal o envia para os sertões baianos, “Euclides não tinha senão uma intuição muito rarefeita da realidade brasileira”. (OLIVEIRA, 1983, p. 47).

Clóvis Moura prefere falar em quatro fases, assim identificadas: a) da formação na Escola Militar à viagem à Bahia, com a predominância do positivismo comtiano; da viagem a Salvador até sua chegada a Canudos, quando assume uma posição crítica à ortodoxia republicana; uma terceira fase, de seu regresso de Belo Monte, até o lançamento de *Os sertões*, em 1902, quando busca basear-se nas teorias então em voga para bem explicar os acontecimentos a que assistira, mas onde remanesce certo racismo em torno dos sertanejos; e, enfim, uma quarta fase, desde esse momento a seu concurso acadêmico, quando revisa suas posições teóricas e aprofunda a interpretação da realidade brasileira que tentava entender (1964, p. 18).

Nicolau Sevcenko, estudando o conjunto de produção euclidiana, por seu lado, identifica a multiplicidade de gêneros, que vão da historiografia à geografia, passando pela crônica, a epistolografia e a poesia (SEVCENKO, 1983, p. 134). Curiosamente, o crítico não menciona o jornalismo, a não ser que aquela referência à crônica signifique tal campo. No entanto, deve-se destacar o jornalismo euclidiano que, por seu lado, dividir-se-ia, este sim, entre a crônica e a reportagem. No caso da crônica, poderíamos integrar o significativo número de artigos que ele publicara antes de viajar para a Bahia e que voltaria a divulgar, quando de sua volta. Na reportagem, caberia especialmente o conjunto dos textos enviados desde Canudos, mas também outras séries produzidas, por exemplo, quando de sua ida ao norte do país.

O próprio Sevcenko registra o fato de Euclides da Cunha ter dirigido um jornal socialista em São José do Rio

Pardo, chamado O proletário (SEVCENKO, 1983, p. 151). Sua estréia em O Estado de São Paulo<sup>2</sup> ocorreu em 22 de dezembro de 1888, quando comenta a transferência de Deodoro da Fonseca para o sul de Mato Grosso, suspeito de atividades políticas (ANDRADE, 2002, p. 49). Uma semana depois, divulgaria novo artigo, sob o título “Revolucionários”, em que defende ser o homem “filho de sua região” e de seu tempo. Nove dias mais tarde, um terceiro artigo pode ser lido, iniciando a série de artigos chamada “Atos e palavras”, em que analisava o contexto político do momento, sob o pseudônimo de Proudhon. Tem 22 anos de idade, e sonha com a república. No dia 24, escrevia o último artigo da série e se preparava para retornar ao Rio de Janeiro, intentando cursar a Escola Politécnica, de que desiste, aparentemente, por falta de meios para financiar os estudos.

Do Rio de Janeiro, continua enviando artigos para o jornal paulista, ao longo dos meses de maio e junho de 1889. Depois da república, distancia-se um pouco do jornalismo, mas retorna, em 4 de março de 1897, para escrever sobre a distribuição dos vegetais no estado paulista – tema, portanto, mais diretamente vinculado às suas atividades profissionais do que a sua eventual militância política. Dez dias mais tarde, contudo, já conhecida a derrota de Moreira César, edita o primeiro texto de “A nossa Vendéia”, a 14 de março, o que vai lhe valer, logo depois, o convite para a viagem.

Andrade afirma que o jornal A Província de São Paulo “era um jornal vivo e atuante, cujas páginas ensinam muito daquele tempo que adorava o folhetim e

era familiar à polêmica” (ANDRADE, 2002, p. 49). José Marques de Melo e Adolpho Queiroz mostram que o jornal tinha significativa tiragem para a época. Francisco Rangel Pestana e Américo Brasiliense fundaram o jornal a 4 de janeiro de 1875, com quatro páginas, das quais uma e meia era ocupada por publicidade, sendo propriedade da empresa Pestana, Campos & Cia., formada por mais de quinze republicanos paulistas e administrado por José Maria Lisboa (MELO; QUEIROZ, 1998, p. 163). Para a sua impressão, usava um prelo Alouzet movido a mão, para o que recrutara alguns negros livres. Era uma tarefa tão difícil que a primeira edição circulou com três dias de atraso. O jornal, embora claramente republicano, apenas a partir de 1884 assumiria explicitamente sua ideologia, depois de já firmado financeiramente, quando troca de propriedade e passa a ser editado pela empresa Alberto Salles & Cia. Salles, contudo, retirou-se no ano seguinte, diante da situação financeira precária do jornal. Naquele ano, entra para o jornal Júlio Mesquita, que assume a direção do mesmo em 1891, quando Rangel Pestana se elege para o senado. A Província de São Paulo participou ativamente da campanha republicana e logo após a proclamação da república, troca seu nome para O Estado de São Paulo. Foi o primeiro diário a ser vendido nas ruas da cidade, a partir de 23 de janeiro de 1876.

Em 1897, foi pioneiro na decisão de enviar um correspondente à Bahia para acompanhar os acontecimentos de Canudos. Júlio Mesquita tornar-se-ia proprietário do jornal em 1902, dentre outros motivos, justamente por esta perspectiva mais aberta que

<sup>2</sup> Destaque-se que, neste momento, o jornais ainda se chama A Província de São Paulo, pois estamos ainda ao tempo do império.

evidenciava em relação ao jornalismo: tratava-se, como registra Sylvio Rabello, “de uma inovação nos métodos do jornalismo: a reportagem colhida ao vivo” partindo a 4 de agosto para Salvador (RABELLO, 1983, p. 90). O pesquisador acompanha a viagem, desconfortável, a bordo do navio “Espírito Santo”, a permanência de 24 dias na capital baiana; e, enfim, sua partida, a 30 de agosto, acompanhando o Ministro da Guerra. Para isso, teve de pedir licença especial para afastar-se de seu trabalho, o que lhe foi dada (ANDRADE, 2002, p. 130).

Se o correspondente achava-se insatisfeito com a situação, não deixava de cumprir com suas obrigações, e bem. Verifica-se que ele enviou artigos variados ao longo deste período, ora descrevendo Salvador e o clima que envolvia a revolta, escrevendo, por exemplo: “A população, vivamente emocionada, rodeia-os de uma simpatia respeitosa e espontânea”, como refere em 18 de agosto a propósito da chegada de soldados vindos de Monte Belo; ao mesmo tempo, avalia as missões militares anteriores com espírito crítico:

Todos os oficiais que inquiri acordam confirmando dois graves erros de que se aproveitaram habilmente os jagunços (...) O primeiro apontado completa outros que perturbam altamente a marcha da primeira coluna (...) Na investida definitiva a Canudos, a disposição geral dada ao ataque foi de tal natureza que, logo à entrada da grande aldeia, baralharam-se batalhões e brigadas, enredaram-se, anularam-se as fileiras sem

ordem, a tumultuadamente avançando (CUNHA, 1897).

No dia 24 de agosto, contudo, descreve vivamente a chegada dos soldados:

Ao apontar, vingando a última curva da estrada, um lúgubre comboio, a multidão, estacionada na gare, emudecida, vai terminando bruscamente o vozear indistinto, e olhares curiosos convergem para a locomotiva que se aproxima (...) Os feridos chegam num estado miserando (...) Dificilmente se distingue uma farda despedaçada e incolor: calças que não descem além dos joelhos, reduzidas a tangas, toras, esburacadas, rendilhadas pela miséria.

É evidente que Euclides da Cunha não se limita a observar. Ele conversa, recolhe dados, faz suas anotações e interpreta. É significativa, neste sentido, a reportagem de 27 de agosto, quando se refere à chegada de um “assustado adolescente”, Agostinho, trazido prisioneiro pelo Coronel Carlos Telles à cidade. Com apenas 14 anos,

fragílimo e ágil, olhos pardos, sem brilho; cabeça chata e fronte deprimida; lábios firmes e incolores, entreabertos num leve sorriso perene, deixando perceber os dentes pequeninos e alvos (CUNHA, 1897).

Euclides registra que o rapaz “responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas”, descrevendo nitidamente as lideranças do movimento, de João Abbade, “mameluco, quase negro”, a Pajeú, “hoje morto, caboclo alto e reforçado”, passando por Villa Nova, Pedrão, Macambira – “velho rebarbativo e feio” – Manoel Quadrado, José Feliz, o Tramela e, enfim, Antônio Conselheiro. Quando indagado a respeito do armamento, o rapaz responde prontamente:

Antes da primeira expedição consistia em espingardas comuns, bacamartes e bestas destinadas, estas últimas, em cujo maneiio são incomparáveis, não perdendo uma seta, à caçada dos mocós velozes e esquivos. Seis ou sete espingardas mais pesadas, de bala – carabinas Comblain, talvez. Depois do encontro em Uaná, e das expedições que o sucederam é que apareceram novas armas, em grande número, no arraial. Os canhões deixados pela coluna de Moreira César, cujo maneiio não puderam compreender, foram depois de inutilizados a golpes de alavanca e malhos, atirados num esbarrondadeiro próximo.

Eis a síntese e a conclusão: era o próprio exército brasileiro que, ao abandonar o armamento, armava os rebeldes. Mas o que esperariam eles, afinal, quando a luta terminasse? Ainda aqui, a perspectiva dramática que a narrativa de Euclides da Cunha assume (RABELLO, 1983, p. 198), resume: “A resposta foi absolutamente inesperada. - Salvar a alma”.

A avaliação que Olímpio de Souza Andrade faz do trabalho do repórter Euclides da Cunha é categórica:

Como repórter de gênio que nobilitava extraordinariamente a grande reportagem, enviou para o seu jornal as notas completas, perfeitas, de um realismo que, uma vez ou outra, contrariava a falsa opinião que daquilo tudo fazia o país inteiro, e o seu próprio jornal (ANDRADE, 2002, p. 131-132).

Por isso, embora sendo o último a chegar ao teatro dos acontecimentos (ANDRADE, 2002, p. 159), não se pode comparar seu trabalho ao dos demais. Ele acompanhou ao vivo tudo o que pode. Assumindo a primeira pessoa do singular, desde o primeiro boletim, é enquanto depoimento pessoal, ao mesmo tempo emocionado e crítico que ele escreve, como uma espécie de “Conrad às avessas”, como registra Olímpio de Souza Andrade, para evidenciar que Euclides da Cunha, ao contrário de Joseph Conrad, também repórter, foi muito mais crítico, constituindo, por isso mesmo, obra única (MARTINS, 1977, Vol. V, p. 4), sobretudo porque o jornalista abdicou de toda e qualquer ficção (SEVCENKO, 1983, p. 131), contrariando o que a imprensa aceitara, desde logo, como uma “grande conjura monarquista, agindo nos sertões baianos” (SODRÉ, 1977, p. 307).

Foi importante, para a fidelidade dos fatos e do clima que o repórter encontrou na região, a utilização de suas cadernetas de anotações, onde registrava rapidamente as primeiras impressões e que depois consultava quando

desenvolvia o texto a ser enviado. Ele não seguia uma ordem, contudo. Levava vários nos bolsos e escrevia no que lhe caísse mais à mão. Assim, num deles podemos encontrar anotações sobre as trincheiras da Gamboa, de 1893, mas também de Canudos, em 1897... (ANDRADE, 2002, p. 153), o que leva alguns de seus estudiosos a entender que as cadernetas foram verdadeiras matrizes não apenas das reportagens, mas, sobretudo, do livro que ele iria publicar em 1902 e que o consagraria definitivamente.

Olímpio de Souza Andrade publicou um destes cadernos, aquele mais diretamente vinculado à campanha de Canudos (CUNHA, 1975, p. 18). Avalia que tais anotações permitem ao repórter não ser traído pela memória. Mais que isso, permite confrontar dados e informações, constituindo, por isso mesmo, conjunto riquíssimo do processo da escrita do jornalista e do escritor. Embora muitas vezes de difícil leitura, pela letra miúda do escritor, exigindo, assim, diferentes consultas, a caderneta é fundamental para qualquer estudo mais profundo do trabalho de Euclides da Cunha naquele momento.

Está claro que não ocorreria a ninguém exigir de um repórter o que ele mesmo exigia de si, principalmente de um repórter em missão itinerante como a sua, a lutar com a precariedade das informações que o levavam a corrigir-se até ao exagero

sintetiza um pesquisador (ANDRADE, 2002, p. 137). Mas é então que a competência do repórter se manifesta.

Podem-se destacar dois tipos de registros importantes nos textos enviados por Euclides da Cunha. De um lado, os depoimentos pessoais desde sua chegada à região. De outro, os registros que faz, profundamente emocionais, de acontecimentos que envolvem prisioneiros e que lhe permite traçar a psicologia dos jagunços, sem que tenha de classificá-los, mas, ao contrário, apenas narrando e presentificando, para o leitor distante, aquilo a que assiste e transcreve com fidelidade. Leiamos algumas passagens.

Aguardando ainda, contrafeito, a próxima partida para o sertão, percorro - desconhecido e só - como um grego antigo nas ruas de Bizâncio as velhas ruas desta grande capital, num indagar persistente acerca de suas belas tradições e observando a sua feição interessante de cidade velha chegando, intacta quase, do passado a estes dias agitados (...) Calculo com aproximação razoável em dez mil homens no mínimo, a tropa que irá combater a rebeldia no sertão (CUNHA, 1897).

O trecho é grande, mas, afinal, queremos mesmo é ler Euclides da Cunha. Às vezes, o registro é vivaz, rápido, de quem está de passagem:

Aqui chegamos às cinco e meia. Alagoínhas é realmente uma boa cidade extensa e cômoda, estendendo-se sobre um solo arenoso e plano.

Ruas largas, praças, imensas; não tem sequer uma viela estreita, um beco tortuoso. É talvez a melhor cidade do interior da Bahia. Convergem para ela todos os produtos das regiões em torno, imprimindo-lhe movimento comercial notável (CUNHA, 1897).

Ou então, esta outra passagem:

TANQUINHO - São dez horas da noite. Traço rapidamente estas notas sob a ramagem opulenta de um joazeiro, enquanto, em torno, todo o acampamento dorme. Tanquinho é positivamente um lugar detestável e o viajante que vence as cinco léguas que o separam de Queimadas tem a pior das decepções ante esta lúgubre tapera de duas casas abandonadas e destruídas, quase invadidas pela galhada áspera e inextricável do alecrim dos taboleiros (CUNHA, 1897).

O azedume pode dar lugar ao entusiasmo:

CANSANÇÃO - Aqui chegamos às 9 horas da manhã - esplêndida manhã! - caminhando duas léguas a partir do Tanquinho. Cansação, felizmente, já merece o nome de povoado. Tem onze casas, algumas cobertas de telhas, e um armazém paupérrimo no qual entramos com a mesma satisfação com que aí

se penetra no Pregredior. Sentimos nos deslumbrados ante as prateleiras toscas e desguarnecidas (CUNHA, 1897).

Até chegar ao objetivo, Monte Santo:

MONTE SANTO - Finalmente chegamos, às 9 horas da manhã, à nossa base de operações, depois de duas horas de marcha. Ninguém pode imaginar o que é Monte-Santo a três quilómetros de distância. Ereta num ligeiro socalco, ao pé de magestosa montanha, a povoação, poucos metros a cavaleiro sobre os taboleiros extensos que se estendem ao norte, está numa situação admirável (CUNHA, 1897).

O outro aspecto, mais tenebroso, de certo modo, é, ao mesmo tempo, a contribuição maior do repórter: colhe ele, ao vivo, as cenas que ocorrem no dia a dia, especialmente o interrogatório de prisioneiros e o seu comportamento. Ou episódios de valentia e absoluta temeridade dos jagunços. É o caso, por exemplo, do despacho de 18 de agosto, publicado em 25 de agosto (apenas uma semana de intervalo!):

**Um Episódio da Luta** - Em dias de junho último um dos filhos de Macumbira, adolescente de quinze anos abeirou-se do rude chefe sertanejo: - Pai, quero destruir a matadeira. (Sob tal denominação indicam os jagunços o canhão Krupp,

32, que tem feito entre eles estragos consideráveis). Sinistro cabecilha, espécie grosseira de Imanus acobreado e bronco, fitou-o impassível: - Consulta o Conselheiro - e vai. E o rapaz seguiu acompanhado de onze companheiros atrevidos (...). O exército repousava... Nisto despontam, emergindo cautos, à borda do moto rasteiro e trançado de árvores baixas a esgalhadas, na clareira em que estaciona a artilheria, doze postas espantados - olhares rápidos a perscrutando todos os pontos, - doze rostos apenas de homens ainda mergulhados, de rastos, no seio trançado das macambiras. E surgem lentamente; ninguém os vê; ninguém os pode ver; - dá lhes na costas, numa indiferença soberana, o exército que repousa (...) Formam-se rapidamente os batalhões; num momento os atacantes ousados vêm-se, presos, num círculo intransponível de baionetas e caem sob os golpes e sob as balas. Um apenas se salva, golpeado, baleando, saltando, correndo, rolando, intangível entre os soldados, atravessando, uma rede de balas, vingando os pontos das baionetas, caindo em cheio nas catingas que atravessa velozmente e despenhando-se, livre afinal, alcandorado sobre abismos, pelos pendores aprumados da montanha... Estas e outras histórias, contam-nas, aqui, os soldados, colaboradores

inconscientes das lendas que envolverão mais tarde esta campanha crudelíssima (CUNHA, 1897).

Ou então, este outro relato:

Escrevo rapidamente estas linhas, no meio do tumulto quase, enquanto a fuzilaria intensa suleia os ares a cem metros de distância. Acabam de chegar alguns prisioneiros. O primeiro é um ente sinistro; um estilhaço de granada transformou-lhe o olho esquerdo numa chaga hedionda, de onde goteja um sangue enegrecido; baixo e de compleição robusta, responde tortuosamente a todas as perguntas (...) Nada revela. Chegam mais duas prisioneiras, mãe e filha; a primeira esquelética e esquelética - repugnante, a segunda mais forte e de feições atraentes. Evitam igualmente tanto quanto possível responder ao interrogatório do general. A filha apenas revela: - Villa-Nova esta noite lascou o pé no caminho (2) e há um lote de dias 93) que um despotismo de gente (4) tem abancado (5) para o curube o Caipan. Está com muitos dias que há fome em Belo Monte. A velha nada sabe, evita todas as respostas e nada pode dizer sobre o número de inimigos porque só sabe contar até quarenta! Morreu-lhe o marido há meia hora; era um baiano truculento; expirou atravessado pelas balas, cinco minutos depois de haver morto com um tiro de bacamarte ao

alferes do 24º Pedro Simões Pontes e murmurou com um sorriso sinistro ao expirar: - Estou contente! Ao menos matei um! Viva o Bom Jesus! (CUNHA, 1897).

No relato seguinte, mais episódios envolvem prisioneiros e dão conta de sua fidelidade a Antônio Conselheiro:

Mulheres aprisionadas na ocasião em que os maridos caíam mortos na refrega e a prole espavorida desaparecia na fuga, aqui têm chegado (...) Uma delas acaba de ser conduzida à presença do general. Estatura pequena, rosto trigueiro, cabelos em desalinho, lábios finos e brancos, rugados aos cantos por um riso doloroso, olhos vesgos, cintilantes; trás ao peito, posta na abertura da camisa, a mão direita, ferida por um golpe de sabre. - Onde está teu marido? - No céu. - Que queres dizer com isto? - Meu marido morreu. E o olhar correu rápido o fulgurante sobre os circunstantes sem se fitar em ninguém (...) - Há muita gente aí, em Canudos? - E eu sei? ... eu não vivo navegando na casa dos outros. Está com muitos dias que ninguém sabe por via das peças. E eu sei contar? Só conto até quarenta e rola o tempo p'ra contar a gente de Belo Monte... - O Conselheiro tem recebido algum auxílio de fora, munições, armas?... - E eu sei? Mas porém em Belo Monte não manca arma

nem gente p'ra brigar. - Onde estava seu marido quando foi morto? Esta pergunta foi feita por mim e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar. - E eu sei? (...) E eu sei?... Este e eu sei? É o início obrigado das respostas de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, encimando todos os períodos, cortando persistentemente todas as frases. - Fugiram muitos jagunços hoje, no combate? - E eu sei? meu marido foi morto por um lote de soldados quando saía; o mesmo tiro quebrou o braço do meu filho de colo... Fiquei estatalada, não vi nada... este sangue aqui na minha manga é do meu filho, o que eu queria era ficar lá também, morta... (CUNHA, 1897).

O repórter revela sentimentos pessoais e os transmite ao leitor, quando adentra a cruel realidade de Monte Santo:

O interior das casas assusta... Compreende-se que haja povos vivendo ainda, felizes e rudes, nas anfratuosidades fundas das rochas (...) mas não se compreende a vida dentro dessas furnas escuras e sem ar, tendo como única abertura, às vezes, a porta estreita da entrada e cobertas por um teto massiço e impenetrável de argila sobre folhas de icó! Quando o olhar do observador se acomoda afinal à penumbra que reina no interior percebe uma mobília que é a de todas as casas

quase: um banco grande e rosseiro (uma tábua sobre quatro pés não torneados); dois ou três banquinhos; redes de cruá; dois ou três baús de cedro de três palmos sobre dois. É toda a mobília. Não há camas; não há mesas, de um modo geral (CUNHA, 1897).

E chega, então, o final, assim resumido pelo repórter:

A artilheria fez estragos incalculáveis nas pequenas casas, repletas todas. Penetrando pelos tetos e pelas paredes as granadas explodiam nos quartos minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, as vezes o pesado teto de argila, pesadamente, como a lagem de um túmulo, completando o estrago. Parece, porém, que os mal feridos mesmo sofriavam os brados da agonia e os próprios tímidos evitavam a fuga, tal o silêncio, tal a quietude soberana e estranha, que pairavam sobre as ruínas fumegantes, quando, às 6 e 48 minutos, cessou o bombardeio (...) Nesse momento passou-se um fato extraordinário e inesperado em que pese aos números exemplos de heróica selvaticueza revelada pelo jagunço. De todas as casas, há poucos minutos fulminadas, irrompendo de todas as frinchas das paredes e dos tetos, saindo de todos os pontos explodiu uma fuzilaria imensa, retumbante, mortífera

e formidável, de armas numerosas rápida e simultaneamente disparadas - e sobre os batalhões assaltantes refluíu a réplica tremenda de uma saraivada, impenetrável, de balas! (...) Eu estava a cerca de 200 metros apenas da praça, no quartel general do general Barbosa. Desci rapidamente a encosta e entrei na zona do combate. Não gastei dois minutos na travessia (CUNHA, 1897).

Euclides da Cunha, no último artigo enviado, a 25 de outubro, e publicado no dia imediatamente após, afirma, com sinceridade: "Isto é o depoimento de uma testemunha pouco afeiçoada à lisonja banal e inútil".

### **Do jornalismo para a literatura, mas sempre jornalismo**

E mais não diz, porque, segundo muitos de seus estudiosos, ao regressar, já imaginara escrever um livro a respeito do tema (RABELLO, 1983, p. 140). Mesmo antes de partir, reunira material fornecido por Teodoro Sampaio. Também conversaria muito com Manuel Benício, que acabaria por publicar seu livro três anos antes de Euclides, pois que sua primeira edição é de 1899 (ARAÚJO apud BENICIO, 1997, p. IX). Por isso, foi-lhe importante, ao regressar, poder ficar no interior do estado de São Paulo, onde podia se dedicar com maior afinco a seu projeto. Mas enfrentava, evidentemente, a dificuldade de publicá-lo, diante das dimensões que alcançaria o trabalho. Assim, termina por financiar a primeira edição, entregue a Editora

Laemert, fato que não o imuniza contra a expectativa e a tensão do lançamento. O exame de sua correspondência bem evidencia tal situação (VENANCIO FILHO, 1997).

A primeira edição sai com muitas *gralhas*, o que o incomoda. Mas esgota-se rapidamente, e para a segunda edição, ainda a cargo da Laemmert, Euclides busca corrigir os defeitos do livro (VENANCIO FILHO, 1997, p. 78, 83 e 100).

Também o escritor Afonso Arinos, sob o pseudônimo de Olívio Barros, se adiantara a Euclides, publicando em fascículos, no O Comércio de São Paulo, de que era redator-chefe, a partir de 24 de outubro de 1897, o folhetim **Os jagunços**, que logo seria transformado em livro (GALVÃO, 1994, p. 105). Mas seria o livro de Euclides da Cunha que permaneceria como um dos depoimentos mais trágicos, mais definitivos e de mais eficiente denúncia sobre as condições de marginalização experimentada por nossos interioranos. Como avalia Franklin de Oliveira, trata-se de um “monumento da cultura ibero-americana”, porque,

antes de pensar no gênero, pensou na forma. Esta lhe deve ter parecido muito mais importante do que aquele, dado o alvo que buscava atingir. Esse alvo era a Nação brasileira. O Brasil de seu tempo era um país submerso nem verbalismo (OLIVEIRA, 1983, ps. 13 e 48).

E lançando mão da avaliação de José Maria Belo, encerra: “[trata-se de] um livro grave, onde se agitam alguns problemas capitais da nossa vida política e social” (BELO, 1956).

Apesar do sucesso e da repercussão quase imediatos do livro, ainda hoje, mais de um século passado, continuamos nos perguntando o que é exatamente *Os sertões*, o que o escritor queria com essa obra? Por que a escreveu? Para mim, é a perspectiva do jornalismo que oferece as melhores respostas. A leitura dessas reportagens nos permite verificar práticas claramente jornalísticas em Euclides da Cunha: a) levantamento antecipado de dados, a partir do momento em que recebe a pauta para a viagem; b) visita e deambulação pelos lugares, na melhor prática da reportagem contemporânea; c) fala com todo o tipo de fonte, e não apenas com as fontes oficiais, estabelecendo, assim, equilíbrio quanto aos pontos de vista apresentados; d) entrevista as pessoas mais variadas e transcreve tais diálogos, numa prática de entrevista extremamente moderna e eficiente, porque profusamente dramática; e) utilização da primeira pessoa do singular, com o que enfatiza o depoimento que suas reportagens traduzem; f) como bem registrou Walnice Nogueira Galvão, e pode-se aplicar, sobretudo, a Euclides da Cunha, seu trabalho é grande e se tornou imortal porque foi feito *no calor da hora*. É testemunho, naquela linha, que pouco depois John Reed realizaria com o mundialmente reconhecido **Dez dias que abalaram o mundo**, é o relato do *aqui e agora*, melhor característica do jornalismo, trazendo o distante para o perto e o passado para o presente, sempre atualizado.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Olímpio de Souza. **História e interpretação de “Os sertões”**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BARROS, Frederico Ozanam Pessoa de. **Euclides da Cunha**. São Paulo: Abril Cultural, 1982, Coleção Literatura comentada.

BELO, José Maria. **História da república – 1889-1954**. São Paulo: Nacional, 1956.

BENICIO, Manoel. **O rei dos jagunços**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/Jornal do Commercio, 1997.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo**. São Paulo/Brasília: Cultrix/MEC, 1975, edição de Olímpio de Souza Andrade.

\_\_\_\_\_. **A Nossa Vendéia**. In: O Estado de S. Paulo: 1897, disponível em: < [http://www.academia.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?User|ActiveTemplate=euclidesdacunha&sid=53](http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?User|ActiveTemplate=euclidesdacunha&sid=53)> Acessado em: 12 de abril de 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Brasiliense/Secretaria de Estado da Cultura, 1985. Organização de Walnice Nogueira Galvão.

FERREIRA, Jorge et DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil republicano – O tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, Vol. 1.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**. São Paulo: Ática, 1994.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Euclides da Cunha**. São Paulo: 2002, Vols. 13 e 14 dos “Cadernos de Literatura Brasileira”.

MARTINS, Paulo Emílio Matos – “*O rei dos jagunços e a historiografia de Canudos*”, prefácio a BENÍCIO, Manoel – *O rei dos jagunços*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Jornal do Commercio, 1997.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira – 1897-1914**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977/1978. Vol. V.

MELO, José Marques de et QUEIROZ, Adolpho. **Identidade da imprensa brasileira no final de século**. São Paulo: UMESP/Cátedra UNESCO, 1998.

MOURA, Clóvis. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

OLIVEIRA, Franklin de. **A espada e a letra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1983.

SARMATZ, Leandro. **A república em perigo**: Uma análise do capítulo “A quarta expedição”, d’Os sertões, e seu contexto político, Porto Alegre, PUCRS: Mimeo, 1995.

SCHWARTZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Graal, 1977.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha e seus amigos**. São Paulo: Nacional, 1938.

# NUMA VOLTA DO SERTÃO, AQUELES DESCONHECIDOS SINGULARES<sup>1</sup>

Antônio Marcos V. Sanseverino

Está assim uma nação *livre*, filha da Revolução e dos Direitos do Homem, obrigada a empregar os seus juízes, a sua polícia, se preciso for o seu exército e a sua armada, para forçar homens, mulheres e crianças a trabalhar dia e noite, sem salário.

(Joaquim Nabuco, *Abolicionismo*)

## Introdução

Uma tensão entre literatura e história, entre arte e ciência, parece ser a imagem que fica de *Os sertões*, obra difícil de ser caracterizada de modo definitivo. A cada releitura tantas minúcias chamam atenção que transformam a abordagem crítica em aproximação parcial. A cada comentário lido encontramos uma dimensão da obra revelada, que talvez leve o leitor a pensar que Euclides da Cunha compôs um discurso de várias camadas sobrepostas.

Gínia Maria Gomes (2005) traz para primeiro plano a composição constelacional das imagens que se articulam na construção de *Os sertões*. Por exemplo, o labirinto e o minotauro deixam de ser representação direta da realidade, para ser elaboração literária de Euclides da Cunha. No

presente estudo, interessa destacar que essas imagens são explicadas a partir da desorientação espacial (sertão, caatinga, Canudos) e do estranhamento que provoca o sertanejo (*Hércules-Quasímodo*). Trata-se de alguém que não conhece o lugar e se espanta com seu habitante. Busca as imagens como um modo de dar forma à visão que restou da guerra de Canudos.

Por sua vez, Flávio Loureiro Chaves destaca que o valor de *Os sertões* está na recomposição literária, fruto de lenta elaboração, publicado depois de 5 anos do confronto. Em 1897, Euclides publicou em *O Estado de São Paulo* as reportagens que mostram o acompanhamento da guerra, desde o artigo *Nossa Vendéia*, quando ainda não tinha ido para o *front* até as matérias que enviava da Bahia e que mostravam a aproximação gradual do cenário da batalha e o acompanhamento direto da última expedição militar enviada a Canudos (CHAVES, 2005, p. 123). Depois de 5 anos, em 1902, sai o livro, que se trata, na análise empreendida pelo

---

<sup>1</sup> O título parte de uma citação de *Os sertões* feita por Zilly, Berthold. (2005). O autor comentava o ceticismo de Euclides da Cunha quanto a possibilidade de representação do sertanejo pelos recursos da ciência.

crítico, de uma “alegoria do mal” (2005, p. 123), fruto de uma “descida aos infernos” (p. 124). Mais do que na reportagem ou nas teorias científicas usadas como referência, o valor na obra está, então, na sua dimensão literária, que transfigura Canudos em “um território imaginário de legitimidade universal” (p. 127), de tal modo que o particular *sertanejo* ganha dimensão universal, expressão da condição humana, “glorificação do medo” (p. 127).

Os dois críticos mostram o modo como a obra de Euclides não está presa à realidade imediata brasileira, como a reportagem de 1897. Estamos lidando com uma configuração altamente elaborada, que vai da tripartição da obra e alcança às imagens escolhidas. A partir daí, a questão do presente ensaio é saber se a matéria histórica também penetrou a obra, não apenas no conteúdo, pois isso é evidente, mas também na forma. Em outros termos, de que modo essa forma literariamente elaborada traria as marcas dos dilemas históricos. Assim, o ponto de partida está posto da colocação de Chaves de que Euclides da Cunha transfigura o sertão baiano em *território imaginário*, com legitimidade universal. O passo seguinte, então, é perguntar se no modo de fazê-lo, não teríamos uma particularidade formal nova.

Retomar a leitura de *Os sertões* é sempre um desafio, dada extensa e qualificada fortuna crítica existente. No presente artigo, não retomaremos outras leituras já feitas que seguem indicadas nas referências bibliográficas. Vale apontar, a partir do que foi posto acima, o objeto a ser estudado: o encontro do narrador com o sertanejo, o encontro de Euclides da Cunha com Canudos. Cabe enfatizar mais

uma vez que estamos lidando com o livro. Não se trata do conjunto de textos publicados em jornal, durante o ano de 1897, mas do livro publicado em 1902. Nas reportagens finais, quando Euclides escreve de Canudos, acompanhamos uma transformação da posição inicial pela experiência da guerra sertaneja, pela travessia da caatinga, pela visão de Canudos (Belo Monte) e pela visão dos sertanejos.

## Abertura

Na nota preliminar de *Os sertões* (1902), Euclides da Cunha escreve o seguinte:

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.  
E foi, na significação integral da palavra, um crime.  
Denunciemo-lo. (p. 14).<sup>2</sup>

Nessa abertura, temos uma das grandes questões de *Os sertões*, discutir o significado da expedição que derrotou Canudos, tida como uma vitória da República contra um bando de fanáticos monarquistas, isolados no interior da Bahia. Sem deixar de ser inteiramente isso, Euclides mostra que há no episódio muito mais do que uma corriqueira vitória da civilização. Ele cobriu o conflito, como jornalista de *O Estado de S. Paulo*, acompanhando a quarta expedição em 1897, formada por oito mil soldados.

<sup>2</sup> Todas as citações de *Os Sertões* foram retiradas da mesma edição: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de Canudos*. ed. crít. Walnice N. Galvão. São Paulo: Ática, 1998. Daqui para frente, passamos a indicar apenas a página de que foi retirado o trecho.

A intervenção ganhou a feição trágica e criminosa que destruiu a comunidade de Canudos, matou Antônio Conselheiro e acabou com qualquer ilusão republicana. A guerra, como experiência extrema, colocou em contato direto com a morte sem sentido, com a covardia, com o desespero. Talvez seja possível precisar que Euclides, na partida para Bahia, acreditava na legitimidade da intervenção do Estado para manter a ordem republicana (assim como acontecera na Revolta da Armada ou na Revolução Federalista no Rio Grande do Sul). Nesse sentido, haveria o gesto legítimo de preservação da ordem. O que ele viu levou a inverter as posições: o Estado passou ao ato criminoso, e o sertanejo à defensor de sua casa, de seu espaço.

Hegel expôs, da maneira mais clara, na dialética do senhor e do escravo. A superioridade do senhor funda-se na sua autonomia conquistada no limiar da morte. O senhor é senhor porque pôs à prova sua vida, afirmando sua superioridade face à morte. O estatuto do senhor não pode ser herdado, nem social, nem politicamente assegurado para uma categoria da sociedade. Ele repousa exclusivamente sobre o direito do herói, daquele que conquistou a soberania – liberdade e autonomia – comprovando efetivamente o valor de sua ação (ROSENFELD, 2005, p. 80-81).

Kathrin Rosenfield analisa a presença da concepção idealista de História que subjaz ao discurso de *Os sertões*.

Euclides da Cunha seguiria o modelo hegeliano da história do universal como revelação progressiva do espírito. No caso brasileiro, o movimento seria anômalo, seja pelo deslocamento ou pela ausência do enfrentamento de forças iguais. A formação social não se completaria de modo pleno. Nesse sentido, a figura heróica que luta pela conquista da autonomia e se eleva no enfrentamento é o sertanejo.

De certo modo, no empreendimento de Euclides, enquanto autor, temos o enfrentamento radical de alguém que teve de abandonar sua posição sedimentada para olhar para o sertanejo. De certo modo, em grande escala, o empreendimento é comparável ao romance de Raul Pompéia. Em *O ateneu*, Sérgio, narrador adulto, mostra a coragem de enfrentar o passado, o contato amargo com o mundo e com a desilusão de entrar no internato. No caso de *Os sertões*, sem deixar de ser republicano, sem deixar de acreditar na possibilidade de se conhecer o Brasil, na dimensão pública, Euclides enfrenta uma nova luta:

Sob tal aspecto era, antes de tudo, um ensinamento e poderia ter despertado grande curiosidade. A mesma curiosidade do arqueólogo ao deparar com as palafitas de uma aldeia lacustre, junto a uma cidade industrial na Suíça...

Entre nós, de um modo geral, despertou rancores. Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmos-las,

corrigir-mo-las ou anularmo-las. Não entendemos a lição eloqüente. Na primeira cidade da República, os patriotas satisfizeram-se com o auto-de-fé de alguns jornais adversos, e o governo começou a agir. Agir era isso – agremiar batalhões (CUNHA, 2002, p. 301).

Na presente citação há vários aspectos interessantes. Em primeiro lugar, temos o tom da indignação que traz a marca da ironia entre a possibilidade histórica de compreensão racional das “falhas da formação” e a atitude regressiva do “auto-de-fé”. Trata-se da reação contra jornais monarquistas depois da derrota da terceira expedição. O narrador, que estivera entre aqueles que não compreenderam o problema, acena com o núcleo de aprendizado que a guerra de Canudos traz. Trata-se de olhar para as falhas, para as fissuras. Talvez seja possível dizer que está ali, no sertão, o núcleo da formação brasileira (sua singularidade) como base recalcada da qual se sente vergonha e que se quer apagar. Euclides mostra como a mesma face reaparece na dimensão de cruzada contra “inimigos imaginários da república”, em um “mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradava pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro” (p. 381) Assim, no principal centro urbano, baluarte da modernização brasileira, o comportamento traz também a marca da irracionalidade. Esse aprendizado dá-se a partir da dimensão dolorosa de testemunhar o extermínio de uma comunidade inteira.

A dimensão da *luta de morte* se desloca da guerra, propriamente dita, para o narrador que se impõe a tarefa de compreender seu lugar na história e de testemunhar por aqueles que estão silenciados, por uma “Tróia de taipas dos jagunços” (p. 157), uma cidade destruída. Nessa dimensão, o narrador constrói uma arquitetura que mostra uma natureza que já antecipa um homem, um homem que se integrou e se formou no enfrentamento das asperezas do clima e que, regressivo, configurou o meio em que Antônio Conselheiro se constitui e organizou a *urbs monstruosa* (p. 158) que culminou numa experiência singular. A análise é perpassada pela ambiguidade, pois Euclides sabe que não é mais possível um mundo isolado, que o avanço da modernização chegaria ao sertão, ao mesmo tempo ele sabe que a forma como se dá o contato é desastroso.

Talvez seja possível dizer que estamos lidando com a visão do literal, que vive dividida na velha tragédia de Nabuco:

Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaqüerismo, como se crismou em Paris a vida elegantes dos milionários da Sul-América; a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia. A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo

o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado a nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Ápia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do Cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio dos luxos dos teatros, da moda, da política, somos sempre **squatters**, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem.

Através da leitura de *Os sertões* podemos precisar de que a primeira pessoa do plural de Nabuco traz os homens do litoral: *estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades...* Essa tensão entre o fundo histórico que há na Europa e a dimensão afetiva do país não existe para sertanejo. No isolamento de 300 anos, formou-se um tipo físico, um modo de comportamento, um conjunto de valores e uma forma religiosa, uma linguagem e uma prosódia. Enfim, Euclides, no esforço de conhecer o Brasil, descobre uma figura que lhe é estranha e que forma uma comunidade autônoma pela qual luta.

Observe-se que essa *condenação*, posta em primeira pessoa do plural, também está presente em *Os sertões*:

Não temos unidade de raça.  
 Não a teremos, talvez, nunca.  
 Predestinamo-nos á formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama garantia da evolução social.  
 Estamos condenados à civilização.  
 Ou progredimos, ou desaparecemos.  
 A afirmativa é segura (p. 71).

No capítulo de abertura da segunda parte, *O homem*, o narrador euclidiano constrói uma imagem invertida do que colocou Nabuco. A descoberta da condição de *brasilidade* dá-se para Nabuco, na Europa, onde há uma história sedimentada, uma civilização formada. No caso de Euclides, o olhar voltado para o interior descobre uma formação isolada, a mestiçagem que gerou o sertanejo, mas ela caminhou para trás na história, como aparece de modo recorrente ao longo da obra. Nesse encontro como um tipo *desconhecido*, em uma terra *ignota*, Euclides mostra a ausência de unidade de raça. Mais do que isso, chega à conclusão de que *estamos condenados à civilização*. A expressão é similar a de Nabuco, a mesma dimensão trágica de uma condenação de que, *brasileiros*, não *podemos* fugir.

Vale insistir na formação da subjetividade desse narrador que sai de sua formação, homem do litoral para se defrontar com o Sertão. Vejamos as considerações de Tales Ab'Saber:<sup>3</sup>

<sup>3</sup> AB'SABER, Tales A. M. Dois mestres: crítica e psicanálise em Machado de

Este efeito subjetivante, de aspiração concreta ao absoluto, deve ser correlato, na Europa, à expansão mundial do capital e da ciência a partir do século XVIII, mas no Brasil, tal *absoluto* passava pela não-inscrição, pela não introjeção, de nenhuma norma nítida delimitadora, ou ordem de razões que tivesse valor transcendente rumo a alguma humanidade reconhecida como lei geral frente ao desejo ou capricho particular. Se lá tal sujeito correspondia à idéia da emancipação racional pela expansão reflexiva, aqui ele estava fundado em um princípio imaginário de onipotência, cujo resultado é uma impotência crônica que, sem abrir mão de um núcleo interessado, e vazio, da razão, apenas reproduzia a ordem social que garantia o seu predomínio radical. (AB'SABER, 2007, p. 274).

A descrição da Ab'Saber ajuda a caracterizar o esforço do narrador de *Os sertões*, a luta para encontrar uma forma de ordenação da experiência histórica e, mais densamente, de introjeção de uma norma delimitadora que permitisse sair da modernidade de superfície da Rua do Ouvidor, que permitisse a “emancipação racional pela expansão reflexiva”. Para o interior (os sertões) e para o passado (sertanejo), o narrador encontra um tipo que se afasta da população litorânea.

A dualidade do sertanejo é de outra ordem: Hércules-Quasímodo. Temos o herói que se eleva acima dos homens comuns; temos o homem com aparência monstruosa, mas que traz dentro de si uma sensibilidade que o eleva para além do cotidiano brutal. O esforço é encontrar a imagem adequada para representar esse tipo. Assim, como a caatinga é uma categoria nova, não descrita por Hegel (p. 54-55), que temos uma *evolução regressiva* (p. 57), o sertanejo mostra-se como uma criatura primitiva cuja aparência que não permite ao observador que veja um ser humano, um igual. Vê um monstro. É preciso ver além da aparência, é preciso ver sua força em defender sua casa. Assim, agachado, parece uma criatura de preguiça invencível, derrotado pela terra inóspita. Essa aparência enganosa se desfaz logo que aparece um conflito, ou a necessidade perseguir uma rês fugida. Sua agilidade e sua força aparecem e se traduzem em ação impetuosa. Nessa segunda parte, *O homem*, temos a descrição mais famosa de Euclides: *o sertanejo é antes de tudo um forte*. O caráter dinâmico do discurso euclidiano não se interrompe na cristalização positiva do sertanejo, mas leva à descrição (negativa) de sua indiferença quanto ao futuro e sua crença supersticiosa na providência divina. É como figura típica que Euclides constrói o perfil de Antônio Conselheiro, o líder da comunidade. Personagem trágico, é guiado por forças obscuras e ancestrais e por maldições hereditárias, que o levam à insanidade e ao conflito com a ordem. Canudos é uma comunidade messiânica, construída a partir de um homem *arreatado pela idéia fixa*. Construiu-se como

---

Assis e Roberto Schwarz. In: Cevasco, M. E. e Ohata, Milton (org.) Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

cidade monstruosa, comunidade de fanáticos, que unia matutos crédulos e vaqueiros sinistros.

*A lei do cão...*

Este era o apotegma mais elevado da seita. Resumia-lhe o programa. Dispensa todos os comentários.

Eram, realmente, fragilíssimos aqueles pobres rebelados.

Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta.

Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala. (p. 177).

Essa passagem talvez ajude a sintetizar o teor trágico desse relato. A frágil comunidade de Canudos, fruto de trezentos anos de isolamento, precisava de outra reação. A civilização do litoral manda rifles e balas como única forma de moralizar, pelo aniquilamento. Canudos *como Tróia de taipa* requer feitos épicos para ser destruída, mas é, ao mesmo tempo, uma recriação rebaixada da tradição, que põe o Brasil abaixo da civilização. Pode-se observar, então, o descompasso entre o padrão de comportamento almejado (dever ser da civilização européia) e ação cotidiana real. A civilização a que *estamos condenados* vem permeada por sua própria negação: escravidão, patriarcalismo, misticismo e superstição, descontrole da afeição, desordem urbana... Em *Belo Monte, homizio de bandidos* temos uma ascese que de uma comunidade religiosa, que se desliga da Europa e se volta sobre si mesma. No Rio de Janeiro, a instabilidade

litorânea forma apenas um verniz civilizatório que se rompe para aparecer violência e fanatismo irracionais.

Canudos talvez possa ser posta em posição simétrica a dos quilombos, tal como foi *Palmares*. É um espaço em que esses homens, esquecidos pela ordem pública, encontram na forma arcaica da superstição e da religiosidade primitiva o acolhimento em Deus. Criam, a partir daí, um lugar, um espaço socialmente ordenado, para a convivência de milhares de pessoas. A mácula desse lugar é o isolamento em relação ao estado e a ordem vigente.

A crença de Euclides no poder civilizatório da educação, que implica em transformar essa comunidade para inseri-la na ordem da nação, que seria substituto dos rifles, da violência destrutiva do exército. Na medida em que o choque de culturas é inevitável, na medida em que estamos tratando de diferentes feições do brasileiro, então, a guerra não seria a medida legítima. Torna-se um comportamento criminoso, pois está fundado em falsa premissa (resistência monárquica à República) e faz do contato uma forma de aniquilamento em que perdem os dois lados. O fundamento ético de Euclides gera indignação e leva à denúncia.

### A formação do narrador

Leopoldo Bernucci (2002) mostra no prefácio que faz a *Os sertões* o número de fios discursivos que percorrem a obra de Euclides da Cunha. Temos as referências à geologia, à história, à antropologia, à arquitetura, à linguagem militar, à bíblia. Enfim, além da demonstração de evidente demonstração de erudição, tal profusão existe na

passagem da reportagem de 1897 para a composição do livro. Há várias passagens e pontos em comum, mas há um evidente trabalho sobre a matéria observada apresentada primeiramente no jornal *O Estado de São Paulo*. O ponto de chegada do comentário de Bernucci é mostrar que, sem perda da pretensão historiográfica, Euclides insere em sua obra várias notações do discurso épico. Pode-se dizer que a esforço de preservação do discurso ao dar o traço permanente próprio da literatura erudita.

Cabe ressaltar daí três aspectos: as múltiplas referências discursivas, a dimensão épica e a base historiográfica. Em primeiro lugar, as referências estão marcadas pela posição subjetiva bastante intensa. Por exemplo, na descrição geológica da terra, temos a projeção de características, tais como “natureza torturada” (p. 29), “impressão dolorosa” (p. 31), “terror da seca” (p. 40), “guerra da terra contra o homem” (p. 45), “vegetação agonizante” (p. 50) e, depois da chuva, “uma mutação de apoteose”, que transforma a natureza em “paraíso” (p. 53). Esses exemplos mostram como a objetividade científica está permeada pela subjetividade do narrador que dá feição dramática e simbólica para sua descrição. A força de sua linguagem é tal que ele antecipa na descrição da Terra a luta, tal como muitos críticos já apontaram.

Ainda no âmbito das referências vale destacar a ambivalência entre inferno, tal como apontara Chaves (2005), e paraíso (BERNUCCI, 2002). Essas imagens revelam, além da já referida ambição literária, uma forma de colocar o drama fora da história, como se a travessia do sertão levasse a Belo Monte, Canudos, uma terra fora do

horizonte histórico. Assim, a inevitabilidade do encontro de culturas traz um choque próprio do descompasso histórico.

Quanto às dimensões épica e historiográfica, entramos em uma situação peculiar. Gostaríamos de voltar mais uma vez os olhos para a já tão comentada tensão entre elaboração literária e preservação da ambição referencial histórica. Da primeira, além dos exemplos já dados, podemos retomar a construção de um tipo, o sertanejo, que é descrito pela fusão literária de mitologia (Hércules) e romance (Quasímodo), como se apenas a imagem fosse capaz de sintetizar a formação de um novo tipo humano, depois de 300 anos de isolamento. Quanto à dimensão histórica, há a preocupação de identificar suas fontes: testemunho pessoal, testemunhas fidedignas, documentos compulsados... Mais do que verossimilhança interna, fala aqui o historiador preocupado com as provas que legitimam seu discurso (GINZBURG, 2002).<sup>4</sup>

A hipótese que se pode formular, então, é a seguinte: Euclides Cunha constrói um narrador que traz marcas de mais de um campo do saber. Em outros termos, existe um hiato entre o esforço de conciliação e sua efetiva realização. Talvez seja possível dizer que em vez de uma síntese entre ciência e arte, temos um contínuo movimento de uma posição para outra. Na descrição da terra, temos o geólogo que procura desenhar o mapa do sertão, de descrever um lugar singular, ainda não descrito. Nesse momento, o literato parece ler as informações secas e dar forma estética, adjetiva e dramática. Daí, temos o sociólogo que

<sup>4</sup> Apenas como dado acessório, vale lembrar que a legitimação pública de “Os Sertões” foi além das várias reedições, passou pela consagração do autor, que passou a integrar tanto o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras.

constrói o tipo social, desde a aparência física até sua luta com a seca e a forma como religiosidade também se torna mestiça. A cada vez, temos interrupção do ensaísta que faz interrupções e desvios para comentar sua descrição ou sua história. Pode ser também o desvio do moralista, que analisa e critica o andamento do Brasil litorâneo e condena o esquecimento a que foi relegado o sertão, ou que não perdoa a destruição violenta como forma de aniquilar patrícios, pelo falso motivo de serem monarquistas... Temos o folclorista em ação quando recolhe a voz dos poetas populares que registraram as várias lendas que giram em torno de Antônio Conselheiro. Temos, por fim, o historiador que ambiciona passar das reportagens para o discurso ordenador e explicativo da história. Essa sumária descrição não dá conta, naturalmente de todos os movimentos desse narrador. Serve apenas para mostrar os vários papéis que ele encenou, bem como a ambição totalizante de dar conta das várias facetas necessárias que pudessem dar algum sentido à guerra de Canudos.

Como se viu desde a advertência, o livro é aberto sob o signo da denúncia de um crime. A seriedade da obra está posta, bem como o olhar do narrador que tem a ambição de aprender o sentido do episódio histórico de Canudos. Sua ironia se volta sobre a população urbana, sobre os leitores dos jornais, sobre a posição dos republicanos que incendiaram símbolos da monarquia... Volta-se também sobre a posição que ele, Euclides, havia ocupado antes de ir para o front de guerra. Isso não desfaz em nenhum momento empenho ético de incorporar Canudos à História do Brasil, como episódio revelador dos problemas da nossa formação.

Na ausência de definição dos campos do saber, no caso brasileiro, a atuação do intelectual vai desde o jornalismo até a ciência, passando pela literatura, pela história, pelo ensaio antropológico. Em vários casos, temos dublês de intelectuais, filósofos, matemáticos, artistas... No caso de Euclides da Cunha, a erudição e a qualidade de seu empreendimento levam-no a produzir uma obra monumental, que se transforma em uma forte interpretação do Brasil. Ao mesmo tempo, na procura adequada da forma, ele traz um depoimento discursivo da indeterminação dos campos do conhecimento, de tal modo que a literatura absorve para si a tarefa de pensar o Brasil, no seu impasse, pois aparece como a forma capaz representar o sertanejo e de expressar a trágica histórica que levou a destruição da *Tróia de taipas dos jagunços*.

### **Articulação entre modernidade e atraso: Os sertões como imagem especular**

Qual é o incômodo que gera *Canudos*? Na sua acusação de que seriam defensores do retorno ao Império, a recém constituída República brasileira mostra que Canudos escapava ao seu domínio. De modo precário, em casas pobres, os habitantes conseguiram criar no interior da Bahia um mundo que prescindia da dependência dos senhores de terra da região. No isolamento, traço indicado por Euclides, formou-se um ao longo de trezentos anos o sertanejo. A República vê na imagem do sertão, a sua face primitiva, a face da pobreza e da miséria, da violência e dos resquícios da escravidão, que estavam também no Rio de Janeiro, agora

capital da República. A formação urbanística dava-se pelo afastamento dos pobres, pela destruição dos cortiços e casas de pensão (CHALOUB, 1996). No processo da modernização conservadora, os benefícios do progresso e a inserção na civilização ocidental eram destinados à elite urbana. Nesse sentido, Canudos se revestia de aparência de um novo quilombo. Para ele, iam os antigos trabalhadores avulsos das fazendas do Sertão, parasitárias da miséria e estimuladoras da violência de cangaceiros e bandos armados, que reforçavam o poder. Canudos, como nova Jerusalém, trouxe a possibilidade de vida comunitária, economicamente rentável, não violenta em sua organização primeira, religiosa, em uma espécie de ascese mestiça que negava o álcool. A ousadia de Canudos está em romper a lógica de um sistema perverso de exploração da miséria, sustentada no medo e na imposição violenta.

Não se trata de defender o modelo Canudos. Não se trata de apologia, mas de esforço de compreensão da necessidade de incorporação da população local ao sistema nacional, pela ação do exército que destrói completamente uma organização social e dizima uma população ordenada. Um crime, nas palavras de Euclides.

O dilema está posto. Esse contato inevitável entre as diferentes culturas poderia ter se dado de modo diferente? Na perspectiva de Euclides, haveria necessidade de incorporar pela educação. Esse argumento, mais simpático, mostra a empatia de Euclides com o sertanejo. Revela também sua compreensão, na dimensão humana e heroica do sertanejo que resistiu para defender sua terra. Mostra também o limite de sua compreensão, pois desqualifica a organização cultural do povo, de um lado; e não consegue

perceber que a educação proposta seria a outra face da integração dessa população ao sistema excludente. Pela educação apenas, eles não ganhariam direito à terra, não poderiam construir sua cidade e mantê-la a partir de suas regras, não seriam aceitos como iguais dos fazendeiros da região. Retoricamente a colocação Euclidiana seduz o leitor e põe em primeiro plano a simpatia e a bela emoção de quem se condói pelo desvalido sertanejo e, mais, mostra a força do testemunho isento de quem mudou de posição pelo trauma de ter presenciado um crime como parte da comitiva (mesmo sendo jornalista) que acompanhou o exército, que veio do litoral para penetrar o sertão e descobrir a realidade destes homens abandonados. Todo vocabulário (piedade, compaixão, abandono, etc.) revela a posição superior de Euclides e põe seu leitor (urbano e litorâneo, quando não estrangeiro) na delicada posição de não saber como olhar para esse homem que emerge de dentro da terra brasileira.

Nesse movimento contínuo, de um problema que não se resolve, mas que se repropõe a cada vez em novas oposições, Euclides compôs sua *epopéia negativa*, nossa descida ao inferno (CHAVES, 2005), que leva a destruição de nossa Tróia. O problema *brasileiro*, tipo informe, é que não sai dessa luta a formação de uma nação, nem há a construção de um herói. A guerra termina em chave melancólica, em andamento rápido, esvaziado de qualquer transcendência. Do nosso inferno, não há possibilidade se alcançar nem mesmo o purgatório.

Depois de longa descrição da terra, do sertão como categoria singular; depois da construção do sertanejo e da narração da biografia de Antônio Conselheiro; depois das

expedições descritas e analisadas, depois de tudo isso, Os sertões se encerram em um capítulo de uma frase apenas: “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades” (p. 499). Henry Maudsley, médico alienista, escreveu *le crime e la folie*, em 1875, estudando as patologias individuais. No caso, Euclides da Cunha ocupa um vazio “não existe um Maudsley”. Ele vem a ser esse ensaísta (historiador, sociólogo, antropólogo, cientista, literato...) que se esforça para explicar a Canudos. Na força da síntese final, temos as duas chaves: a loucura e o crime. A loucura está em Antônio Conselheiro.

Parou aí indefinidamente, nas fronteiras oscilantes da loucura, nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões tacanhos, e se acotovelam gênios degenerados. Não a transpôs. (...) A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja (p. 135).

Observe-se aí a insistência com que é descrito Conselheiro. Se fosse caso clínico, teria parado no hospício, mas, “para o historiador não foi um desequilibrado” (p. 132). Esse é o movimento que leva de um *Maudsley* para o narrador de Euclides, pois Antônio Conselheiro interessa apenas na medida em que é expressão resumida da sociedade sertaneja. Assim, o sertanejo, Canudos (Belo Monte), os jagunços, o enfrentamento supersticioso da seca, tudo isso está subsumido no “gnóstico bronco”. Não deixa de ser loucura de um indivíduo, mas o que interessa

não é isso. O que interessa é a revelação de um problema social constitutivo da *evolução regressiva* do Sertão.

Quanto ao crime, temos a atitude do Estado brasileiro, que enviou o *legislador comblain*, e da sociedade que aderiu a explicação simplista e falsa de que se tratava de uma revolta monarquista contra a República: “[a insciência] revelou que pouco nos avantajáramos em relação aos rudes patrícios retardatários” (p. 300). Desse modo, o crime começa na falta de compreensão do caso complexo de Canudos e de seu poder de revelação de problemas constitutivos da sociedade brasileira. Segue pela ação irrefletiva de reunir batalhões e de armar uma guerra contra um inimigo, falsamente representado. E termina pela aniquilação de um núcleo urbano e pelo extermínio de uma população inteira, com requintes de crueldade. Assim, para compreender essa *loucura*, esse *crime*, ao que parece Euclides arregimenta diversas fontes de estudo.

O esforço do narrador, que acolhe diferentes vozes e percorre diferentes posições, parece enfatizar a cada vez o descompasso entre forma moderna, a ciência trazida a primeiro plano, ao vocabulário cuidado, e a realidade representada (até então desconhecida pelo jornalista). Assim, a dimensão da épica (elevação pressuposta, heroicidade suposta) e a realidade baixa, misturam-se no relato de uma guerra desigual, em que o desequilíbrio das forças impede a retomada de feitos épicos. Machado de Assis já havia traduzido isso com a crônica, pondo em cena, de modo cômico o descompasso entre forma e conteúdo material, social.

Para finalizar podemos dizer que esse território do sertão foi incorporado à literatura brasileira, com tal força, que o eco de Euclides se ouve na poesia de João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida severina*, um auto de natal, que radicaliza a presença da morte, da redução do humano a um enfrentamento da seca e da exploração violenta da miséria. A migração para o litoral, na esperança da grande cidade, apenas revela um lugar de pobreza. O grito final, do nascimento da criança, é o que resta de afirmação da vida. Irracional. Em *Educação pela pedra*, a pedra está entranhada no sertanejo, não tem nada a ensinar. Ou ainda em Guimarães Rosa, em que o sertão é o mundo, penetrado gradualmente pela modernidade.

### Referências Bibliográficas

- AB'SABER, Tales A. M. Dois mestres: crítica e psicanálise em Machado de Assis e Roberto Schwarz. In: Cevasco, M. E. e Ohata, Milton (org.) **Um crítico na periferia do capitalismo**: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.
- BERNUCCI, Leopoldo M. Prefácio. In: Cunha, Euclides. **Os Sertões (campanha de Canudos)**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. (Clássicos comentados, I)
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Glorificação do medo. In: Gomes, Gínia Maria (org.) **Euclides da Cunha**: Literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- CUNHA, Euclides da. **Canudos e outros temas**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. (Edições do Senado Federal, 2)
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. ed. crít. Walnice N. Galvão. São Paulo: Ática, 1998.
- GALVÃO, Walnice N. **Euclidiana**: ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: História, retórica, prova. Trad. Jônatas B. Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOMES, Gínia Maria (org.) **Euclides da Cunha**: Literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- LEVINE, Robert M. **O sertão prometido**: o massacre de Canudos. Trad. Mônica Dantas. São Paulo: EdUSP, 1995.
- ROSENFELD, Kathrin. Euclides da Cunha e o luto do espírito trágico: reflexões sobre a reflexão política e histórica. In: GOMES, Gínia Maria (org.) **Euclides da Cunha**: Literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## A PERSPECTIVA CRÍTICA DE OS SERTÕES

Gínia Maria Gomes

Os *sertões* abre-se a uma infinidade de leituras, múltiplas como múltiplos são os caminhos que se desenham na caatinga. O presente ensaio pretende abordar a perspectiva abertamente crítica que percorre a narrativa, seja no que concerne aos expedicionários, seja em relação aos habitantes das cidades.

Ao observar o comportamento da população litorânea, Euclides da Cunha põe em discussão a problemática do empréstimo cultural. Tanto os soldados, que seguiam para o sertão, quanto o povo, que vivia nas cidades, têm latente um ser primitivo, que aflora sob condições propícias. Flagrar a irrupção dos instintos selvagens parece decisivo no pensamento do ensaísta. Em decorrência dessa percepção, tem uma posição crítica em relação a esses empréstimos culturais. A rapidez das importações não permitiu que elas fossem assimiladas, daí constituírem apenas a exterioridade, estando os homens “enluvados e encobertos de tênue verniz de cultura” (CUNHA, 1985, p. 374). Embora essa “herança” incluía aspectos positivos – “tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações” (CUNHA, 1985, p. 249) –, ela não se alinha às “exigências da nossa própria nacionalidade” (CUNHA, 1985, p. 249). Por isso, a apropriação revela-se como “faina cega de copistas” (CUNHA, 1985, p. 248-249): sem se conformar às necessidades da nação, cria

uma aparência de civilização, exterioridade que a qualquer momento pode romper-se.

Percorre *Os sertões* uma visão irônica da história. Os “civilizados”, que organizam expedições para combater os que não se subscrevem a seus limites, se tornam tão primitivos quanto estes.<sup>1</sup> O emergir do comportamento selvagem não é privilégio dos que penetram o sertão. O povo, quando recebe notícias dos desastres dos expedicionários, tem atitudes nada dignificantes, que fogem à racionalidade civilizada.<sup>2</sup> Embora a barbárie seja prerrogativa de toda a campanha – as várias expedições estão prenhes de episódios em que a selvageria

---

<sup>1</sup> Jorge Coli (1993-1994, p. 65) está em consonância com a leitura que se vem realizando: “O deslocamento perspectivo de Euclides da Cunha é, ele próprio, ótimo exemplo: o ardente republicano, convencido de que ia ao encontro de uma conspiração monarquista, uma Vendaia sertaneja, na imagem que ele próprio criou, fica rapidamente enojado pela imbecilidade e pela ferocidade gratuita das forças da República. Ele apõe essa estupidez cruel às prodigiosas astúcias dos insurretos, à sua inteligência e à adequação admirável que mantém com seu meio. E é impossível não contrapor a pureza, o rigor do caráter do Conselheiro, a grandeza trágica que lhe é própria e que nos revela o autor, à barbárie civilizada e racionalista de sua exumação e decapitação. Nos pretensos bárbaros encontraram-se qualidades maiores, mais elevadas, que se mostravam ausentes no mundo da razão, da ordem, da modernidade”.

<sup>2</sup> A leitura de Berthold Zilly (1997, p. 97) além de se conformar aos aspectos discutidos, também aponta para o fato de o progresso ser usado “para fins anticivilizatórios”: “A barbárie do sertão de Canudos está numa relação de correspondência não só com a rua do Ouvidor, a principal rua do comércio e da imprensa da época, mas com a cidade de Essen, centro da indústria armamentista alemã. As técnicas e ciências modernas são usadas para fins anticivilizatórios. Esboça-se um hiato entre a racionalidade puramente instrumental e a racionalidade ética, a serviço do homem. A civilização se desmente e se trai a si mesma”.

é o *moto condutor* –, é na quarta que irrompe o homem primitivo, principalmente no tratamento dado aos prisioneiros. Ao narrar tais circunstâncias, o autor tem uma posição crítica definida. A seu olhar percuciente não escapa a ironia de comportamentos que fogem à racionalidade civilizada, que, por essa razão, se revela um “tênue verniz”.

Na primeira expedição, a data da partida é demarcada, não por planos racionalmente articulados, mas pela superstição. Esse procedimento se situa nos limites do pensamento selvagem, e, por isso mesmo, subverte as normas de conduta prescritas pelos códigos civilizados. Observe-se a nota de rodapé, que refere o motivo de anteciparem a saída: “Pormenor curioso: a força seguiu a 12, ao anoitecer, para não seguir a 13, dia aziago. E ia combater o fanatismo...” (CUNHA, 1985, p. 268). O temor do número treze, desde a antiguidade<sup>3</sup> considerado “número fatídico, pressagiador de infelicidades” (CASCUDO, 1998, p. 877: verbete *treze*), está incorporado ao imaginário brasileiro. Esse temor é decisivo quando da escolha da referida data. Preferem os perigos de uma travessia noturna em território desconhecido a enfrentar as superstições do treze. Ora, nada mais irônico que comandantes, oriundos de centros civilizados, basearem suas decisões em tal premissa. Semelhante atitude os igualava aos fanáticos que pretendiam combater. A observação irônica de Euclides elucida a problemática: “E ia combater o fanatismo...”

Conjuntura similar está no “terror sobrenatural” (CUNHA, 1985, p. 362) que invade os expedicionários que compõem a Expedição Moreira César e é a principal

<sup>3</sup> “Na última refeição de Cristo com os seus apóstolos, na Ceia, eram treze os representantes. A Cabala enumera 13 espíritos do mal. O 13º capítulo do Apocalipse é o do Anticristo e da Besta.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 902: verbete *treze*).

causa da derrota, porque, com um número expressivo de soldados válidos, com suficiente munição e em situação privilegiada diante dos adversários, sucumbem às sugestões do maravilhoso. Não tendo visto os contendores, o jagunço se transforma em “duende intangível” (CUNHA, 1985, p. 362). Quando são divisados, aparecem como mortos ressurretos, pois alguns soldados, tendo participado das outras expedições, estão convencidos de que defrontam os mesmos guerreiros desaparecidos anteriormente, o que os leva a propagar o temor entre os companheiros. O autor esclarece que essas credices se fortalecem pelo fato de muitos deles, oriundos do norte, terem crescido ouvindo as histórias de Antônio Conselheiro “de envolta com as dos heróis dos contos infantis” (CUNHA, 1985, p. 362). A assunção do sobrenatural é decisiva. É ela que determina a retirada como única resolução, apesar das excelentes condições e das armas modernas. A racionalidade dos civilizados submetem-se ao irracional e, contagiando toda a expedição, dá lugar à catástrofe: soldados em fuga vertiginosa desarmam-se e desnudam-se, para não serem reconhecidos pelos uniformes contrastantes com a paisagem.

O fanatismo do jagunço, amplamente apregoado pelos expedicionários, motivo de tão enérgicas censuras, é igualmente detectado no soldado. Em “O Assalto” – quando, preparados para uma vitória fácil, investem contra o arraial –, os batalhões se desorganizam completamente. A racionalidade civilizada é novamente colocada em xeque: sem condições de executarem as regras prescritas, cada soldado passa a lutar pela própria vida, seguindo o “instinto animal de conservação” (CUNHA, 1985, p. 454). Nesse transe,

desponta a “heroicidade antiga, revivendo o desprendimento doentio dos místicos lidadores da média idade” (CUNHA, 1985, p. 454). Euclides denomina-os “modernos templários” (CUNHA, 1985, p. 55),<sup>4</sup> por combaterem com a mesma “fé inamalgável” (CUNHA, 1985, p. 455). A comparação aos místicos de outros tempos assemelha-os aos jagunços, o que é reforçado quando o ensaísta ressalta que, ao morrerem, manifestam no “entusiasmo delirante” (CUNHA, 1985, p. 455) à memória de Floriano Peixoto – a mesma “aberração fanática” (CUNHA, 1985, p. 455) que os seus adversários dedicam ao Conselheiro (CUNHA, 1985, p. 455). Nesse momento, apesar da crítica, o autor revela que é esse fanatismo que salva a expedição de uma total catástrofe. O fanatismo, agora, se reveste de um caráter positivo, pois, sem ele, desorganizados como se encontravam, os soldados não teriam condições de reverter o quadro.

A ruptura dos princípios civilizatórios não se restringe à sujeição ao imaginário popular com a adesão às superstições e credices ou à observação do mesmo comportamento fanático dos sertanejos. Interessa, principalmente, perceber o homem primitivo que se descobre nos requintes de crueldade. Ao falar da guerra – “Uma cousa monstruosa, ilógica em tudo” –, Euclides ressalta que, apesar da “organização técnica superior”, ela oportuniza a presentificação do “banditismo original”: nela “permanecem – intactas – todas as brutalidades do homem primitivo” (CUNHA, 1985, p. 293). A morte dos prisioneiros – quando matar se torna uma prática prazerosa – certamente é o momento mais importante da narrativa para

mostrar a transformação do soldado “civilizado” em homem primitivo. A degola e o “destripamento” são expedientes que se vulgarizam para matar os adversários capturados. Todos os que, apresados, ainda eram “capaz(es) de aguentar o peso da espingarda” (CUNHA, 1985, p. 535), se convertem no objeto da crueldade dos soldados; na “primeira canhada encoberta”, realizava-se o ritual:

Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facão.

Um golpe único, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rápido... (CUNHA, 1985, p. 532-533).

A dramatização é o recurso utilizado por Euclides para narrar os episódios: para mostrar o ritual macabro ele dá destaque a dois prisioneiros. Detalhando a trajetória deles rumo à execução, torna mais contundente o caráter cruel dessas cenas. Inicialmente, tem lugar a descrição física, o que, particularizando-os, direciona o olhar para a situação crítica vivida por essas vítimas. Centralizar o episódio nesses personagens é colocar-se ao seu lado e sintonizar com a tragédia de terem sido presos. Do primeiro – “espécimen sem falhas desses hércules das feiras sertanejas” (CUNHA, 1985, p. 532) –, ressalta os traços marcantes e a força física. O tratamento brutal impingido a este prisioneiro já aparece

<sup>4</sup> Ordem militar, denominada “Cavaleiros da Ordem do Templo”, que tinha por objetivo proteger os peregrinos da Terra Santa. (GRANDE..., 1998, p. 5632: verbete templário).

quando, levado à tenda do comandante, “fez menção de sentar-se”: “Brutalmente repellido, rolou aos tombos pela outra porta, escorjado por punhos possantes” (CUNHA, 1985, p. 532). Com a corda na garganta, segue “com os sinistros companheiros” até o lugar da execução. Euclides conclui a cena com uma crítica aberta sobre esses rituais:

Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades” (CUNHA, 1985, p. 533).

O prazer auferido de tais atos está descoberto na forma verbal “ansiavam”. Não apenas cumprir o papel, mas fazê-lo com satisfação, eis o comportamento sádico de alguns expedicionários, transformados em algozes. Aqui se afirma a visão irônica da história: os civilizados, fazendo uso dessas práticas, conseguem superar os sertanejos no comportamento bárbaro, apesar da distância temporal em que estes se encontram.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Euclides da Cunha, na tentativa de “compreender” o sertanejo, apresenta-o sob um prisma histórico: insulado no tempo e no espaço, distancia-se do mundo civilizado. Analisando-o, descobre uma forma de vida que o afasta três séculos da civilização. O sertanejo revela-se um “homem primitivo” (CUNHA, 1985, p. 96). Na religiosidade, nos costumes, nos objetos de cultura, é um homem cujos instintos não sofrem mediação; nele estão presentes na selvageria de determinadas atitudes, o que permite integrá-lo em um outro tempo histórico. Para compreendê-lo, explicando um comportamento incompreensível à luz da civilização, ele desloca-o de sua instância e alinha-o a um passado remoto. Com esse recurso consegue justificá-lo. É com olhar complacente que o autor vê o sertanejo, porque, embora sem concordar com costumes em tudo diferentes daqueles aceitos pela racionalidade civilizada, ao afastá-lo de sua própria época e compará-lo a sociedades que também apresentam características primitivas ou com os portugueses no período da colonização, ele

A caracterização do outro prisioneiro é ainda mais pormenorizada. Este é “um negro, um dos raros negros puros que ali havia” (CUNHA, 1985, p. 535). Primeiro o apresenta a partir de um ângulo negativo, quando faz sobressair uma imagem de fragilidade. Considerado um animal, “não valia a pena interrogá-lo” (CUNHA, 1985, p. 535). Uma situação inusitada propicia a mudança de perspectiva: o soldado – “famoso naquelas façanhas” (CUNHA, 1985, p. 536) – não consegue lhe passar a corda no pescoço, devido a sua altura inferior a do condenado; este, então, “auxiliou-o tranquilamente” (CUNHA, 1985, p. 536). Aos primeiros passos, realiza-se a metamorfose: do ser combalido surgem “linhas admiráveis – terrivelmente esculturais – de uma plástica estupenda” (CUNHA, 1985, p. 536). Ser comparado a “uma velha estátua de titã” (CUNHA, 1985, p. 536) dimensiona a beleza e a força que sua figura irradia: a caminho da morte, o fulgor dos últimos lampejos de vida.

A descrição do tratamento concedido aos prisioneiros não deixa dúvidas quanto ao enfoque de Euclides. Nessa “página sem brilhos” (CUNHA, 1985, p. 538), seus comentários são ainda mais contundentes, porque presididos por um olhar melancólico diante do que vê. Se antes os termos empregados para se referir àqueles que “ansiavam” por essas “façanhas” – “sinistros companheiros”, “carrascos” e “matadores” – desnudavam um olhar nada complacente, agora sua crítica é sobrederminada na desilusão de quem vê declinar os ideais racionalistas preconizados pelas teses de sua época. Definitivamente, os princípios civilizatórios

---

explica os atos de barbárie, a partir dos valores do mundo sertanejo.

desaparecem para ceder espaço ao primitivismo. Não encontra paralelo na história para as cenas criminosas do sertão: “Nada tinha a ver naquele matadouro” (CUNHA, 1985, p. 538). A certeza da impunidade permitia todos os desatinos. Acobertados pelo espaço – “O sertão era o homígio” (CUNHA, 1985, p. 538) –, achavam-se imunes ao juízo histórico. A indiferença do “principal representante do governo” (CUNHA, 1985, p. 538), que, silenciando diante dessas atrocidades, sancionava todos os crimes:

Canudos tinha apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato; era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava (CUNHA, 1985, p. 538).

Esses episódios são decisivos para mostrar a civilização como um “tênuo verniz”. O aflorar dos “instintos inferiores e maus” (CUNHA, 1985, p. 538) descobria o homem primitivo. Realizava-se o retrocesso ao tempo das cavernas:

Encontrou nas mãos ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca lembrava-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado (CUNHA, 1985, p. 538).

A preferência pela faca é significativa. O seu simbolismo, vinculado à vingança e à morte, aponta “a primariedade do instinto que a maneja” (CIRLOT, 1984, p. 249: *verbete faca*). Essa prioridade revela não apenas a necessidade de matar o

adversário – o que, com as armas modernas, poderia ser feito a distância –, mas o requinte de crueldade do ato. O “carrasco” depara-se com uma cena macabra. Somente os instintos sádicos permitiriam semelhante confronto. A utilização da faca, que descobre o caráter prazeroso do ato, representa o irromper do primitivo, latente no “civilizado”; por ter sido apenas reprimido, pode aparecer sob condições propícias.

Não param aí os atos de selvageria.<sup>6</sup> Ao lado do tratamento conferido aos prisioneiros, transformados em vítimas, a barbárie é igualmente perceptível no comportamento dos doentes e feridos que retornam. No rumo de Queimadas, eles espalham um rastro de destruição. O transporte de comboios pelas veredas sertanejas torna-se mais difícil para os combatentes, porque os miseráveis, que deixam a linha de combate, passam para a condição de agressores, tão perigosos quanto os jagunços. Seguem em pequenos grupos, cada um preocupando-se exclusivamente consigo, sem atentar para os que ostentam um estado pior. O “refluxo da campanha” é muito bem apreendido ao compará-los a “restos de uma caravana de bárbaros claudicantes” (CUNHA, 1985, p. 470). Antes mesmo da descrição dos atos, Euclides antecipa o caráter primitivo do comportamento desses homens. A cada passo “ampliando o círculo das ruínas da guerra” (CUNHA, 1985, p. 470), não se detêm diante das choupanas ainda incólumes. Assaltam-nas, “fazendo saltar as portas a couces d’armas” (CUNHA, 1985, p. 470),

<sup>6</sup> Galvão (1981, p. 78) refere outras atrocidades cometidas no final da campanha: “Como o arraial não se rendia, foi sendo ocupado aos poucos sem sangrentas batalhas e a solução final foi conseguida pela civilização de uma forma primitiva de napalm. Jogou-se sistematicamente querosene em cima dos casebres, após o que se atiraram bombas de dinamite, cuja explosão ateou incêndios generalizados”. Essa circunstância é narrada em Os sertões (CUNHA, 1985, p. 559-560).

e depois, como “diversão”, para amenizar os sofrimentos, as incendiavam. Referir-se aos incêndios como “diversão” dimensiona a perspicácia do ensaísta em flagrar a violência de um comportamento gratuito, que assoma instintivamente e se impõe, liberto dos limites da racionalidade.

O mesmo comportamento irracional é percebido nos “civilizados” das cidades. Na derrota da segunda expedição, Euclides capta, sobretudo, a reação da multidão que, conduzida pelos “mediocres atrevidos” (CUNHA, 1985, p. 321), deixa emergir os instintos latentes para dar lugar à desordem. Ela se sobrepõe ao indivíduo para determinar-lhe os atos. Envolvido por ela, até a “maioria pensante” (CUNHA, 1985, p. 321) não se exime de ações condenáveis: “Surgiram, então, na tribuna, na imprensa e nas ruas – sobretudo nas ruas – individualidades que nas situações normais tombariam à pressão do próprio ridículo” (CUNHA, 1985, p. 321).

A Expedição Moreira César, organizada sob um clima de euforia, tem em seu comandante o principal expoente da coletividade. Ao descortinar os fatos, Euclides procura mostrar a estreita sintonia desse oficial com o ânimo dos “civilizados”. Ter sido escolhido para comandar a expedição em tal circunstância, quando o predomínio do estado de exaltação tomava conta do país e, principalmente, da capital federal, revela que nem os dirigentes conseguem se subtrair à “nevrose” geral. Essa atmosfera atinge o clímax quando do revés sofrido pela expedição comandada pelo destemeroso oficial e, até então, reconhecido por suas “vitórias” no debelar movimentos sediciosos. As notícias da derrota desencadeiam a “comoção nacional” (CUNHA, 1985, p. 371). “Desvairamento geral da opinião” e “desorientação completa dos espíritos” (CUNHA,

1985, p. 371) são algumas das expressões empregadas para descrever a coletividade; elas põem a descoberto o ambiente de total irracionalidade que passa a conduzir os “civilizados”.

Euclides destaca a impossibilidade de os cidadãos compreenderem o fenômeno Canudos. Nas cidades, conjeturas equivocadas marcam as interpretações sobre a campanha. Dissemina-se a ideia da ligação do arraial com os monarquistas:<sup>7</sup>

Canudos era uma Coblenz de pardieiros. Por detrás da envergadura desengonçada de Pajeú se desenhava o perfil fidalgo de um Brunswick qualquer. A dinastia em disponibilidade, de Bragança, encontrara afinal um Monck, João Abade. E Antônio Conselheiro – um messias de feira – empolgara nas mãos trementes e frágeis os destinos de um povo... (CUNHA, 1985, p. 371-372).

A dupla perspectiva do trecho oportuniza a percepção da distância entre realidade/fantasia. No entanto, essas interpretações fantasiosas são assumidas como verdadeiras, o que dá a extensão do “desvairamento” e da “desorientação” dos cidadãos. A ironia que transparece no

<sup>7</sup> Em *Os sertões*, Euclides tem uma visão lúcida em relação aos fatos. Sem se contaminar com as vozes que gritam em uníssono, tentando ver em Canudos o centro da resistência monárquica, ele procura esclarecer enganos, apresentando a face que se negam ver. Para ele, os erros tático-estratégicos são os verdadeiros responsáveis pelas derrotas dos expedicionários, e não a hipotética reação monárquica que julgam existir. O percurso de cada expedição é marcado por equívocos. Ao serem arrolados, constituem-se no moto-condutor de uma visão crítica que não se deixa iludir. Euclides tanto revela as especificidades de cada uma delas como dá especial destaque à incidência de erros, sucessivamente cometidos. Entre eles, o desconhecimento do sertão e a insistência na guerra clássica ocupam um lugar central em sua crítica.

texto torna inequívoco o olhar crítico do autor. Submetendo os sertanejos a uma visão negativa, a leitura dos civilizados se faz risível: mostra a inviabilidade de reconhecer na rebeldia sertaneja os indícios de uma conspiração com pretensões a se expandir por todo o país.

“A obsessão do espantalho monárquico” (CUNHA, 1985, p. 373) não para nas elucubrações ideológicas do movimento. Tem implicações mais sérias, pois que desencadeia atos de violência. A destruição dos jornais *Gazeta da Tarde*, *Liberdade* e *Apóstolo*, todos monarquistas, dimensiona a “aura de loucura” (CUNHA, 1985, p. 378) que os movia:

As linhas anteriores têm um objetivo único: fixar de relance, símiles que se emparelham na mesma selvaticidade. A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização a dentro (CUNHA, 1985, p. 373).

O comportamento dos cidadãos, dominado pela emergência dos instintos, confirma os argumentos de Euclides sobre o rápido processo de modernização sofrido pelo país. Alinhá-los aos sertanejos – cuja selvageria é o elemento *moto condutor*, haja vista o episódio em que decapitaram os corpos dos expedicionários<sup>8</sup> – elucida uma visão irônica da história:

<sup>8</sup> A violência revela-se o status quo do sertão. As lutas de família – comuns no sertão – expõem a violência da sociabilidade sertaneja. As desavenças não se esgotam na morte do adversário, mas continuam através das gerações, cujos membros podem ser atingidos a qualquer momento. Ao historiar as dissensões entre os Maciéis e os Araújo, o ensaísta põe em foco o caráter primitivo da contenda, na medida em que destruir o adversário torna-se o objetivo. Uma resolução “civilizada” está fora de questão. A divergência tem como elemento motivador “pretensos roubos praticados pelos Maciéis” (CUNHA, 1985, p. 210). Baseada apenas em uma suposição,

se antes a prerrogativa da irracionalidade concentrava-se no espaço sertão, agora ela invade a capital federal. A justificativa da guerra volatiliza-se, pois os “racionais” estão submetidos ao mesmo primado que pretendem combater. Por outro lado, atitudes como essa também ocorrem nas capitais dos estados, uma vez que a “aura de loucura” dominara todo o país. O ensaísta refere episódios similares que tiveram lugar em Salvador. Descreve um deles, paradigmático de muitos outros. Soldados recém-chegados à cidade

tentaram despedaçar, a marretadas, um escudo em que se viam as armas imperiais, erguido no portão da alfândega velha. A soldadesca por seu lado, assim edificada, exercitava-se em correrias e conflitos.

E conclui: “A paixão patriótica roçava, derrancada, pela insânia” (CUNHA, 1985, p. 380).

Não restam dúvidas quanto à posição de Euclides. Abertamente crítica, não compactua com a histeria que atinge o país. As condições são favoráveis para o emergir do irracional: obnubilados pela “obsessão do espantalho monárquico”, a que mesmo o presidente da República não consegue se subtrair,<sup>9</sup> a “insânia”, inerente ao comportamento geral, deflagra atos inscritos nos limites da selvageria.<sup>10</sup>

desencadeia-se uma acirrada disputa entre as duas famílias, fazendo inúmeros mortos. A partir do incidente, depois do confronto inicial entre elas, a vingança permanece: as contínuas mortes apontam para o ódio sempre renovado, pondo em foco a violência e apresentando-a como *modus vivendi* do sertão.

<sup>9</sup> Palavras do presidente da República: “Sabemos que por detrás dos fanáticos de Canudos, trabalha a política. Mas nós estamos preparados, tendo todos os meios para vencer, seja como for contra quem for.” (CUNHA, 1985, p. 373).

<sup>10</sup> Regina Zilberman reflete sobre a posição de alguns cronistas da época, cujas

Ao criticar expedicionários e habitantes das cidades, Euclides põe em evidência comportamentos que se contrapõem à preconizada racionalidade civilizada. É irônico que aqueles que pretendem combater uma comunidade, por ela não alinhar-se aos padrões estabelecidos pela civilização, tenham uma conduta que só encontra paradigma em guerras primitivas. É assim que, em seu “livro vingador”, Euclides vai de encontro às ideias que circulavam na época, que atribuíam ao evento histórico uma aliança com a monarquia, às quais ele mesmo sucumbiu nos ensaios que publicou. Desmitificando visões que se estavam sedimentadas, ele contribui para um novo olhar sobre o evento. A perspectiva do autor de *Os sertões* é muito mais abrangente; aqui apenas se procurou adentrar uma de suas veredas, havendo inúmeras outras que se poderia percorrer.

### Referências Bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. ***Dicionário do folclore Brasileiro***. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

avaliações sobre o evento histórico eram manifestadas em jornais. Discute crônicas de Machado de Assis, de Olavo Bilac, de Euclides da Cunha e de Afonso Arinos. Segundo ela, “as crônicas de Machado de Assis revelam um escritor aparentemente mais lúcido que seus pares” (ZILBERMAN, 2005, p. 280). Bilac, por sua vez, segue a visão que se disseminou na época e “acusa os monarquistas de informantes, ajudando os rebeldes a armarem suas defesas militares” (ZILBERMAN, 2005, p. 282). Euclides tem uma avaliação similar do evento, não se eximindo de “propor uma leitura política para os acontecimentos distantes” (ZILBERMAN, 2005, p. 279), apesar de esta não ser tão explícita quanto a do poeta. Apenas Afonso Arinos é voz dissonante: “recusa, desde logo, a alegação de que o movimento teria conotação monarquista e restauradora, considerando-a ‘superficial e ridícula’” (ZILBERMAN, 2005, p. 284). O seu “diagnóstico [...] contrapõe-se à visão dominante no período e, colocado na contraluz dos acontecimentos. Aparece como hipótese de reflexão e racionalidade, em meio às ações movidas pelo fanatismo da capital e no coração do sertão baiano” (ZILBERMAN, 2005, p. 285).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

COLI, Jorge. A palavra pensante. **Revista da USP**. São Paulo, n. 20, p. 60-65, dez./fev. 1993-1994.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Ed. crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Os sertões para estrangeiros. In: \_\_\_\_\_. **Gatos de outro saco**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 62-84.

**GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v. 23.

ZILBERMAN, Regina. Os cronistas e o Conselheiro: uma história de divergências. In: GOMES, Gínia Maria (Org.). **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. p. 277-290.

ZILLY, Berthold. Civilização versus barbárie: um confronto entre *Facundo* (1845) de Sarmiento e *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini (Org.).

**Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997. p. 93-101.

# OS SERTÕES, UMA EXPERIÊNCIA EDITORIAL

Luiz Armando Capra Filho

Euclides da Cunha foi um autor profícuo, produzindo textos jornalísticos, artigos, ensaios, crônicas, poesias. Entre eles, o principal, sem dúvida, chama-se *Os sertões*. Trata-se de representativa obra da literatura brasileira que, além de fazer parte da vertente de discurso memorialista, registra uma história de sucesso, de crítica e de público.

Ao descrever a Campanha de Canudos, traça um panorama do sertão brasileiro, contrapondo o litoral modernizado e europeizado à estrutura arcaica e pastoril do interior.<sup>1</sup> Versar sobre tais questões, de forma pioneira, torna o livro um texto importante e em destaque no mercado editorial.

Neste sentido, o presente artigo aborda a face editorial de *Os sertões* a partir do autor e sua publicação, pois tão importante quanto conhecer o processo editorial no qual o livro se encontra é constatar a influência da formação do autor na elaboração de sua obra. Apresentamos, a seguir, Euclides da Cunha, um recorte de sua vida e sua obra.

## Euclides da Cunha, a trajetória de um escritor

Euclides da Cunha nasceu no município de Cantagalo, em Santa Rita do Rio Negro, atual Euclidelândia, no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1866. Órfão desde muito

cedo, após passagem pela Bahia em 1877/78, retorna à capital carioca onde prossegue seus estudos. Mais tarde, frequenta o Colégio Aquino, em 1883/84, quando é aluno de Benjamin Constant e dá início às suas publicações no periódico da escola, *O democrata*. Matriculado na Escola Politécnica do Rio em 1885, transfere-se no ano seguinte para a Escola Militar, espaço que ocupou importante lugar e influência em sua formação.

Segundo Walnice Nogueira Galvão,<sup>2</sup>

a obra de Euclides da Cunha, visto como conjunto amplo e diversificado, será imperfeitamente compreendida se não for colocada contra o pano de fundo da Escola Militar, instituição de que foi um dos mais característicos frutos”.<sup>3</sup>

Entenda-se o porquê: como definição estatutária, a Real Academia Militar tinha como principal objetivo formar oficiais e engenheiros para os serviços públicos civis como a construção de pontes, estradas e portos. A estrutura da Escola Militar passou por diversas reformas, sendo a última, em 1890, de inspiração positivista do comtiano Benjamin Constant. Esta instituiu a concepção do soldado

<sup>2</sup> Segundo HALLEWELL (1985, p. 562), é de organização de Walnice Nogueira Galvão a primeira edição crítica de *Os Sertões*, pela Ática, em 1984.

<sup>3</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.), 1984, p. 7.

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto, 1943, p. 23.

como cidadão armado e da carreira enquanto missão civilizadora, humanitária e moral. Cabe ressaltar que foi desta escola que Euclides saiu formado<sup>4</sup> e resultam daí suas leituras na mocidade, ou seja, em ambiente militar.

Euclides da Cunha se tornou aluno da Escola Militar em um período de ativismo político, em posicionamento contra a monarquia. Prova disso foi o ocorrido em ocasião da visita de Tomás Coelho, ministro da Guerra do Império:

Euclides, na formatura, em vez de levantar seu sabre de sargento em saudação à autoridade, tenta quebrá-lo e, não o conseguindo, atira-o ao chão, ao que o comandante coronel Clarindo de Queirós manda prendê-lo.<sup>5</sup>

Em decorrência desse fato, foi expulso da escola em novembro de 1888. Somente após a Proclamação da República é que Benjamin Constant, que, como supracitado, havia sido seu professor, reintegra-o ao exército e lhe dá licença para cursar a Escola Superior de Guerra. Forma-se em janeiro de 1892. E iniciou na vida profissional realizando estágio de um ano na Estrada de Ferro Central do Brasil, “direito garantido por lei aos engenheiros recém-formados, mas que ele solicitou e recebeu enquanto favor pessoal de Floriano Peixoto”.<sup>6</sup> Discordando dos rumos tomados pela República, desligou-se definitivamente do exército em 1896.

Contribuindo para o periódico *A Província* (hoje *O Estado de São Paulo*) desde 1889, foi somente em 1897 que

escreveu as reportagens sob o título de “A Nossa Vendeia”,<sup>7</sup> que lhe renderam o envio como correspondente do jornal à região de Canudos. Nesse período, era comentarista político do jornal e, de acordo com o consenso da opinião pública, interpretava os acontecimentos ocorridos no interior de Pernambuco como uma revolta de monarquistas.<sup>8</sup>

O “evento” Canudos e a cobertura jornalística de Euclides da Cunha fazem parte da história da imprensa brasileira. É ali que surge a figura do repórter como um “enviado especial”, produzindo notícias sobre as novas da expedição. Canudos aparecia em reportagens diárias em importantes jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador.<sup>9</sup> Entre os anos de 1897 e 1902, Euclides da Cunha dedicou-se a escrever *Os sertões*, concomitante à profissão de engenheiro em obras públicas.

O lançamento do livro, em dezembro de 1902, foi um sucesso. Produziu grande impacto na intelectualidade brasileira. A obra rendeu-lhe eleição como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, em 1903. Ainda assim, “o sucesso da publicação de *Os Sertões* (...) não alterou a situação profissional de Euclides, que permanecia engenheiro da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo”.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> “A Revolta da Vendeia foi um movimento monarquista e católico ocorrido em 1793, na França, em oposição à República recém-proclamada pela Revolução Francesa de 1789.” Para mais informações, ver: PAREDES, Marçal de Menezes. Em busca da identidade nacional: tempo, história e memória em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS. Porto Alegre, 2001, p. 59.

<sup>8</sup> PAREDES, Marçal de Menezes. Em busca da identidade nacional: tempo, história e memória em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS. Porto Alegre, 2001, p. 58 e 59.

<sup>9</sup> PAREDES, Marçal de Menezes, op. cit., p. 66.

<sup>10</sup> VENÂNCIO FILHO, Alberto. Apresentação. In: CUNHA, Euclides da. *À Mar-*

<sup>4</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira, op. cit., p. 8 e 21.

<sup>5</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira, op. cit., p. 27.

<sup>6</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira, op. cit., p. 28.

Trabalhou ainda no Ministério das Relações Exteriores em questões de fronteiras e na composição de mapas das regiões ainda desconhecidas do país. No Rio de Janeiro, foi nomeado professor de Lógica no Colégio Pedro II. Porém, “jamais conseguiu uma posição à qual corresponda algum poder além do prestígio, como tanto queria”.<sup>11</sup>

Assassinado em 1909, Euclides da Cunha teve seu corpo velado na Academia Brasileira de Letras.

### Uma obra de culturas

Se, no início, *Os sertões* se resumia à pretensão de contar a história de Canudos, posteriormente, a obra torna-se a denúncia de uma ação, de um “crime” contra os sertanejos.<sup>12</sup> Conforme a nota preliminar escrita do próprio punho do autor: o livro foi

escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante [...] a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, [quando] intentamos esboçar [...] os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil.<sup>13</sup>

É a partir desse ponto de vista que a pesquisa começa, mas, tomando outro rumo ao longo do trabalho,

gem da História. [apresentação de Alberto Venâncio Filho]. Rio de Janeiro: ABL, 2005, p. XII.

<sup>11</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.), op. cit., p. 33.

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** – Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

<sup>13</sup> **Os Sertões**, Euclides da Cunha, Nota Leopoldo M. Bernucci, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001, p. 65.

o autor elabora o texto que, posteriormente, é editado em três partes marcantes, a saber: “a terra”, “o homem” e “a luta”. Na primeira, “A terra”, realiza uma descrição detalhada da região, sua geologia, seu clima, seu relevo, e aborda, igualmente, a seca no sertão. Em “O homem”, Euclides elabora um trabalho sobre a etnologia brasileira, enfoca o determinismo do meio e faz uma análise de tipos distintos como o gaúcho e o jagunço. É também nesse cenário que surge a figura de Antônio Conselheiro. Finalmente, em “A luta”, é relatado o conflito, narrando as investidas contra o Arraial. Mais do que isso, mostra o encontro entre duas culturas.

Antes de iniciar sua missão jornalística, Euclides já compreendia a luta de Canudos em termos de uma epopeia e propunha-se a descrever o embate.<sup>14</sup> Durante esse processo de composição da obra o autor passa por três fases distintas que culminam n’*Os sertões*,

[...] um primeiro momento em que o autor condenava os sertanejos como “inimigos” da nação; um segundo, quando ele começa a fragilizar suas concepções em função da inesperada resistência de povos tão “selvagens” e em terceiro onde Euclides vai compreender o sertanejo como “o cerne da nação brasileira”.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> CESAR, Guilhermino. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. In: CESAR, Guilhermino; SCHÜLER, Donaldo e CHAVES, Flávio Loureiro. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> PAREDES, Marçal de Menezes. **Em busca da identidade nacional**: tempo, história e memória em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS. Porto Alegre, 2001, p. 58.

Como já foi dito, o livro foi um sucesso entre os intelectuais; tornara-se a “bíblia” sobre Canudos, e sua interpretação, aceita como verdade absoluta.<sup>16</sup>

Em muitos momentos, *Os sertões* foi percebido como um relato fiel e despretensioso dos fatos, mas, como nos relata Gilberto Freyre, Euclides teve

[...] a colaboração do paciente pesquisador de geografia física e humana e de história colonial do Brasil que foi Theodoro Sampaio e do geólogo Orville Derby e, ainda a orientação do psiquiatra Nina Rodrigues quanto ao diagnóstico de Conselheiro e dos fanáticos de Canudos, o próprio esforço de pesquisa de Euclides nos arquivos da Bahia, e, de campo, no interior do Estado, vê-se como precária a posição dos que ingenuamente exaltam n’*Os Sertões* um livro improvisado. Nem improvisado, nem fácil.<sup>17</sup>

Influenciado pelas correntes de pensamento da época, a obra apresenta um caráter determinista característico de autores como Henry T. Buckle e Hippolyte Taine, personalidades marcantes por suas ideias no Brasil naquele período. A narrativa do livro segue “os ditames analíticos de raça, meio e momento”;<sup>18</sup> o evolucionismo spenceriano, o darwinismo racial e o positivismo de Comte como embasamento para compreender o objeto de estudo.

É justamente a partir deste referencial teórico e do estilo literário de Euclides da Cunha que *Os sertões* tornou-se um sucesso, deixando a elite brasileira maravilhada. “Senhores da literatura vitoriosa se prostaram em adoração aos pés daquele engenheiro ainda moço, autor daquela façanha estilística.”<sup>19</sup> Tal encantamento vai além do espírito claro e da grande objetividade do texto, ele se caracteriza na sensibilidade e na feição particular da linguagem do autor.

### Uma aventura editorial

Lançado no início do mês de dezembro de 1902 pela editora Laemmert, *Os sertões* tornou-se um *bestseller*. Então, cabe observar em qual cenário estava inserido esse acontecimento.

O mercado editorial brasileiro no início do século XX concentrava-se no Rio de Janeiro, sendo dominado por duas editoras: Garnier e Laemmert.<sup>20</sup> Esta última surge no Brasil, ainda em 1838, como “E. & H. Laemmert, mercadores de livros e música”. Embora publicasse diversas obras na área da literatura, grande parte de sua produção e maquinário estavam destinados para a edição do “Almanak Laemmert”, publicação que reunia informações sobre todo o império e chegava a ter cerca de 1.700 páginas. A importância da editora era tal que, em 9 de julho de 1862, o próprio imperador realizou uma visita oficial a sua oficina tipográfica. Laurence Hallewell, estudioso do setor editorial brasileiro, descreve números que revelam as proporções do potencial de produção da editora:

<sup>16</sup> GARCIA, Simone. **Canudos**: História e Literatura. Curitiba: HD Livros Editora, 2002, p. 30.

<sup>17</sup> FREYRE, Gilberto, 1943, p. 27.

<sup>18</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.), op. cit. . p. 36.

<sup>19</sup> CESAR, Guilhermino, op. cit., p. 39.

<sup>20</sup> Para mais informações sobre o mercado editorial brasileiro, ver: HALLEWELL, Laurence, 1985 ou 2006.

(...) em fins da década de 1850 a Laemmert tinha produzido 250 títulos, no começo da década de 1860 quase 400, em 1874 mais de 500 e, quando a firma abandonou a edição de livros, em 1909, ela havia produzido um total de 1.440 trabalhos de autores brasileiros e mais cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano.<sup>21</sup>

Mesmo com todo o sucesso, em 1909, após um incêndio que destruiu sua Livraria, a Laemmert vendeu os direitos autorais de sua propriedade para a Francisco Alves, que adquiriu assim sua reputação e clientela, incluindo o seu mais famoso título, *Os sertões*.

### A trajetória de *Os sertões*

A história editorial de *Os sertões* inicia ao ser publicado pela Laemmert em 1902, quando “vendera três edições, num total de dez mil exemplares em sete anos, pelos padrões da época, foi, sem dúvida, um grande êxito em vendas”.<sup>22</sup> As duas edições subsequentes, corrigidas, obedecem ao número de 618 páginas, e são pertinentes a 1903 e 1905.

A publicação do livro foi estimulada por Julio Mesquita, diretor do Jornal *O Estado de São Paulo*, e intermediada pelo amigo Garcia Redondo, que recorreu

<sup>21</sup> HALLEWELL, Laurence, 1985, p. 165. [N. A.: esta publicação pode ser, também, encontrada em versão atualizada pela Editora da Universidade de São Paulo – UNESP, 2006].

<sup>22</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 175. Ressaltamos que em levantamento do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) de 2005, a tiragem média no Brasil é de 2.000 exemplares por título.

a Lucio de Mendonça, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que, por sua vez, entrou em contato com os editores. Em 6 de janeiro de 1903, em correspondência com o gerente de edição da Laemmert, Gustavo Massow, Euclides aceita a proposta de ceder parte de seus direitos autorais em prol da segunda edição do livro “sem aguardar o resultado definitivo da venda”.<sup>23</sup>

Uma vez decidido que se faria o livro, a publicação de *Os sertões* perturbara tanto a Euclides quanto ao editor. Por recear uma represália dos militares ou críticas desfavoráveis, Euclides viaja pelo interior de São Paulo alguns dias antes do lançamento. Ao retornar, encontra duas cartas do seu editor. Na primeira, ele dizia estar arrependido pela publicação e lamentava um possível fracasso da obra. Na segunda, havia mudado de ideia e contava que o livro era um sucesso.<sup>24</sup>

Euclides comenta as questões contratuais e a negociação dos direitos com a editora, em correspondência endereçada ao pai:<sup>25</sup>

O contrato que fiz, não precisa dizer, foi desvantajoso – embora levasse à presença daqueles honrados saxônicos um fiador de alto coturno, José Veríssimo – de que sou hoje devedor, pela extraordinária gentileza com que me tratou. Subordinei-me a todas as cláusulas leoninas que me impuseram, e entre elas

<sup>23</sup> GALVÃO, GALLOTI, 1997, p. 102.

<sup>24</sup> EGASHIRA, Adriane Sene, 2002. Arquivo disponível em: [http://www.nordesteweb.com/links/nelink\\_0117.htm](http://www.nordesteweb.com/links/nelink_0117.htm)

<sup>25</sup> O contrato realizado com a editora Laemmert e efetivado em 17 de dezembro de 1901 encontra-se disponível no site Euclides da Cunha: <http://www.euclides.site.br.com/documentos.htm>, acesso em 18 de março, 2010.

a de dividir com eles – irrimamente pela metade, os lucros da publicação – e isto ainda depois que a venda os indenizasse do custo da impressão. Aceitei.<sup>26</sup>

Seu primeiro pagamento é referenciado em carta de 26 de abril de 1903, quando endereçada ao seu amigo Escobar, comenta a correspondência da Laemmert informando o pagamento líquido referente à primeira edição de *Os sertões*.<sup>27</sup>

No entanto, ao longo do tempo, o autor percebe que a negociação, baseada em custos e investimento, faz parte da prática editorial da época. Em carta ao pai, ele descreve a situação com um novo olhar, conforme registram Galvão e Galotti:<sup>28</sup>

Estive no Rio – e modifico um pouco o que disse sobre os editores d’*Os Sertões*. Pelas contas que vi, as despesas foram, de fato, grandes – de sorte que, dividido o líquido, terei um ou dois contos de réis. É possível que seja mais feliz na segunda edição.

Aníbal Bragança, em seu estudo sobre *Os sertões*, identificou, na documentação pesquisada, o contrato da primeira edição do livro. Nele consta a publicação de uma tiragem de 1.200 exemplares, seguido respectivamente de mais 2.000 em cada uma das edições de 1903 e 1905. Sendo por isso considerado, conforme afirma Bragança, “um

dos maiores sucessos de vendas no restrito mercado livreiro do início do século (XX) no Brasil“. Desse modo, analisa:

O contrato, apesar de em seu cabeçalho afirmar que trata da “impressão do livro *Os Sertões* (Canudos)”, é um contrato editorial típico, estabelecido entre autor e editor, para cessão de direitos autorais de uma obra a ser editada e comercializada pelo editor. A exigência de participação do autor no investimento financeiro valia apenas para a primeira edição. O mesmo contrato já estabelece na última cláusula (a sétima) que “No caso de proceder-se a uma segunda edição, regularão as mesmas condições do presente contracto, excepto a contribuição pecuniária do autor”. O que não deixa dúvidas não só que o contrato não era para a “impressão do livro” e, menos ainda, para o “autofinanciamento” da edição. Era, isto sim, um contrato de cessão de direitos autorais.<sup>29</sup>

Certamente cobiçados exemplares para os bibliófilos, a primeira edição de *Os sertões* veio com erros e o autor os refez pessoalmente, conforme Bragança:

Em nota a uma carta de Euclides da Cunha ao seu amigo Escobar, de 19/10/1902, afirma: ‘Euclides, apavorado com a crítica gramatigueira que lhe poderiam fazer por alguns

<sup>26</sup> GALVÃO, GALOTTI, 1997, p. 129.

<sup>27</sup> GALVÃO, op. cit., p. 161.

<sup>28</sup> GALVÃO; GALOTTI, 1997, p. 150.

<sup>29</sup> BRAGANÇA, Aníbal, 1997, p. 19.

descuidos de revisão, corrigiu, depois de impressos *Os Sertões*, vários erros tipográficos (os mais graves), a nanquim e ponta de canivete, em cerca de mil exemplares (1ª edição).

Em 1905, definitivamente, o autor vende seus direitos de *Os sertões* à Laemmert, justificada por sua situação financeira. Assim, a partir da quarta edição, em 1911, o livro inicia sua trajetória na nova casa: a Francisco Alves. Embora tenha prosseguido a inserção da obra no mercado, segundo Hallewell, consta que a Francisco Alves manteve a reimpressão de 1911 a 1999.<sup>30</sup>

### Retorno da crítica

Em 12 de dezembro de 1902, em *A Notícia*, J. dos Santos publicou a seguinte crítica: “O livro extraordinário do Sr. Euclides da Cunha ficará como uma página na história, como uma lição e, infelizmente, como um remorso...”<sup>31</sup>

José Veríssimo anuncia no *Correio da Manhã*, em 1903, o texto:

O livro, por tantos títulos notáveis do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e

descrever, que vibra e sente tanto os aspectos da natureza como ao contato do homem, e estremece todo, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, das “secas” que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos.<sup>32</sup>

E Araripe Júnior completa: “Crítico esse trabalho, dizia comigo mesmo, não é mais possível. A emoção por ele produzida neutraliza a função crítica” (*Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1903.).<sup>33</sup> Tais críticas evidenciam a repercussão e a importância do livro para o período.

O que significa o tal “lucro de ordem moral” a que se referiu em correspondências pessoais o jovem autor Euclides da Cunha? Pode-se responder que a boa recepção da obra por parte dos intelectuais e homens letrados foi a sua causa. Nesse sentido, percebe-se que, ao longo dos anos de 1930 e 1940, *Os sertões* aparece como um precursor no desenvolvimento das ciências sociais brasileiras. Segundo Walnice Nogueira Galvão,

As interpretações gerais do Brasil que surgem nos anos 30 apontam para a coexistência de dois países – um litorâneo e adiantado, o outro interiorano e atrasado – [...]. Essa é a maior e, até hoje, permanente

<sup>30</sup> HALLEWELL, 2006, p. 447.

<sup>31</sup> PINHEIRO, Célio (Coord.), 1982, p. 33.

<sup>32</sup> PINHEIRO, Célio (Coord.), op. cit., p. 33.

<sup>33</sup> PINHEIRO, Célio (Coord.), op. cit., p. 34.

influência de *Os Sertões* em nossa reflexão social. Este foi o primeiro grande livro, com imediato êxito e divulgação, a trazer para a linha de frente do pensamento nacional a indagação das razões do atraso do interior do país e deste país com relação a outros.<sup>34</sup>

Essas interpretações de Brasil que surgem durante esse período justificam um maior interesse pela obra de Euclides da Cunha e a publicação de *Os sertões* em diversos países em que se procura conhecer o Brasil por meio de seus escritores.

A primeira tradução de *Os sertões* foi realizada para o espanhol em 1938. Foi publicada em Buenos Aires através de uma edição do Ministério da Justiça e Instrução Pública, na coleção “Biblioteca de Autores Brasileiros Traducidos al Castellano”.

Já a edição norte-americana foi produzida pela Editora da Universidade de Chicago em 1944 sob o título de *Rebellion in the backlands*. *Os sertões* possui versões também em sueco (versada por tradução indireta da americana, prática usual na época), dinamarquês, holandês, francês, italiano, português (de Portugal) e chinês.<sup>35</sup>

*Os sertões*, sem dúvida, foi uma obra de impacto seu circuito cultural, através de repetidas edições e de análises críticas de intelectuais da época e contemporâneas. Apesar de a abordagem estar vinculada ao ambiente positivista, o

livro configura o relato parcial de um homem e sua época. Ainda hoje, a grande obra de Euclides da Cunha, em domínio público desde 1979, é publicada, lida e estudada.

### Referências bibliográficas:

ANDRADE, Juan C. P. de. Euclides da Cunha site. Disponível em <http://www.euclides.site.br.com/>. Acesso em 17 de março de 2010.

BRAGANÇA, Aníbal. **Revisões e provas**. Notas para a história editorial de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. São Paulo: PPGCOM/ECA/USP, 1997. Edição preprint. Disponível em [www.uff.br/lihed/](http://www.uff.br/lihed/). Acesso em 18 de março de 2010.

CESAR, Guilhermino. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. In: CESAR, Guilhermino; SCHÜLER, Donaldo e CHAVES, Flávio Loureiro. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** – Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro. Sem data.

\_\_\_\_\_. **Os Sertões** – Campanha de Canudos. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci. 2ª edição. São Paulo: Ateliê, 2001.

<sup>34</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). Euclides da Cunha. São Paulo: Ática, 1984. p. 36

<sup>35</sup> Para mais informações, consultar: PINHEIRO, Célio (Coord.). 80 anos de *Os Sertões* de Euclides da Cunha: 1902-1982. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

\_\_\_\_\_. Site de Euclides da Cunha. Disponível em <http://www.euclides.site.br.com>. Acesso em 18 de março de 2010.

EGASHIRA, Adriane Sene. Lançamento em 1902 – Triunfo imediato. **O Estadão** online, 2002. Arquivo disponível em [http://www.nordesteweb.com/links/nelink\\_0117.htm](http://www.nordesteweb.com/links/nelink_0117.htm). Acesso em 23 de março de 2010.

FREYRE, Gilberto. **Atualidade de Euclides da Cunha**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

GALVÃO, Walnice Nogueira (org). **Euclides da Cunha**. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_; GALOTTI, Oswaldo. **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp, 1997.

GARCIA, Simone. **Canudos: História e Literatura**. Curitiba: HD Livros Editora, 2002.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

PAREDES, Marçal de Menezes. **Em busca da identidade nacional: tempo, história e memória em Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS. Porto Alegre, 2001.

PIMENTEL, Osmar. Um aprendiz de “Os sertões”. In: **Revista da Academia Paulista de Letras**. Ano XXXVIII, dezembro de 1981, n° 99.

PINHEIRO, Célio (coord). **80 anos de Os Sertões de Euclides da Cunha: 1902 – 1982**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982. p. 33.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. Os tempos passarão... In: **Revista da Academia Paulista de Letras**. Ano XL, abril de 1983, n° 102.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Apresentação. In: CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. [apresentação de Alberto Venâncio Filho]. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

# O REPERTÓRIO TEÓRICO DE OS SERTÕES: ENSAIO SOBRE O DRIBLE EUCLIDIANO

*Marçal de Menezes Paredes*

*É que sou como certos pássaros que, para despedir o vôo, precisam de trepar primeiro em um arbusto. Abandonados no solo raso e nu, de nada lhes servem as asas; e têm de ir por ali fora à procura do seu arbusto. Ora, o meu arbusto é o Fato*

## **Euclides da Cunha em Carta a João Luso**

Os *sertões* ocupa lugar matricial no pensamento sobre a cultura brasileira. Bertold Zilly chegou a chamá-lo de a “Bíblia da nacionalidade”. Assim sendo, não surpreende que o livro tenha servido como base para diversas interpretações ou ilações: seja como um libelo contra a concentração de terra seja como um ícone contra a violência urbana.<sup>1</sup> Em cada caso, certo é que a obra magistral de Euclides da Cunha representaria uma fonte seminal das lições da história nacional, reafirmando sua condição de clássico, justamente por sua plasticidade referencial.

As reflexões sobre o livro também apontam para diversas direções<sup>2</sup>. Gilberto Freyre e Fernando de Azevedo, por exemplo, relacionam as características tensas da prosa

euclidiana à constituição psíquica de seu autor. Intelectuais como Nelson Werneck Sodré e Renato Ortiz realçam a grandezaliteráriadaobraedenuciamaspectoscontraditórios do ponto de vista político-ideológico. Diferenciam, portanto, a interpretação de seu estilo literário. Dante Moreira Leite e José Guilherme Merquior, por sua vez, embora apontem ambiguidades na obra chamam atenção para a honestidade intelectual de seu autor. Para Augusto de Campos, a forma como Euclides da Cunha manuseia as palavras, misturando prosa e poesia, criando verdadeiros “enclaves lingüísticos”, torna o livro resistente “às categorizações estilísticas”.<sup>3</sup>

A lista de intérpretes é imensa e não caberia nos propósitos deste estudo. Tampouco acredito ser viável discutir a obra sob o viés das lições que ela representaria às futuras gerações. Ao contrário, creio que uma adequada percepção de um texto deve ser pensada no âmbito do seu contexto de produção. Deve-se analisar os limites e as possibilidades

<sup>1</sup> A primeira referência encontra-se em matéria de capa publicada da revista *Veja* de 18/6/2003, “A esquerda delirante” relata menção a Antônio Conselheiro nos discursos de José Rainha, líder do MST. A segunda é oriunda da crônica de Roberto Pompeu de Toledo, “Os Sertões e o caso Tim Lopes”, publicada na revista *Veja* de 31/07/2002.

<sup>2</sup> Para uma análise de algumas interpretações de *Os Sertões* consultar: PAREDES, Marçal de M. *Memórias de um Ser-tão brasileiro: tempo, história e memória em ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha*. Curitiba: Juruá, 2002.

<sup>3</sup> CAMPOS, Augusto de. “Transertões”. In: CAMPOS, Augusto & CAMPOS, Haroldo. *Os Sertões: dos Campos - duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997, p.11

de significação disponíveis para o autor e a forma como ele conseguiu externá-las em seu texto. Nesse sentido, a boa pista foi deixada por Guilhermino César, quando disse que Euclides foi um escritor cuja obra refletiu perfeitamente,

O espírito de uma geração e, mais do que isso, condensou numa obra-prima, como *Os Sertões*, as correntes mais diversas do pensamento e da sensibilidade, tal como as vinha elaborando o brasileiro culto, ao findar do século XIX. Donde poder-se dizer que *Os Sertões é um livro-estuário*. Para ele derivaram todas aquelas correntes.<sup>4</sup>

Considerar *Os sertões* como um “livro-estuário” é buscar o significado de um objeto composto por diversas influências da sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX. É perscrutar a particular mistura de correntes teóricas que condicionou sua produção e tratá-la como peça fundamental que conferiu originalidade e complexidade à obra. Assim, cabe a seguinte pergunta: que ideias estavam disponíveis na época de produção do maior fenômeno literário do início do século XX?

## O repertório teórico

Em discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, em 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção

<sup>4</sup> CÉSAR, Guilhermino. “A visão prospectiva de Euclides da Cunha”. In: CESAR, Guilhermino; SCHÜLER, Donald & LOUREIRO CHAVES, Flávio. Euclides da Cunha. Porto Alegre: UFRGS, 1966, p. 9. O grifo é meu.

a Euclides da Cunha, Sívlio Romero revela os contornos sociais presentes na construção de *Os sertões*. A Guerra do Paraguai, o movimento republicano e o apelo à secularização da sociedade somam forças numa feroz crítica ao Império. A abolição da escravatura transforma radicalmente as bases trabalhistas da economia nacional. Do ponto de vista literário, o romantismo é superado pela estética realista. Por todos os lados, portanto, o apelo à luta por ideais e pela transformação social dão um tom de mudança aos ares da época.

De repente, por um movimento subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida a questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arroxo das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas económicos; o partido liberal, expelido do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> ROMERO, Sívlio. Provoações e Debates (Contribuições para o Estudo do Bra-

Euclides da Cunha viveu intensamente esse contexto. Foi um jovem republicano rebelde. Formou-se na Escola Militar<sup>6</sup> sob as lições de Benjamim Constant e participou ativamente das campanhas que formavam a opinião pública da época. O texto de Sílvio Romero também acrescenta mais informações a respeito da superação da filosofia espiritualista pela onda cientificista que varreu todos os campos do conhecimento.

Um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou (...).<sup>7</sup>

sil Social). Porto: Livraria Chardron, 1910, p.359.

<sup>6</sup> Fundada em 1810, por D. Rodrigo de Sousa e Coutinho, a Real Academia Militar do Brasil insere-se no conjunto de transformações ocorridas na colônia com a transferência da Família Real em 1808. Mesmo com algumas resistências à sua organização na época, a escola ganhou corpo com uma visível influência iluminista com a inclusão das ciências exatas e naturais nos currículos. A escola estruturava-se em quatro armas: engenharia militar, artilharia, cavalaria e infantaria, apresentando, desde a sua fundação, uma forte influência do pensamento francês. Para maiores informações a respeito da influência da Escola militar na formação de Euclides da Cunha consultar CUNHA, Euclides da. Euclides da Cunha. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática. Col. Grandes cientistas sociais n.º 45, 1984, p.7-37.

<sup>7</sup> ROMERO, Op. Cit., pp.359-360.

É esta agitação de ideias e instabilidade intelectual que vale à pena ser seguida. Merece destaque o repertório teórico disponível naquele contexto de escrita: positivismo, evolucionismo darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo etc. Uma onda de novas compreensões acerca da natureza, da sociedade, da história. Transgride o objetivo deste artigo a explicação detalhada de cada um destes postulados e sobre o porquê eles distinguem-se uns dos outros.<sup>8</sup> Contudo, parece relevante dedicar atenção à inflexão ocorrida na opinião de Euclides da Cunha sobre os sertanejos. É crível que no momento da mudança de opinião do autor se desvende importantes elementos de seu pensamento. Para ter-se uma ideia disto, basta cotejar as matérias produzidas antes de sua viagem a Canudos com algumas linhas depois da experiência sertaneja.

### Antes do sertão, as certezas

Os artigos escritos no periódico por Euclides da Cunha marcam o primeiro momento de seu contato com o sertão. Como comentarista político do jornal *A Província de São Paulo* interpretava os acontecimentos do interior de Pernambuco como uma revolta de “monarquistas renitentes”. Trata-se de dois artigos, ambos com o título de *A Nossa Vendéia*. O primeiro, publicado em 14 de março de 1897 e o segundo publicado em 17 de julho de 1897.

A Revolta da Vendéia foi um movimento monarquista e católico ocorrido em 1793 na França em oposição à

<sup>8</sup> Exploro algumas diferenças existentes entre estes postulados teóricos em PAREDES, Marçal de M. “De convergências e dissidências: notas sobre o repertório teórico do final do século XIX”. In: SILVA, Mozart Linhares da. Ciência, raça e racismo na modernidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, pp.152-176.

República recém proclamada pela Revolução de 1789. Nesse sentido, percebe-se a incorporação da experiência histórica francesa como referência para a interpretação do movimento carismático sertanejo em torno de Antônio Conselheiro. Desde a primeira reportagem é nítido o ponto de vista naturalista, conforme o tom das teorias dezenovistas. O pensamento classificatório localiza informações coletadas nos textos de Von Martius e Saint-Hilaire — viajantes alemão e francês que passaram pelo sertão — na taxonomia geológica e biológica produzidas pela ciência da época. Toma-as como referência, posto estarem nesses estudos alguns dados sobre a flora nordestina. Sua aproximação intelectual não partiu, portanto, do nada. Já possuía informações suficientemente minuciosas quando descreveu as paragens onde se desenvolvia a Campanha de Canudos. Mas nunca estivera lá. Sua interpretação concede mais cuidado à descrição geológica do sertão do que à explicação antropológica do sertanejo. Este aparece como determinação direta das características do meio, consideração que se repetirá em *Os sertões*.

Pertence ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do a horda de fanatizados sequazes de Antônio

Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.<sup>9</sup>

Nas primeiras linhas escritas no jornal, o empreendimento militar rumo à Canudos se revela mais como uma investida contra os limites do desconhecido (a natureza) do que propriamente contra rebeldes insurretos. O resultado é mais a surpresa com aquela terra ignota do que uma profilaxia sóciopolítica que restabelecesse a ordem. A compreensão da alteridade sertaneja estava em função quase que exclusivamente do meio geográfico adusto. Sua imagem é legada ao segundo plano, sendo um “tipo etnologicamente indefinido” conforme as convicções do darwinismo social. Este posicionamento será em parte desdito anos depois.<sup>10</sup>

Euclides da Cunha ecoava o sentimento geral da sociedade carioca. Via a Campanha de Canudos como uma ameaça de fanáticos tabaréus que se insurgiam contra a mais recente conquista da nação: a República. Eram um verdadeiro obstáculo à civilização. Nesse sentido, a analogia histórica com a experiência francesa parecia se justificar: “como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império”.<sup>11</sup> Essa aproximação alimenta grande otimismo quanto ao sucesso dos soldados saídos da capital em direção a Canudos. Ajuda a compreender e a aceitar, inclusive,

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da. “A Nossa Vendéia”, A Província de São Paulo, 14/03/1897, In: CUNHA, Euclides. Diário de uma expedição. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p.44.

<sup>10</sup> Em *Os sertões* o sertanejo aparece como uma subcategoria étnica bem definida pelo isolamento que o clima e a geografia propiciaram.

<sup>11</sup> CUNHA, Euclides da. **A Nossa Vendéia**. op. cit., p. 51.

os primeiros reveses sofridos pelas tropas republicanas em Pernambuco. Afinal, a República Francesa também teve dificuldade para vencer os monarquistas rebeldes. A vitória era certa, contudo. Era apenas uma questão de tempo, pois os rumos da História Universal tinham a mesma direção. O paralelo entre o *chouan* e o sertanejo estava traçado:

O *chouan* fervorosamente crente ou o *tabaréu* fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.<sup>12</sup>

A compreensão do sertanejo enquanto hipnotizado não esconde alguma crítica social. Ela se coaduna com a abordagem positivista ortodoxa da sociedade, na medida em que o coletivo é comandado pelos “grandes homens”. Desse viés surgirá, mais tarde, o entendimento de Antônio Conselheiro como “espécie de grande homem pelo avesso”.

Na segunda reportagem, publicada em 17 de julho de 1897, o sentimento patriótico continua forte, apesar de mais um fracasso das tropas contra os “fanáticos” conselheiristas. As analogias históricas relacionando conflitos armados contra grandes potências europeias aumentam: a Inglaterra contra os Zulus e os Afgãs, a França em Madagascar e a Itália contra os Abissínios. Exemplos lembrados como prova de que se tratava do curso geral da História. O repórter agora cede mais

espaço à descrição física e psicológica do *jagunço*.<sup>13</sup> O representante humano daquelas paragens é pintado

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço* traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais. Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem — bárbaro, impetuoso, abrupto.<sup>14</sup>

Essa personagem<sup>15</sup> caracterizada à imagem da natureza que o criou é o inimigo, monarquista rebelde. A Campanha de Canudos é entendida como o acontecimento homólogo à passagem da Idade Média para a Modernidade. Trata-se de uma diferença de época.

<sup>13</sup> É importante ressaltar que na reportagem, e no diário, a palavra *jagunço* aparece destacada em itálico — sinal de estranhamento e exotismo. Em *Os Sertões* não mais estará em relevo essa personagem, prova de incorporação e apreensão intelectual. Sinal de familiaridade.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.57.

<sup>15</sup> A riqueza dos detalhes com que Euclides descreve o sertanejo sem tê-lo visto ainda nesse momento deve-se à tradição sertanista da literatura brasileira, iniciada por Bernardo Guimarães com seu livro *O Ermitão de Muquem* que data de 1858. Mesmo antes de Euclides embarcar rumo ao sertão já havia sido construída uma imagem mitificada do povo sertanejo. Para mais informações consultar CESAR, Guilhermino, SCHÜLER, Donald & LOUREIRO CHAVES, Flávio. *Euclides da Cunha*. Porto Alegre: UFRGS, 1966.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.51.

Um caso de atavismo, pois “o *jagunço* é uma tradução justa linear quase do *iluminado* da Idade Média”.<sup>16</sup>

As aproximações de fases históricas são fruto de uma concepção de tempo absoluto e unívoco e, geralmente, acabam por escalonar experiências culturais de acordo com níveis de desenvolvimento estabelecidos como universais. Por esse viés, as diferentes sociedades passariam pelo mesmo movimento histórico-evolutivo saindo da barbárie rumo à civilização. O sentido ascendente do tempo aponta para cima e progride do mais simples ao mais complexo, do inferior ao superior. No pensamento de Euclides da Cunha a concepção da “força motriz da história” é sobremaneira forte, estando presente na Nota Preliminar de *Os sertões*.

De qualquer forma, nessas duas reportagens o autor demonstra conhecimento geológico acerca da flora do sertão, bem como transparece segurança ao descrever as características físicas do sertanejo. Antes mesmo de iniciar a viagem rumo a Canudos<sup>17</sup> já ousava grifar pareceres sobre a região e sua população. Sua compreensão busca auxílio histórico e científico no continente europeu e parece satisfazer-se. Antes da Expedição de Canudos, o sertão ainda parece caber no quadro da evolução.

### Do patriotismo ao *mea culpa*

Segundo Walnice Nogueira Galvão, Euclides da Cunha não quis publicar a série de reportagens que enviara para o jornal *A Província de São Paulo*. Elas só vieram a lume em

<sup>16</sup> CUNHA, Op. Cit., p. 58.

<sup>17</sup> A viagem do Rio de Janeiro até o sertão demorou aproximadamente um mês: de 7 de agosto a 1º de setembro. A maior parte desse período Euclides da Cunha permaneceu em Salvador.

1939, devido ao interesse póstumo de serem analisadas como embrião de *Os sertões* sob o título de *Canudos - Diário de uma expedição*.<sup>18</sup> A Guerra de Canudos faz parte da história da imprensa brasileira. Pela primeira vez um repórter, enviado especialmente, cobria os acontecimentos no *front*. Importante evento midiático do país, as matérias diárias tinham espaço reservado nos principais jornais de São Paulo, Rio e Salvador. Essa comunicação só foi possível devido à recente instalação de redes de telégrafo cobrindo o sertão que, em parte, já perfaziam o ideal de integração tecnológica do país.

O *Diário* de Euclides é bastante extenso. Nele estão contidas suas primeiras anotações desde o dia de sua partida para a Bahia, a bordo do navio *Espírito Santo* no dia 7 de agosto, até o dia 1º de outubro de 1897.<sup>19</sup> Nesse período a figura do sertanejo vai gradualmente mudando seu cariz aos olhos do repórter conforme ele foi se embrenhando no sertão. Nas primeiras anotações, revela a força que o ideal da República — entendido como passo necessário rumo à civilização e ao progresso — possuía nas mentes da época.

Um pesado silêncio paira repentinamente sobre os grupos esparsos; o coração batendo febrilmente nos peitos, perturba o ritmo isócrono

<sup>18</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. “Os Sertões”. In: MOTA, Lourenço Dantas. **Uma introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

<sup>19</sup> No Diário estão inseridas as anotações dos dias 07, 10, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21 e 23 de agosto enquanto o autor estava em Salvador; a anotação do dia 31 de agosto enquanto estava no município de Alagoinhas; as dos dias 1ª a 4 de setembro em Queimadas; do dia 4 de setembro em Tanquinho e 5 em Cansanção; a anotação também do dia 5 de setembro em Quirinquinquá; as do dia 6 ao dia 11 de setembro em Monte Santo e de 24 de setembro a 1º de outubro em Canudos. Trata-se da descrição de impressões de um viajante, repórter dedicado à pesquisa, rumo ao interior do Brasil. Não por acaso, é esta a sensação passada nas linhas do primeiro capítulo de *Os Sertões*, chamado “A Terra”.

da vida — e os olhares, velados de lágrimas, dirigem-se ansiosamente para o Sul ... Ao mesmo tempo, porém, como antídoto enérgico, um reagente infalível, alevanta-se, ao Norte, o nosso grande ideal — a República.<sup>20</sup>

Euclides constrói, desde essa época, a imagem de uma dualidade essencial que precisa ser sanada. As diferenças entre Sul e Norte demonstravam que era o ideal de nação que estava ameaçado pelos monarquistas renitentes escondidos no sertão. Impelido pelo dever com a pátria, o engenheiro militar se curvava diante da força que essa ideia abstrata transparece ao demover soldados das mais diferentes regiões do país, confirmando, através das armas, o sentimento de união nacional.

Eu nunca pensei que esta noção abstrata da Pátria fosse tão ampla que, traduzindo em síntese admirável todas as nossas afeições, pudesse animar e consolar tanto aos que se afastam dos lares tranqüilos demandando a agitação das lutas e dos perigos. Compreendo-o, agora. Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com a segurança o último embate aos que a perturbam.<sup>21</sup>

Tratava-se do último degrau a aceder para que o novo regime estivesse definitivamente consolidado.

<sup>20</sup> A bordo do Espírito Santo, 7 de agosto de 1897. In: CUNHA, Op. cit., p.67.

<sup>21</sup> Ibid., idem. Sabe-se hoje que os liderados de Antônio Conselheiro foram utilizados como inimigo interno para fortalecimento do regime.

Acompanhado pelo morteiro *Canet*, pelas metralhadoras e espadas, o militar Euclides cria próxima a chegada do “*grande dia tropical*”.<sup>22</sup> Munido de fortes convicções e animado pela expectativa da redenção patriótica, faz uma importante parada em sua viagem rumo a Canudos e passa 24 dias em Salvador. Na antiga capital redige seu diário e envia reportagens para o jornal. Havia coletado informações em entrevistas com os retornados do combate ou a partir da análise que fazia das reações populares nas ruas. Entretanto, começa a surpreender-se com a “inesperada e tenaz resistência” sertaneja e denuncia os erros técnicos responsáveis pelo fracasso da Expedição Moreira César.<sup>23</sup>

Neste momento, o sertanejo ainda é entendido como um selvagem. Estreitamente vinculado à aspereza e rusticidade da terra. Ainda manifesta convicção na inferioridade racial do jagunço; inferioridade que o aproxima de animais repugnantes. É a porção negativa da gente brasileira. A fatia étnica que restava civilizar e domesticar. Para além da inferioridade na cadeia evolutiva das raças, o sertanejo representaria a inversão das leis consagradas pelas teorias científicas da época.

Acredita-se quase numa inversão completa das leis fisiológicas para a compreensão de tais seres nos quais a força física é substituída por uma agilidade de símio, deslizando pelas caatingas como cobras, resvalando

<sup>22</sup> Ibid., p.68.

<sup>23</sup> A morte do chefe da terceira expedição, coronel Moreira César, no primeiro dia do ataque ao arraial provocou a debandada geral das tropas militares, abandonando seu armamento. Os sertanejos, depois do ocorrido, defendiam-se com o mesmo armamento que as tropas: as famosas Comblains e as Malincher.

céleres, descendo pelas quebradas, como espectros, arrastando uma espingarda que pesa quase tanto quanto eles — magros, secos, fantásticos, com as peles bronzeadas coladas sobre os ossos — ásperas como peles de múmias.<sup>24</sup>

Não obstante, o número de feridos só fazia aumentar. Os hospitais de Salvador, em agosto de 1897, estavam cheios dessas “grandes vítimas obscuras do dever”. Regressados da “Meca dos Jagunços”, soldados mais pareciam uma “procissão dantesca de duendes”.<sup>25</sup> O aumento das baixas era “fenômeno inexplicável”. A partir deste momento, ocorre uma gradativa alteração na expectativa do repórter, que admitia:

o imprevisto tem exercido sobre a nossa existência política uma ação tão persistente que deve entrar como elemento preponderante em todas as combinações; é preciso contar com ele; é preciso esperar — o inesperado....<sup>26</sup>

Passados alguns dias e após mais notícias sobre a resistência daquelas “populações arcaicas”, Euclides vê esmaecerem suas convicções. A chegada de mais mortos e feridos abalou a apoteose pintada antes da viagem, que se apoiava na inferioridade racial da população do interior contraposta a superioridade do litoral. Conforme o tempo passava, enfiado pela demora no término da contenda, Euclides ia transfigurando o espanto e diminuindo o

poder de suas ácidas linhas condenatórias do sertanejo. No primeiro *mea culpa* intelectual, admite ter avaliado “imperfeitamente a situação” e de ter sido “dominado talvez pela opinião geral”.<sup>27</sup> Pelo jornal, confessava que tinha se deixado levar pelo otimismo exagerado. Daí em diante inaugura uma progressiva crítica às suas próprias fontes. Afirmava que “procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sísifo”.<sup>28</sup>

À procura de um enquadramento, percebeu a fuga de suas referências. Tal como Sísifo, empurrava morro acima pesada rocha dos juízos de valor, tentando aplicá-los à situação que presenciava. No entanto, com o prolongamento da contenda, suas certezas desabavam novamente. De volta à prancheta, matematicamente pintava imagens e esquadrihava pareceres. Em vão. Nesse período, ainda em Salvador, ao dia 16 de agosto de 1897, disse: “não há conjecturas que não se justifiquem, por mais ousadas que sejam”. Não vendo aplicabilidade dos conhecimentos de que dispunha, o intelectual de formação positivista sentia o desespero epistemológico de quem procura a chave da resposta às suas indagações e não encontra nada.

Realmente, quem quer que no momento atual, subordinado a uma lei rudimentar de filosofia, procure, neste meio, calcar as concepções subjetivas sobre os materiais objetivos, não as terá seguras e animadoras quando estes são tão incoerentes e desconexos.<sup>29</sup>

<sup>24</sup> Bahia, 12 de agosto. CUNHA, Op. cit., p.76.

<sup>25</sup> Ibid., p.78.

<sup>26</sup> Ibid., p.82.

<sup>27</sup> Bahia, 16 de agosto. CUNHA, Op. cit., p.93.

<sup>28</sup> Ibid., p.98.

<sup>29</sup> Ibid., p.100.

O viés da ideologia moderna concebe, desde suas origens europeias, uma relação bastante peculiar entre a teoria e a realidade. Para tais pensadores,<sup>30</sup> não existe fato que não se possa explicar e compreender dentro do sistema de pensamento vigente. Tudo o que escapa à lógica binária efetivamente não é artefato para a reflexão. Construiu-se, assim, um tipo de saber em contraposição aos aspectos irregulares dos fenômenos. Afinal, o método científico ensina a observação e a seleção das características regulares e repetitivas, excluindo as demais por não serem essenciais. O objeto do *logos* só pôde existir, nesta perspectiva, na medida em que servisse previamente à depuração cognitiva por parte do cientista. O problema está justamente em quando o pesquisador não consegue eleger regularidades, posto que tudo o que observa se apresenta desconexo. Nenhum modelo, por mais rígido que seja (como o foi o positivista), consegue enquadrar o humano absolutamente. Parece ter sido essa a situação vivida por Euclides da Cunha. O exotismo do contato com o inesperado gera duas posições: a que condena o diferente e a que o enaltece. Euclides ficará refém desta dicotomia. E permanecerá em dúvida.

O intelectual começou a se perguntar pelos motivos que levavam os habitantes de Canudos, mesmo em número muito reduzido, a não fugirem. Do espanto nascia uma admiração ainda inconfessa. Admiração pelo brio, pela coesão social e pelo amor a terra, valores descobertos no sertanejo. Compreensão advinda pelo

espelho reflexo da alteridade que revelava as faltas observadas na política nacional litorânea.

O pensamento de Euclides da Cunha aglutina elementos intelectuais de variada ordem. Sua formação como engenheiro militar combina-se a um largo cientificismo – onde estão presentes as ideias da primeira fase do pensamento de Comte, mais metódica. Incorpora as informações advindas da biologia e do darwinismo social divulgados na época. Mistura o pensamento de Stuart Mill à sociologia de Gumpowicz, acoplando, neste bojo, critérios da filosofia evolucionista. Com sensibilidade e originalidade intelectual suficientes, além da disciplina necessária, Euclides revela ainda vários outros autores que o ajudavam a procurar explicações.

As condições mesológicas nas quais devemos acreditar, excluídos os exageros de Montesquieu e Buckle, firmando um nexos inegável entre o temperamento moral dos homens e as condições físicas ambientes, deviam formar profundamente obscura e bárbara, uma alma que num outro meio vibrasse no lirismo religiosos de Savonarola, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa. Porque, afinal, impressiona realmente essa tenacidade inquebrantável e essa escravização a uma idéia fixa, persistente, constante, nunca abandonada.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Refere-se aos clássicos pensadores da modernidade, na vertente mais racionalista, que expressam bem o dualismo entre espírito e matéria em sua obsessão pelas "idéias claras e distintas".

<sup>31</sup> *Ibid.*, p.123.

Ainda fortalecido com suas referências, Euclides embarca no comboio e parte rumo ao arraial de Canudos. Suas reportagens desse período definem-se como relato das localidades e suas gentes. Descreve a flora da região, tão diferente das paisagens do litoral e em consonância com o determinismo geográfico caro às teorias da época.

A primeira parada é em Alagoinhas. Depois chega a Queimadas, onde acredita estar no “último elo que nos liga hoje, às terras civilizadas”. Esta verdadeira fronteira entre a civilização e a barbárie, entretanto, proporciona novos conhecimentos. Relata, por exemplo, que num passeio matutino a cavalo pôde, pela primeira vez, entrar em contato com a caatinga “satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada”. Diante de si apresentou-se “um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar ao mais experimentado dos botânicos”. Num misto de êxtase e crítica demonstra toda a surpresa do contato com o agreste.

Perdi-me logo, perdi-me desastrosamente no meio da multiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante e deslumbrado — nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e *nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos*.<sup>32</sup>

A citação cima é importante. Nela, vê-se claramente o quanto a experiência pessoal fragilizou as outrora

<sup>32</sup> Queimadas, 1º de setembro de 1897. In: CUNHA, Op. cit., p.134. O grifo é meu.

inquestionáveis certezas e “maravilhas teóricas”. A formação acadêmica transfigura-se em ilusão diante de sua extrema inaplicabilidade à nova realidade vivenciada.

E o que se sente observando esta multidão de árvores pequenas, diferenciadas em galhos retorcidos e quase secos, desordenadamente lançados a todas as direções, cruzando-se, trançados, num acervo de ramos quase desnudados — é como um *bracejar de desespero*, a pressão de uma tortura imensa e inexorável.<sup>33</sup>

Neste momento inicia-se efetivamente o processo de apreensão do sertão. Física e sensivelmente o autor apreende a sociedade e a natureza que o cerca. E se a natureza é “agressiva para os que a desconhecem — ela é providencial para o sertanejo”.

Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora, em plena exuberância da vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita.<sup>34</sup>

Neste ponto, se observa a incorporação do sertanejo. Ele agora é entendido como a raiz étnica e identitária do

<sup>33</sup> Ibid., p.135.

<sup>34</sup> Ibid., p.139.

país e não mais como um caso de atavismo histórico, óbice à evolução. Nesse sentido, pondera que depois da “nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patricios que — digamos com segurança — *constituem o cerne de nossa nacionalidade*”.<sup>35</sup> A admiração agora é manifesta:

Pela janela entreaberta vejo neste momento um deles, a cavalo, no meio da praça, todo vestido de couro. É um vaqueiro inofensivo, pende-lhe à mão direita a longa vara arpoada, o *ferrão*. Acaba de conduzir para Monte Santo cento e tantos bois destinados ao exército. É um nosso aliado. Imóvel sobre a sela, todo vestido de couro, calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas largas meio inclinado sobre a frente — a véstia rústica de um vermelho escuro imprime-lhe o aspecto de um cavaleiro antigo coberto ainda da poeira da batalha.<sup>36</sup>

Impressiona a mudança operada nos olhos de Euclides da Cunha. Como podemos compreender essa transfiguração simbólica do sertanejo? Afinal, passou de ameaça à República, caracterizado à imagem dos animais, para o entendimento de “cerne de nossa nacionalidade”. Parece que com o tempo e a aproximação geográfica do autor modificaram a forma como ele compreendia as populações do litoral.

Canudos cairá pelo assalto. Assalto violento, brusco e rápido, porque vencido o inimigo que pode ser vencido, morto o inimigo que pode ser morto, restar-nos-á, eterna e invencível, envolvendo-nos inteiramente, num assédio mais perigoso, esta natureza antagonista, bárbara e nefasta, em cujo seio atualmente cada *jagunço* parece realizar o *mito* extraordinário de Anteu.<sup>37</sup>

É emblemática esta menção ao filho de Posídon e Géia. Afinal, foi ele que Hércules não conseguiu derrotar em luta corpo a corpo, até perceber que devia erguê-lo nos braços para estrangulá-lo, pois a Terra, mãe de Anteu, lhe renovava as forças cada vez que ele pisava o chão. A referência à mitologia grega marca a importância do cientificismo naturalista em suas reflexões. Tal como Anteu, os sertanejos retiravam da terra sua força indomável e não seriam vencidos sem que o Exército recorresse ao batalhão sertanejo. Ou seja, recrutasse soldados dentre as populações adaptadas àquelas paragens. É isso que se verá no final de *Os sertões*: o ataque do batalhão sertanejo.

### O drible euclidiano

Euclides da Cunha permaneceu no sertão de agosto a outubro de 1897. De volta, pôs-se a escrever na fazenda do pai em Descalvado e, depois, em São José do Rio Pardo entre 1898 e 1901, enquanto participava

<sup>35</sup> Ibid., p. 140. O grifo é meu. Euclides repetirá a frase na página 629 de *Os Sertões*.

<sup>36</sup> Ibid., pp.139-140.

<sup>37</sup> Queimadas, 02 de setembro de 1897. In: CUNHA, Op. cit., p.144.

da construção de uma ponte na cidade. A obra sai em novembro de 1902, alcançando repercussão nacional.<sup>38</sup> Cinco anos se passaram entre o seu retorno da viagem e a publicação do livro. Esse intervalo de tempo fez suas anotações perderem o propósito inicial de um relato jornalístico. Por isso, o espaço aberto em *Os sertões* é marcado pela reflexão acerca da nacionalidade brasileira. Passado algum tempo, não fazia mais sentido fazer um simples relato do ocorrido, até porque as notícias já haviam chegado.<sup>39</sup> Era o país que precisava de interpretação.

No início da obra, Euclides da Cunha faz considerações importantes que ajudam a situar melhor o seu trabalho. Diz que o “livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade”.<sup>40</sup> Por isso, deu-lhe outra feição: uma versão que frequenta os interstícios que separam História, Jornalismo, Literatura, Sociologia, Botânica e Geologia. Por intermédio da experiência e das convicções que trouxe da Guerra de Canudos, eram os percalços da República brasileira que o autor buscava sinalizar. Estava motivado perante a convicção de que a instabilidade étnica, religiosa e moral aliada às “vicissitudes históricas

e deplorável situação mental” em que jaziam as populações sertanejas, tendiam ao desaparecimento e à extinção frente às exigências da civilização. Por isso grifava: “a civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável força motriz da história”. A superação da barbárie pela civilização, conforme os rumos do Trem da História, se manifestava pela luta. Eco do darwinismo social, essa luta ocasionaria o “esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”.<sup>41</sup>

No entanto, as considerações que complementam o pequeno prefácio do livro revelam o peculiar posicionamento do escritor. Expõe seu paradoxal olhar sobre Canudos: “aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”. Afirmava:

nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós, filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela industria alemã — tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica — o tempo.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> Segundo cálculos de Luiz Costa Lima a 1ª edição teve 6 mil exemplares e foi esgotada em dois meses. O autor afirma que a segunda edição em seis meses já estava circulando. LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

<sup>39</sup> No momento da publicação de *Os Sertões* em 1902, outros intelectuais consagrados já haviam reportado a guerra e se posicionado acerca da natureza do conflito, como por exemplo ARINOS, Afonso. **Os Jagunços**. Edição de O Comércio de S. Paulo. 1ª edição, São Paulo, 1898. Para uma análise comparativa de *Os Sertões* e *Os Jagunços* ver GALVÃO, Walnice Nogueira. **Saco de Gatos**: ensaios críticos. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976, pp. 65-86.

<sup>40</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 39ª edição, 1997, p. 7.

<sup>41</sup> CUNHA, Op. cit., p.8.

<sup>42</sup> *Ibid.*, idem.

Ora, estas frases — ao contrário das outras que se ligavam à condenação sumária do sertanejo — são traços marcantes de denúncia à parte vencedora da batalha. Há nitidamente uma crítica ao Brasil oficial, descolado da essência identitária do país, que se escondia no interior. Mas, justo ele, que pertenceu à geração de jovens republicanos, como pôde compreender a vitória do exército sobre aqueles revoltosos como um crime? Esse elemento tratar-se-ia da contradição primordial do pensamento de Euclides da Cunha, já no início do livro, tal como argumenta Dante Moreira Leite<sup>43</sup> ou essa ambiguidade presente na Nota Preliminar revela a complexidade de seu pensamento?

Acredito que esta ambiguidade desnuda um significado histórico-social que Euclides da Cunha tentou transmitir através de seus recursos estilísticos. Apesar dos critérios científicos de sua época. Estes, como se sabe, descreiam na mestiçagem como construtora de uma nação. Advogavam pelo apanágio da raça pura e impingiam condenação irrevogável aos sertanejos. Estes, quando muito, eram exemplos de atavismo histórico, espécimes de outras épocas, sobreviventes do passado. Euclides também dirá coisas como estas nas linhas de *Os sertões*. Mesmo assim, não é o contrário disto o significado perpassado pelo trecho mais conhecido da obra?

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance

de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (...) [Entretanto] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.<sup>44</sup>

A transfiguração é completa, do tabaréu canhestro, desarticulado e torto reponta o aspecto de um titã acobreado e potente. Como a mudança operada na natureza do sertão:

<sup>43</sup> LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 3º edição, 1976.

<sup>44</sup> CUNHA, **Os Sertões**: campanha de Canudos. Op. Cit., pp.129-130.

agreste e adusta nos tempos de seca; fértil e florida quando vem a chuva. Hércules-Quasímodo. O homem do sertão é híbrido, mestiço. Oscila entre a força do herói grego e o lado sombrio do corcunda. Do oximoro euclidiano desponta uma compreensão do sertanejo que ultrapassa os postulados preconceituosos e eurocêntricos da ciência raciológica dezenovista. Portanto, não considero haver incongruência entre a percepção e forma como ela é transmitida. Toda forma é também conteúdo.<sup>45</sup>

Além disto, o autor revê a aplicação direta dos postulados raciológicos ao caso sertanejo.

A mistura de raças mui diversas é, *na maioria dos casos*, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas do inferior. A mestiçagem estremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço — traço da união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares — é *quase sempre* um desequilibrado.<sup>46</sup>

Trechos como esse geraram muitas confusões interpretativas sobre a obra. Ao explicar a gênese da população sertaneja, Euclides enaltece a importância que as características da natureza renderam àquela gente. Deram-lhe a força do bandeirante acrescido do conhecimento do tapuia. Mas se essa composição étnica foi uma das causas da degenerescência do bandeirante no sul do Brasil, como advogava a raciologia, no sertão teve efeito diverso. Pelo isolamento, aqueles mestiços se harmonizaram com a terra. Tornaram-se autônomos: “raça forte e antiga”, dirá Euclides da Cunha. É que a observação do sertanejo desaprova sua condenação. O abandono e o isolamento tiveram funções benéficas. Impediram que se tornassem degenerados pelos vícios de uma “civilização de empréstimo”, como observava nas grandes cidades litorâneas. O que esta afirmação constata é a diferença da mestiçagem dos sertões daquela do litoral: “são formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio”.<sup>47</sup> O sertanejo incorporou do índio

a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir erija seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua face social incipiente.<sup>48</sup>

Portanto, o determinismo geográfico, tão forte na argumentação de Euclides da Cunha, foi a fonte de inversão de sua posição negativa sobre aqueles

<sup>45</sup> Sobre a perspectiva estruturalista na problemática da identidade ver LÉVI-STRAUSS, Claude. **Claude Lévi-Strauss e la identidad**. Barcelona: Ediciones Petrel, 1981.

<sup>46</sup> CUNHA, Op. cit., p.122. O grifo é meu.

<sup>47</sup> Ibid., p.125.

<sup>48</sup> Ibid., idem.

mestiços do sertão. Este é o drible euclidiano: aplicar o condicionamento da natureza aos postulados críticos da raciologia universalista. O nacionalismo euclidiano é retroativo: volta-se contra a fatia da população que representa numa espécie de autocrítica identitária.

Ao invés da inversão extravagante que se observa nas cidades do litoral, onde as funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento — nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de envolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior.<sup>49</sup>

Depois de descrever e relatar as várias batalhas travadas entre o exército e os sertanejos, Euclides da Cunha demonstra que os métodos tradicionais de batalha não surtiam o efeito desejado naquela região. A linha reta e o pensamento matemático rendiam-se às imperfeições observadas. E qual estratégia foi primordial para a vitória do exército? Laçar “o jagunço contra o jagunço”.<sup>50</sup> Na descrição do autor essa peculiar empreitada desenvolveu-se assim:

o batalhão de sertanejos avançou. Não foi uma investida militar, cadente, derivando

a marche-marche, num ritmo seguro. Viu-se um como serpear rapidíssimo de baionetas ondulantes, desdobradas, de chofre, numa deflagração luminosa”.<sup>51</sup>

Só com o mesmo tipo antropológico adaptado a terra pôde o exército vencer o inimigo. Eis a marca clara do postulado da terra na determinação do homem. Eis a inversão etnológica proposta por Euclides da Cunha condicionando os destinos da nacionalidade. A luta só foi vencida pela derrota dos métodos civilizatórios, na aplicação das táticas de menor calibre. Na adoção do método sertanejo de luta: célere, sinuoso, de chofre. “Não foi uma carga, foi um bote”.<sup>52</sup>

A ambiguidade e os oximoros inseridos nas linhas euclidianas representam a vitória dos vencidos. As tropas vitoriosas foram, por assim dizer, miscigenadas e renderam-se à força da natureza. O que foi observado, na última batalha, é a indistinção entre civilização e barbárie, a confusão entre progresso e atraso. A marca que *Os sertões* deixam presente na cultura brasileira é a do paradoxo: o progresso e a civilização foram conseguidos por intermédio de bárbara violência, atacando à dinamite “a rocha viva da nossa raça”.<sup>53</sup>

Para Euclides da Cunha e doravante para a opinião pública que consagraria seu livro<sup>54</sup>, a derrota de Canudos foi a vitória do sertanejo. E o contrário também pode ser dito: a vitória das tropas do exército significou a derrota da nação. Ou como grifará Euclides no final livro, introjetando

<sup>51</sup> Ibid., idem.

<sup>52</sup> Ibid., idem.

<sup>53</sup> Ibid., p.629.

<sup>54</sup> Em 1903 é aclamado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e eleito para Academia Brasileira de Letras. BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1982, p.347.

<sup>49</sup> Ibid., idem.

<sup>50</sup> Ibid., p.626.

a culpa da organização oficial da nacionalidade por intermédio do morticínio de seu próprio cerne: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo”.<sup>55</sup>

O drible euclidiano permitiu a denúncia. Somente adaptando ao sertão os postulados da ciência da época Euclides pôde compreender o sertanejo. Sua denúncia transbordante em oximoros constrói um bordão sabido, ainda hoje, por poucos: o Brasil não é para principiantes.

### Referências Bibliográficas

ARINOS, Afonso. **Os Jagunços**. Edição de O Comércio de S. Paulo. 1ª edição, São Paulo, 1898.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1982, p. 347.

CAMPOS, Augusto de. “Transertões”. In: CAMPOS, Augusto & CAMPOS, Haroldo. **Os Sertões**: dos Campos - duas vezes Euclides. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997, p.11.

CESAR, Guilhermino, SCHÜLER, Donald & LOUREIRO CHAVES, Flávio. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: UFRGS, 1966.

CÉSAR, Guilhermino. “A visão prospectiva de Euclides da Cunha”. In: CESAR, Guilhermino; SCHÜLER, Donald & LOUREIRO CHAVES, Flávio. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: UFRGS, 1966, p. 9.

CUNHA, Euclides. **Diário de uma expedição**. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 44.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha**. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática. Col. Grandes cientistas sociais n.º 45, 1984, p.7-37.

\_\_\_\_\_. Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 39ª edição, 1997, p. 7.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Os Sertões”. In: MOTA, Lourenço Dantas. **Uma introdução ao Brasil: um banquete no trópico**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

\_\_\_\_\_. **Saco de Gatos**: ensaios críticos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, p. 65-86.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 3ª edição, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Claude Lévi-Strauss e la identidad**. Barcelona: Ediciones Petrel, 1981.

---

<sup>55</sup> Ibid., p.642.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de Os sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

PAREDES, Marçal de M. **Memórias de um Ser-tão brasileiro**: tempo, história e memória em 'Os Sertões' de Euclides da Cunha. Curitiba: Juruá, 2002.

\_\_\_\_\_. "De convergências e dissidências: notas sobre o repertório teórico do final do século XIX". In: SILVA, Mozart Linhares da. **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 152-176.

ROMERO, Sílvio. **Provocações e Debates** (Contribuições para o Estudo do Brasil Social). Porto: Livraria Chardron, 1910, p.359.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Os Sertões e o caso Tim Lopes. In: **Veja**, 3.

## A ESCRITA DA TERRA E DA GENTE BRASILEIRA NOS TEXTOS DE EUCLIDES DA CUNHA

*Maria Regina Barcelos Bettiol*

*Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesma, articulada em gíria original e pitoresca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria.*

**Euclides da Cunha - Os Sertões**

*Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão;  
então o certão virará praia e a praia virará certão.<sup>1</sup>*

**Antônio Conselheiro**

*O que faz a milícia é a miséria: quem nada tem nada teme.*

**Alexandre- “O Grande”.**

Neste ensaio viajaremos pelo Brasil através da escritura euclidiana, seguindo o seu percurso intelectual, revisitaremos a paisagem geográfica e humana de um Brasil esquecido pelos brasileiros. O imortal escritor carioca Euclides da Cunha ao descrever a terra e a gente brasileira, revela-nos um Brasil configurado por outros *brasis*, um Brasil que esconde nas dobras de sua cartografia, de sua tão proclamada unidade nacional,

uma geografia do conflito, uma terra marcada por seus contrastes e confrontos.

Ao percorrermos sua obra fica evidenciado o imenso legado cultural deixado por Euclides da Cunha, sobretudo ao que se refere ao debate ecológico. Tencionamos, igualmente, reabilitar a figura enigmática de Antônio Conselheiro, figura emblemática da história brasileira e que se tornaria um dos principais personagens da obra de Euclides da Cunha. Questões estas registradas em suas obras e que serão aqui retomadas.

<sup>1</sup> Apenas para esclarecimento do leitor, Euclides da Cunha reproduziu a escrita de Antônio Conselheiro com seus erros de ortografia. Euclides o fez propositalmente para demonstrar ao leitor o que ele classificava de caligrafia bárbara do fanático Antônio Conselheiro (CUNHA, 1973, p.133).

Nas primeiras páginas de *Os sertões*, Euclides da Cunha nos descreve aspectos da vegetação local como as favelas:<sup>2</sup>

As favelas, anônimas ainda na ciência - ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos *taburús*- talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa(...) Ora quando, ao revés das anteriores, as espécies não se mostram tão bem armadas para a reação vitoriosa, observam-se dispositivos por ventura mais interessantes: unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais (CUNHA, 1973, p. 54-55).

Ironicamente, um dos morros de *Canudos* chamava-se favela. Nos dias atuais, ao estudarmos a etimologia da palavra observamos que as favelas são um mapeamento da miséria social, uma planta no sentido arquitetônico da pobreza geográfica e humana. Um local que, a exemplo de Canudos, se reúnem os párias da sociedade. A razão para esse “eterno retorno”, para que se forme esse agrupamento de miseráveis é sempre o mesmo: a total e absoluta ausência do Estado brasileiro. Desta forma, é perfeitamente compreensível que surjam

líderes nesses locais que substituam o papel que deveria ser do Estado, como aconteceu em Canudos e acontece nas favelas brasileiras.

Seguindo a descrição da paisagem, Euclides da Cunha nos oferta a paisagem exuberante do sertão que antes da seca é um paraíso, depois vem a seca que tudo destrói, desenhando-nos uma terra marcada por contrastes:

E o sertão é um paraíso... (...) Sucedem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendiado retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas os festões multicores das bignônias. Animam-se os ares numa palpitação de asas, célebres, rufando. Sulcam-nos as notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados vãos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslembrando de mágoas, segue o campeiro pelos arrastadores, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta. Assim se vão os dias. Passam-se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caíam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas (CUNHA, 1973, p. 58-59).

<sup>2</sup> No Brasil, o vocábulo FAVELA teve a seguinte trajetória significativa: designativo de arbustos e árvores da caatinga; epônimo de um morro situado nas proximidades de Canudos, Bahia; topônimo de um morro na cidade do Rio de Janeiro, sentido depreciativo, ligando-se a habitações de marginais e atualmente designação socio-econômica do tipo de habitação popular <<http://www.casaeuclidiana.org.br>>.

Rolando Morel Pinto (apud CUNHA, 1975, p. 12) comentando a introdução do livro *À Margem da História* afirma que com *Os sertões* começa o ciclo da nossa maturidade intelectual iniciando-se o processo de autoanálise da nossa formação. Nessa mesma linha de interpretação, segue o seu livro *À Margem da História*, porém a ênfase recai sobre a Amazônia “Terra sem história”. Cabe mencionar que Euclides da Cunha é um dos primeiros brasileiros a pisar e no território da Amazônia narrando as suas percepções, impressões da região:

O revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalta geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajaparu, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele “terror” a que se refere Wallace; mas como todos nós desde meu cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humbolt até hoje contemplaram Heléia prodigiosa, com um espanto quase religioso -sucide um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à margem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante,

é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Mondulva. É, sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alertavam de uma bando, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inatural e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares (...) A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido-quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão (CUNHA, 1975, p. 25).

Relata-nos o estranhamento, o desconhecimento dos brasileiros em relação ao seu território, o brasileiro é um despatriado dentro de seu próprio país:<sup>3</sup>

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando terras

<sup>3</sup> De fato, não é difícil comprovarmos que o brasileiro não conhece o seu país.

brasileiras. Antolha-se-lhe um contrasenso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física : a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica (CUNHA, 1975, p. 30).

Mas o mais interessante é a profecia de Euclides da Cunha em relação ao futuro da Amazônia se destacando, pela sua importância, do restante do território brasileiro:<sup>4</sup>

Sem este objetivo firme e permanente, aquela Amazônia onde se opera agora uma seleção natural de energias e diante da qual o espírito de Humboldt foi empolgado pela visão de um deslumbrante palco, onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, naturalmente e irresistivelmente, como se despeja um mundo de uma nebulosa pela expansão centrífuga do seu próprio movimento (CUNHA, 1975, p. 106).

Já em ***Contrastes e confrontos*** obra publicada em 1907, Euclides da Cunha chama atenção para o garimpo indiscriminado e do perigo desta atividade para o nosso solo:

Mas fora da mineração legal adstrita na impertinência bárbara dos alvarás e cartas régias; trabalhada de fintas, alternativamente agravada pelo quinto e pela capitação exaurida a princípio pelos contratadores e depois pela extração real, estende-se intangível e livre, e criminosa, irradiante pelos mil tentáculos dos ribeirões e dos rios, desdobrando-se pelos tabuleiros, ou remontando às serras a faina revolucionária e atrevida dos garimpos (...) Desaforados escaladores da terra! (CUNHA, 1975, p. 54-55).

Para os ecologistas e amantes da natureza vale a pena visitar os textos euclidianos, pois muitas florestas, rios, parte da nossa fauna e da nossa flora descritas em seus textos já não existem mais. As preocupações ambientais não passaram despercebidas ao olhar perspicaz de Euclides da Cunha que já assinalava a sua preocupação com o desmatamento, as queimadas, a matança indiscriminada de animais. Como bem observou o renomado sociólogo Gilberto Freyre, a paisagem tem relevância nos textos euclidianos, é tratada como um dos seus personagens:

É Euclides mais do que a paisagem, que transborda dos limites de livro científico d'Os Sertões, tornando-o um livro também de poesia, uma espécie daqueles romances de Thomas Hardy em que a paisagem está sempre entre os personagens do drama, uma como

<sup>4</sup> Na nossa atualidade, todo o planeta está acompanhando apreensivo, através do portal Amazônia, tudo o que se passa nessa região.

mensagem de profeta preocupado, como outrora os hebreus, com o destino de sua gente e com as dores de seu povo. Preocupado com esse destino e com essas dores através da paisagem sertaneja, para ele menos um tema de materialismo geográfico que um problema do que hoje se chamaria ecologia humana (FREYRE, 1944, p. 21-22).

Deixando de lado a geografia da terra, e nos referindo à geografia humana, com Euclides acentua-se a descrição do que chamamos de tipos regionais: “O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso, é mais forte; é mais duro” (CUNHA, 1973, p.103).

No que tange ao líder de *Canudos*, a adjetivação pejorativa é infinita: gnóstico, bronco, louco, fanático, místico, sem cultura. Os estereótipos<sup>5</sup> são sempre empregados de forma estratégica, ou seja, a guerra não se resume a tiros e a canhões, mas abrange ideias, imagens e representações, torna-se primordial colonizar também o imaginário da população. Euclides da Cunha procura

através de sua exagerada adjetivação desmoralizar, ridicularizar a imagem de Antônio Conselheiro diante dos olhos do leitor:

Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco (...) Paranóico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou - incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde-no meio em que agiu (CUNHA, 1973, p. 122).

Em seu livro *A guerra do fim do mundo*,<sup>6</sup> o escritor peruano Mario Vargas Llosa apresenta-se bem mais desafiador uma vez que soube compreender o mundo de Antônio Conselheiro, suas dores, suas injustiças, retrata-nos a vida de um retirante da seca, um homem miserável desprovido de tudo, uma descrição mais “legítima” porque mais humana, mais condizente com a realidade de um retirante:

Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas algo havia em seu aspecto tranquilo, em seus costumes frugais, em sua imperturbável seriedade que, mesmo antes de dar conselhos, atraía as pessoas (...)

<sup>5</sup> O estereótipo é policontextual, ele é reempregado a cada instante, impondo uma verdadeira dicotomia entre o mundo do dominador e do dominado. O estereótipo é usado pelo dominador para fazer uma representação pejorativa do dominado, como meio de denegrir a sua autoimagem e de desenraizá-lo de sua cultura de origem através da ideologia que vem vinculada à cultura do dominador. O dominador tende a justificar sua violência recorrendo a noções que se fazem passar por universais, isto é, válidas para todos. Para que a Pax Culturalis permanecesse era preciso, então, que os miseráveis de Canudos renunciassem a sua cultura local para assimilar uma cultura da qual não tinham a menor referência. Para um estudo mais aprofundado sobre essa questão do estereótipo ler PAGE-AUX, Daniel-Henry. De l'imaginaire culturelle à l'imaginaire. IN: BRUNEL, Pierre CHEVREL, Yves. *Précis de littérature comparée*. Paris: PUF, 1989, p. 133-160.

<sup>6</sup> Llosa dedica seu livro a Euclides da Cunha.

Entristecia-se o seu rosto com uma dor de retirante a quem a seca matou filhos e animais e privou dos bens e deve abandonar sua casa, os ossos de seus mortos, para fugir, fugir sem saber onde (LLOSA, 1981, p. 15).

Llosa, ao contrário de seu colega escritor Euclides da Cunha, faz outra leitura desse episódio, relata a importância de Antônio Conselheiro dentro de sua comunidade, o descreve como alguém que “socorreu o povo nas suas necessidades físicas e espirituais”, alguém útil dentro da sua comunidade e não simplesmente como um místico louco:

Dava conselhos ao entardecer, quando os homens tinham voltado do campo e as mulheres terminando os afazeres domésticos e as crianças já estavam dormindo. Dava-os nesses descampados desmatados e pedregosos que existem em todos os povoados do sertão, nas encruzilhadas de suas ruas principais e que se poderia chamar de praça se tivessem bancos, coretos, ou conservassem os que alguma vez tiveram e as secas, as pragas, a desídia foram destruindo. Dava-os a essa hora em que o céu do Nordeste do Brasil, antes de escurecer e estrelejar-se, flameja entre copadas nuvens brancas, cinzentas ou azuladas e há como que um vasto fogo de artifício lá no alto, sobre a imensidão do

mundo. Dava-os a essa hora em que se acende o fogo para espantar insetos e preparar comida, quando diminui o calor sufocante e se levanta uma brisa que encoraja as pessoas a suportar a doença, a fome e os padecimentos da vida (LLOSA, 1981, p. 15).

Euclides da Cunha subestimou imensamente o papel de Antônio Conselheiro. Em outras palavras, nenhum tolo reúne em torno de si mais de vinte mil pessoas e cria um modelo de comunidade alternativa, uma espécie de sociedade civil organizada. Em pese a falta de instrução, e não de cultura porque existia uma cultura local, dessas pessoas e as condições precárias de vida, essa comunidade funcionava relativamente bem, pessoas de diferentes procedências ali viviam harmoniosamente dentro das regras estabelecidas por Conselheiro. Como Euclides da Cunha relata sua história pela perspectiva do oficialato, do qual fazia parte, sua análise sobre o papel de Antônio Conselheiro é bastante reducionista.

Evidentemente, Euclides da Cunha simplifica, e muito, um conflito complexo que ele restringe ao viés racial com a intenção de legitimar um massacre. Na verdade, a questão é muito mais ampla, envolvendo não apenas interesses da República, da Igreja Católica, mas, sobretudo, dos latifundiários como bem nos elucidava Darcy Ribeiro:

Ainda que nas outras duas formas de conflito sempre se encontrem componentes classistas, mesmo porque em todas elas está presente a

preocupação com o recrutamento de mão-de-obra para a produção mercantil, em certas circunstâncias elas ganham especificidade como enfrentamento interclassistas. Isso ocorre quando não são contingentes diferenciados racialmente ou etnicamente que se opõem, mas conglomerados humanos ou estratos sociais multirraciais e multiétnicos propensos a criar novas formas de ordenação socioeconômica, inconciliáveis com o projeto das classes dominantes. Canudos é um bom exemplo dessa classe de enfrentamentos, como a grande explosão dessa modalidade de lutas. Ali, sertanejos atados a um universo arcaico de compreensões, mas cruamente subversivos porque pretendiam enfrentar a ordem social vigente, segundo valores diferentes e até opostos aos dos seus antagonistas, enfrentavam uma sociedade fundada na propriedade territorial e no poderio do dono, sobre quem vivesse em suas terras. Desde o princípio os fiéis do Conselheiro eram vistos como um grupo crescente de lavradores que saíam das fazendas e se organizavam em si e para si, sem patrões nem mercadores, e parecia e era tido como o que há de mais perigoso. Quando a situação amadureceu completamente, esse contingente humano foi capaz de enfrentar e vencer, primeiro, as

autoridades locais e os fazendeiros, aliciando jagunços; depois, as tropas estaduais e, por fim, diversos exércitos armados pelo governo federal. Venceram sempre, até a derrota total, porque nenhuma paz era possível entre quem lutava para refazer o mundo em nome dos valores mais sagrados e as forças armadas que cumpriam seu papel de manter esse mundo tal qual é, ajudadas nesse empenho por todas as forças da sociedade global (...) Os exemplos de conflitos continuados se multiplicam ao longo desse texto. O que têm de comum e mais relevante é a insistência dos oprimidos em abrir e reabrir as lutas para fugir do destino que lhes é prescrito; e, de outro lado, a unanimidade da classe dominante que compõe e controla um parlamento servil, cuja função é manter a institucionalidade em que se baseia o latifúndio (RIBEIRO, 1995, p. 174-175).

Usando a expressão de Raimundo Faoro<sup>7</sup> o que incomodou os “donos do poder” foi a ameaça que Antônio Conselheiro representava de romper as correntes da exploração. O “bronco” Conselheiro, tão desprezado por Euclides da Cunha, estava marcando posição no tabuleiro do poder, ganhando espaço como uma voz alternativa. Em suma, o grande “pecado” de Conselheiro foi tentar redesenhar os contornos da geografia do poder.

<sup>7</sup> FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**. São Paulo: Globo, 2008.

O escritor narra a rendição de Canudos como algo heróico quando não restava nenhuma alternativa ao povo de Canudos. O propósito de exterminá-los era claro, em caso de rendição seriam igualmente degolados e mortos, não havia clemência para esses miseráveis filhos do Brasil porque representavam uma ameaça à ordem vigente:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados (CUNHA, 1973, p. 392).

O que fez Canudos não foi um suposto movimento antirrepublicano nem o misticismo de Antônio Conselheiro, o que fez Canudos foi a miséria de um povo sofrido. Antônio Conselheiro, filho desta esplêndida civilização mestiça e tropical, com sua caligrafia bárbara, sua aparência profética, foi apenas o porta-voz desse povo esquecido.

Em sendo assim, nos textos desse brasileiro Euclides da Cunha, que amava o Brasil acima de tudo aponto de se embrenhar pelo seu território enfrentando os maiores perigos na ânsia de conhecê-lo, muito podemos aprender e compreender sobre a nossa formação cultural. Muitas das crises que hoje vivenciamos são heranças de um passado não muito distante, a raiz desses conflitos,

desses constantes enfrentamentos entre o povo e as autoridades estão documentados nas páginas de Euclides.

Em especial, cabe aos teóricos da *ecocrítica*, que estuda a relação entre a literatura e o ambiente físico e que adota uma abordagem dos estudos literários centrada na terra, recuperar os textos de Euclides da Cunha que muito contribuirão para explicar e evitar futuras crises ambientais pois muito tem os defensores da Amazônia a aprender com seus relatos. Com todas as ressalvas que se possa fazer ao texto euclidiano, aplausos a esse intérprete do Brasil porque em seus textos o Brasil se reconhece.

### Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil-1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. **Contrastes e confrontos**. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix, 1975.

KOTHE, Flavio. **O canône republicano I**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

FILHO, João Etienne. **Euclides da Cunha: trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1961.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. São Paulo: Globo, 2008.

FREIRE, Gilberto. Em **Perfil de Euclides e outros perfis**. Col. Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1944.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: UNB, 2006.

LLOSA, Mário Vargas. **A guerra do fim do mundo**. Trad. Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

PAGEAUX, Daniel-Henry. De l'imaginaire culturelle à l'imaginaire. IN: BRUNEL, Pierre CHEVREL, Yves. **Précis de littérature comparée**. Paris: PUF, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Seus fundamentos econômicos 7.ed.SP: Difel, 1982.



# Depoimentos

## “OS SERTÕES ESTÁ EM TODO LUGAR”

Daniel Weller

Pediram-me um depoimento sobre minhas impressões de leitura e encontro com *Os sertões*. Para não me alongar gostaria de começar pela melhor: a última. (os trechos em itálico foram extraídos d’*Os sertões*).

### A Terra

Foi em uma praça, aqui em Porto Alegre, no banco onde se encontram as esculturas dos poetas Quintana e Drummond. Era novembro de 2009, durante a tradicional Feira do Livro, quando organizei leituras em voz alta, em revezamento, na Praça da Alfândega. Batizei essas leituras como Minimaratonas Literárias. Antes de novembro, o projeto das Maratonas Literárias já havia se consolidado em Porto Alegre, como uma aposta cultural que deu certo: em sete meses já havíamos lido seis livros, reunindo mais de 3.400 pessoas, durante 80 horas de leitura em voz alta. Para surpresa de muitos, livros como *Cem Anos de Solidão* e *Grande Sertão: Veredas* foram lidos por leitores não especialistas, do início ao fim, sem interrupções. A proposta para novembro era em terra fértil: ler trechos de cinco livros, em cinco dias seguidos, ao lado do banco dos poetas, no meio das barracas da Feira do Livro e sob árvores da praça.

O primeiro livro: *Os sertões*. O início da leitura: *As Preliminares d’A Terra*.

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas pelo Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras (..)

(meridionais, ao lado do Guaíba (..)) como gostaria que houvesse uma descrição da Praça da Alfândega de cima, pelo olhar múltiplo de Euclides da Cunha (engenheiro-cientista-jornalista-escritor), substituindo com vantagens uma câmera imaginária ou satélites do *Google Maps*, para apresentar novamente um Brasil distante do eixo Rio-São Paulo. Resta-nos imaginar como ele usaria seu estilo inconfundível, fundindo literatura com ciência, sempre retratando polaridades em oposição, para descrever sem medo do excesso, o potencial de mudanças, que representa milhares e milhares de pessoas, aqui embaixo, que andam entre livros, circulam entre barracas e se procuram pelos caminhos da leitura).

## O Homem

O banco da praça e o seu entorno já estavam ambientados: oito exemplares d'Os *sertões*, materiais de divulgação sobre o autor, sobre o livro e sobre o projeto das Maratonas deixados estrategicamente para distribuição e consulta. O exemplar da edição comemorativa d'Ateliê Editorial (2001) era o destaque, com suas 900 páginas. Era o alvo da curiosidade de muitos, passando pelas mãos do público, que se aglomerava e esperava o início da leitura. As muitas fotos do livro sobre Euclides da Cunha, editado pelo Instituto Moreira Salles (2002), também atraíram a atenção. De repente, um senhor de idade se aproximou de mim e com forte sotaque nordestino perguntou:

“Mas vocês vão ler todo esse livro?”

Imediatamente associei a figura do homem com os sertanejos, que resistiam. Óbvio dizer que pelo sotaque e pela figura, ele parecia ter saído do livro. Ele gostou da minha atenção e disponibilidade para escuta. E prosseguiu:

“Sou daquela região. Não sabia que existia esse livro. É caro? É lançamento? Acho que meus filhos vão gostar, mas ele é grande! E vocês vão ler todo o livro?”

Respondi que iríamos ler apenas partes do livro e que estávamos ali justamente para divulgar a literatura e o nosso escritor barroco-científico Euclides da Cunha. E o homem era só perguntas. Perguntou muitas coisas. Parecia que um mundo, maior do que o seu sertão, tinha se aberto. Fiz o convite para que ele ficasse e lesse o trecho que desejasse. Ele ficou com gosto, estava feliz. Posso apostar que vocês adivinham qual foi o trecho que ele leu. Sim, ele começou a leitura do capítulo III, da parte O Homem:

O sertanejo é, antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastêmicos do litoral. A sua aparência, entretanto ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.

(O homem, ao ler em voz alta, parecia estar se identificando com a descrição e também por ser foco da atenção da roda da leitura, *transfigurou-se*: empostou a voz, *esqueceu o cansaço e a preguiça*. Foi em frente. O revezamento da leitura e o próximo leitor podiam esperar. Ele queria ler e eu gostaria de ter o talento de Euclides para escrever muitas páginas sobre a transformação desse homem enquanto lia. Arrisco-me em fazer um esboço, recortando e inserindo em itálico trechos do capítulo que ele leu, pois naquele momento *o guerreiro antigo exausto da refrega, vaqueiro do norte*, parecia estar se aproximando da *sua antítese: o gaúcho do sul. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos*, durante aquela leitura, ambos se *equiparavam*. *O ar festivo das estâncias do sul e a festa diária do gaúcho ao parar rodeio* estavam naquele homem do sertão, que lia com a mesma desenvoltura de quem *colado ao dorso do seu cavalo vai pelas quebradas*. De repente, ele tinha extrema *capacidade teatral*, não era mais *chucro* e nem *deselegante*. Lia com *firmeza*, com *aprumo*, *não estava de cócoras* e parecia ter a certeza que *aprender o a b c* estava para além da *arte de conhecer os ferros das suas fazendas e os das circunvizinhas*. Ler para

aquele homem fazia-o *ostentar a sua compleição robusta, em toda a sua plenitude*. Parecia estar tão atento e compenetrado como no momento que o sertanejo *vê uma rês alevantada, que envereda, esquiva, adiante, pela catinga garrachenta*. Euclides e todos que não estavam conosco, naquela roda de leitura, de final de tarde de primavera, constatariam que *não há como contê-lo, então, no ímpeto*).

## A luta

Lógico que aquela leitura embaralhou diversos registros. Agora, em retrospectiva, escrevendo esse relato, parece-me que um dos objetivos do livro foi novamente alcançado. O esforço de Euclides, um intelectual de formação diversificada, que costurou diversas áreas do conhecimento do século XIX, continua tendo sucesso no século XXI, pois traz relatos de um Brasil ainda a ser descoberto, entendido e aproximado. Naquela leitura, ao lado de Quintana e Drummond, era o Brasil oral lendo o Brasil da norma culta escrita, distante das ruas. Era um contador de cordel lendo um trecho de texto clássico, cânone da literatura brasileira. Era um representante da feira dos nordestinos, da cidade do Rio de Janeiro, tentando uma primeira aproximação com Euclides, professor de lógica, do tradicional colégio D. Pedro II (dica de um cariúcho: a feira e o colégio estão lado a lado, no bairro carioca de São Cristóvão, separados por uma rua. Vale a pena conhecê-los, para uma melhor síntese do nosso país).

Na realidade, a Minimaraton d’*Os sertões* poderia ter se encerrado quando nosso sertanejo concluiu a leitura do seu capítulo. Naquela edição do projeto, com a participação daquele homem, a proposta de aproximar o público aos

textos literários tinha sido alcançada. Se formar leitores e promover eventos de letramento é uma luta, ela havia sido ganha. Era como se tivéssemos conseguido que o sertanejo reencontrasse sua própria história, para se entender e nos fazer entender: uma fusão de protagonistas, que olham de cima suas próprias narrativas. Maior aproximação e mistura só comparável à mistura das raças do nosso país, que forma nossas peculiaridades, que mesmo muitas vezes em (con) fusão são as nossas riquezas. Ao escutá-lo e agora rememorando, estávamos a muitos pés do chão, mas infelizmente tínhamos que descer para o inferno do arraial de Canudos, avançar em voz alta no relato de uma guerra equivocada.

O professor Flávio Loureiro Chaves, em seu texto “A glorificação do medo” (2005), faz uma aproximação a partir de “uma relação intertextual e direta” com a primeira parte da Divina Comédia. Para ele “o escritor positivista (..) tomou a cosmogonia de Dante como parâmetro e aí lançou o alicerce d’*Os Sertões*.” Euclides, com 31 anos, viu o inferno de frente e teve coragem de colocar suas certezas em dúvida. O conflito no arraial é a descida ao inferno, a alegoria do mal, que escondida em polaridades que cegaram e justificaram um confronto absurdo nos lembra que nada teria sobrado se não houvesse a sensibilidade de Euclides, *o narrador sincero que encara a história como ela o merece* e o livro *Os sertões*.

Virgílio fez a travessia, Euclides viu o baixo inferno e transcendeu ao escrever *Os sertões*. Nós, naquela roda de leitura improvisada, escutando o desfecho do livro, percebemos que a luta é outra: para ascender, passar do purgatório e chegarmos ao paraíso, é preciso ler, e que um país com poucos leitores é um inferno.

## CONTRASTES E CONFRONTOS

Diego Lock Farina

Existe Euclides para além do *raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral*? Ao alívio de nossa exaustão como leitor, em princípio, declaro a todos que sim. Bem mais do que positivismos, determinismos, Zola, O Cortiço, Lombroso; do condicionamento genético à linguagem rebuscadamente estilizada, resistente a descer da torre de marfim; desgastada e distante; nos moldes *enfadonhos* do além-mar. Este Euclides, de *Os sertões*, que dê licença; eis aqui sua outra face; quiçá agora, por vezes, até mesmo admirável. Sucinto nos adjetivos, intenso na crítica e apreciações valorativas, em prol de trazer o contraste à tona. Opinativo sem receio, variando temas distintos, assim como posições; do contexto brasileiro às interpretações mundiais; arte e literatura envolvidas em sarcasmo - ora ácido, ora fino. Contradições através das próprias percepções inquietas, havendo espaço inclusive para profecias. Nostálgico em certos quesitos, moderno em relação a outros, feito qualquer indivíduo dado às complexidades do pensamento.

Euclides da Cunha - enquanto jornalista, ensaísta e arrebator -, abandona os rodeios textuais, evitando repetir-se em descrições retratistas anteriores ou no floreio das construções herméticas, inversas, alexandrinas. Neste ponto inova sem discussão, comunicando com fruição suas impressões e, claro, precisões, embora às vezes ligeiramente

imprecisas. Um homem amplo, de fato; afoito por progressos, refletindo com independência de julgamento sobre um típico momento de fervor, entre transições, afirmações e dúvidas. “*Contrastes e Confrontos*” é uma coletânea constituída de breves artigos publicados na imprensa, até 1907, ano da primeira edição, lançada em Portugal.

De José Artigas a Guilherme II, passando por Floriano, D. João V; Anchieta até os russos – ditos bárbaros e idealistas (vivesse até 1917...); garimpeiros, lusitanos e América Latina, com suas *conjecturas* e particularidades, fronteiras e populismos. Através do uruguaio, *herói e bandido*, Euclides traça sua ideia de gaúcho: anárquico deplorável que luta à gandaia, bravo truculento de sustento aleatório – “*Bastam-lhes como recursos únicos alguns ginetes ensofregados e o pampa, a disparada violenta e o plaino desimpedido; a velocidade e a amplidão*”. Nada lá tão longe do perfil sulino real, convenhamos; que durante décadas exaltou o mito de Hernández sem ressalvas. Vivesse mais um pouco e veria, possivelmente, em curioso estado de choque, Getúlio amarrando cavalos pelo Brasil...

Sobre o *Marechal de Ferro* trouxe-nos a face íntima resguardada: impassível, desconfiado, sendo um cético entre entusiastas efêmeros, no inconsistente de uma época de ideais – dos quais inclusive o próprio Euclides levantou bandeira. Ao referir-se a Alemanha, profetizou os

fatos vinculados às futuras grandes guerras, percebendo a necessidade do país em expandir territórios, em guiar-se por caprichos na gana de imperar, mostrando-se ameaçadora e, não menos, ameaçada permanentemente pelo progresso descontrolado. Em seguida, o grave engano: acreditava na fraqueza militar dos germânicos, *um exército de paradas*. Vivesse até 14 e veria o estrago, que *parou* o mundo... Ainda sobre Guilherme II transborda ironia: *“inédito em tudo, poeta sem um verso, filósofo sem um conceito, músico sem uma nota, guerreiro sem um golpe de sabre”*. Referente às imigrações teutônicas vindas ao nosso sul, comenta enfático e um tanto temeroso: *“A Arcádia da Alemanha não é o Brasil”*, enquanto o contemporâneo Graça Aranha expunha, também em contraste, seu Milkau e Lentz; Mário de Andrade, posterior, sua *Fraulein* iniciadora até Carl Winter, médico observador de Érico.

A insistência da visão conservadora prossegue em *“A vida das estátuas”*: *o artista de hoje é um vulgarizador*. Pois então sobrevoa a questão: que diria de 1922? Restou a Monteiro Lobato representá-lo. Lamenta a decadência das forças religiosas, fonte maior de inspiração; repudia o devaneio e os disformes impressionismos. Neste passo, adiante, glorifica a memória de Anchieta, em artigo homônimo: *coerente na missão civilizadora e pacífica, difundindo nas almas virgens dos selvagens os grandes ensinamentos do evangelho*. Pacífica, ao certo? Selvagens e bárbaros são os termos simpáticos dedicados aos índios, enquanto estaria na missão de Anchieta *salvá-los da escravidão*, visão discutível vindo da parte de um eufórico patriota... Para Euclides, Portugal foi uma exceção

desanimadora da Europa diplomática do século XVIII, ainda almejando fazer de Lisboa, Paris; de João V, Rei-Sol; apesar de seu próprio Rio de Janeiro não ficar atrás nesta corrida ao falecimento da originalidade. *A terra de Vieira dava quase o espetáculo da desordem da palavra numa espécie de afasia literária*. A glorificação de todos os ridículos, desde o trágico da inquisição à galhofa constante.

Dentre João de Rio e sua *Alma encantadora das ruas*; Machado, eficiente comentarista; Lima Barreto e Raul Pompéia; na crônica jornalística da época, em mesma intensidade, tivemos Euclides, homem de visão singular - concordemos ou não com suas opiniões -; observador de uma realidade estonteante da qual se mostrou simultaneamente progressista e descrente, crítico avançado e nostálgico tradicional, adequado, sensitivo e contrastante sob um mosaico de confrontos peculiares e múltiplos.

## EU E “OS SERTÕES”

*Fernando Malheiros Filho*

Não sei bem ao certo, mas calculo lá pela metade da década de setenta do século passado, quando tomei o primeiro contato com o livro de Euclides da Cunha, cuja edição para secundaristas até hoje disponho. Lê-lo consistia em “dever de casa” e assim fui obrigado a embrenhar-me naquilo que para um adolescente de pouco mais de quinze anos não passava de um cartapácio incognoscível. A leitura confirmou as sombrias expectativas. Como decifrar aquele vocabulário todo, as flexões verbais nunca antes vistas, toda aquela adjetivação abundante? Era como vencer com os braços um interminável oceano proceloso. Até hoje me pergunto a utilidade em dar a ler *Os sertões* para jovens mal egressos da alfabetização.

Passaram-se mais de dez anos para que um segundo contato com o livro me atravessasse o destino. Já jovem adulto interessou-me ler *A Guerra do Fim do Mundo*, escrito pelo peruano Vargas Llosa, editado no ano de 1980, narrando o terrível conflito de Canudos com vivas cores ficcionais. A consulta a *Os sertões* pareceu inevitável, para comparar o rigor histórico do texto de Llosa, mas já então uma leitura descompromissada, apenas de trechos, mesmo assim da fração mais vibrante da obra, “A Luta”, que descreve o conflito, suas etapas e nuanças, sem o áspero exercício que significa a leitura das duas primeiras partes (“A Terra” e “O Homem”)

de inegável valor literário, mas desenvolvidas com cientificismo empírico e roto. Já nesse tempo, o texto de Euclides pareceu-me mais translúcido, algo distante a impressão inicial onde aparentava ser o livro escrito em outro idioma aos olhos de um leitor adolescente.

Então, outros dez anos foram vencidos e, no final dos anos noventa, avizinhava-se o centenário contado desde o terrível conflito, como se sabe acontecido no sertão baiano predominantemente no ano de 1897. Foi quando, já assentado sobre os primeiros sinais da madurez, vi-me diante da verdadeira dimensão daquela catástrofe. Ocorreu-me estudar a fundo todos os acontecimentos, as circunstâncias sociopolíticas, a transição entre a Monarquia e o Regime Republicano, a figura de Antônio Conselheiro, as expedições, os detalhes militares. No longo percurso, lendo nas fontes disponíveis, muitas primárias no testemunho direto dos fatos, foi possível reconstruir imaginariamente o cenário com o qual Euclides se defrontou, compreendendo melhor a figura do escritor, do homem de letras, já também em suas trágicas complexidades, ante todo aquele horror que acontecia em solo brasileiro.

Como não se deixar seduzir por aquele enredo entretecido com a complexidade de tantas variantes históricas, aquela insólita sucessão de fatos, a nação de

jagunços no entorno de Conselheiro, feito Moisés conduzindo o povo eleito à terra prometida? Os acontecimentos em trepidante sucessão, as razões, as encomendas ao comércio de Juazeiro e o descumprimento, a reação, os primeiros confrontos em Uauá, a segunda expedição do incauto major Febrônio, o alucinado coronel Moreira César na terceira expedição e seu contraste com a veterana prudência do judicioso coronel Tamarindo, cujo cadáver passou a ornar o caminho de acesso a Canudos, empalado, a recepcionar as futuras expedições. A quarta e última expedição, o Ministro da Guerra general Bittencourt deslocado ao teatro de guerra, o comando do general Artur Oscar e as duas colunas dos também generais Barbosa e Savaget, o desfecho terrível, as possíveis vinte e cinco mil mortes.

Também os chefes sertanejos que ficaram célebres nas linhas e *Os sertões*; Pajeú, Pedrão, Macambira, João Abade, criteriosamente descritos, na forma e comportamento, pelo notável escritor, cinzelando os personagens com a grande cópia de informações que foi colhendo na sua estada naquele apocalíptico proscênio, para depois ajustá-las à licença literária da qual surgiria a obra com a força da denúncia, da estupefação, do horror patrocinado pela recém-instaurada República, aparente vetor civilizatório, mas no episódio o agente da barbárie. A urbe sertaneja, no rudimentar casario, mais populosa, talvez, do que a Salvador daqueles tempos; as incríveis e contadas 5.200 vivendas pelo senso militar posterior ao holocausto.

Mais: vi a curiosidade despertada pelo escritor que se faz personagem, ele também de sua própria e particular tragédia, no bairro da Piedade em 1909, Rio de Janeiro,

vórtice que lhe consumiu a vida, em manifestação de sandice assemelhada àquela que Euclides tanto vergastara em Conselheiro; cor intensa do sangue vívido, os tiros, a reação do cadete Dilermando, os ferimentos neste e seu irmão Dinorah, a morte posterior de Quidinho, primogênito de Euclides e Anna, esta já então esposa do militar gaúcho, cúmplice do adultério que vitimou o escritor, que no desastrado manuseio da arma de fogo e com a mesma inaptidão paterna, tentou vingar a morte do pai.

Transcorrida a última década, mais de trinta anos? desde que *Os sertões* testaram minha paciência pela primeira vez, o reencontro, em trechos, quando convidado a verter estas linhas. Agora, neste quartel da vida, já iniciado na literatura oitocentista, nos autores brasileiros e portugueses que não miravam adolescentes analfabetos, mas escreviam à posteridade, foi possível perceber a enormidade de *Os sertões*, e a destreza literária de seu autor, o cuidado com que cada linha ia sendo edificada, somente perceptível àqueles que, com qualidade, já se dedicaram à árdua tarefa de escrever, condição, parece, inarredável à boa e fecunda arte de ler.

Ali, naquelas páginas tão minuciosamente entecidas, estava o desenho da tragédia, onipresente força, lamentável fio condutor da civilização, a desgraça que copiosa e meticulosamente Euclides esculpiu com a pena, como se estivesse a predizer o próprio destino, tomado por igual força que lhe dominou o espírito e que somente encontra paragem na morte dos principais personagens que enleou, e miséria existencial daqueles que temerariamente sobreviveram. Estavam ali, nas páginas de Euclides, que agora me senti

singrando qual a nave nas águas domesticadas pelos ventos alísios, as fundações da obra seminal, hoje talvez desatualizada na linguagem, mas perene, imortal, como o poema de Camões, a hilária trama de Cervantes e o teatro de Shakespeare, desafiando gerações de leitores e estudiosos em seu mais profundo escrutínio, interminável prospecção que, ao final, expõem aquilo que realmente intriga: a natureza humana!

# OS SERTÕES: SUA INFLUÊNCIA E IMPORTÂNCIA NA BRASILEIRIDADE

*Luciano Marcio Prates dos Santos*

A obra principal de Euclides da Cunha - *Os sertões* - o adjetivo mais adequado, mais justo, é “monumental”. Tende para um ensaio histórico-sociológico visando à formação antropológica e às raízes do povo brasileiro. Não é obra científica nem ficção, inobstante abranger os dois aspectos, analisando nossos tipos regionais, sobretudo o sertanejo, a terra calcinada, adusta e sáfara e os esforços de cunho belicista montados e despejados contra os empobrecidos seres que se reuniam em torno de uma liderança messiânica e eivada de fanatismo.

Releva a importância e o brilhantismo da obra euclidiana o debruçar sobre ela que fizeram grandes escritores e críticos literários como Araripe Junior, Alceu Amoroso Lima (*Tristão de Ataíde*), Silvio Rabelo, o grande escritor e sociólogo Gilberto Freire, “o Sábio de Apipucos” e autor de *Casa Grande e Senzala*, que considerou *Os sertões* tão importante que conceituou-a como fixadora do entrelaço de duas culturas brasileiras, a *litorânea* e a *do sertão*. Freire também afirmou que, mais do que estudo de geografia física e humana “é um livro também de poesia” e Afrânio Coutinho citou-a até como obra de ficção: - “*Os Sertões são uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de ‘Guerra e Paz’, da ‘Canção*

*de Rolando’, e cujo antepassado mais ilustre é ‘A Ilíada’.*” E aqui aproveito o “gancho” para lembrar que Canudos era também chamada de “Tróia de Palha” ou “Tróia de Taipa”...

Assim, Euclides da Cunha, descendendo também de sertanejos baianos, caldeado ou miscigênico, com sua pena insuperável analisou, com argúcia, fidelidade e grande erudição, nossa tomada de consciência nacional, através de percuciente observação da paisagem antropológica (**o homem**, produto de fatores mesológicos e geográficos) e física (descrevendo geologicamente **a terra**, a região da Bahia, de onde brotam expressões como “natureza torturada”, “vegetação agonizante”, “guerra da terra contra o homem”, “terror da seca” e outras). Mas é, precisamente nela, nessa terra seca e esturricada, gretada pelo sol inclemente, que assoma o telurismo, a influência do solo da região baiana sobre os costumes, o caráter e outros aspectos dos seus habitantes. E **a luta**, essa foi algo de terrível: cruzeza e crueldade sempre presentes, emboscadas, covardia e bravura de ambos os lados, desprendimento e indiferença à morte, heroísmo, torpitude, mortes pavorosas a mostrar que se há uma só maneira de nascer há muitas de morrer, como exemplificaremos adiante, a comprovar que “na guerra, o humano é humano só por ser menos desumano...”.

Em sua narrativa sobre O HOMEM, já nos exórdios o genial autor apresenta a figura central, básica, a própria essência existencial de tudo que ocorre: **o sertanejo**. Descreve-o minudentemente, desvela seu caráter e seu modo de pensar, mostra-o ora inerte, quase indolente e, logo, ativo e dinâmico, ágil, valoroso e bravo. A frase lapidar, tão conhecida e repetida por todos que se empolgaram com sua obra principal - **O SERTANEJO É ANTES DE TUDO UM FORTE** - praticamente se torna uma tese, que será demonstrada, à evidência, pelos fatos da própria narrativa. Frase axiomática para muitos, até mesmo dogmática para outros, principalmente para os contendores do lado messiânico, pois todos eram sertanejos, tornados fortes pela vida áspera, calejada, dura, túrgida de necessidades e sacrifícios ingentes, uma “vida severina”.

A expressão “Hércules-Quasímodo” usada na descrição, um semideus mitológico e uma figura grotesca de romance, faz com que, só por ela, se entreveja o homem do sertão em sua dupla maneira de agir, de ser: escanchado na montaria ou até mesmo de cócoras, quando dela apeado, calmo, arrastado, talvez até mesmo trazendo às costas a giba quase deformante de Quasímodo; súbito, num átimo, em face de um garrote tresmalhado, alijado do rebanho, uma centelha, um frêmito o sacode e transmuta-se em figura hercúlea, plena de vigor físico em que esplendem a ligeireza, a rapidez, e sua tranquila alimária como que um Pégaso em remígio de grande ave, pairando sobre o rebanho, tudo vendo e arrostando quaisquer perigos e dificuldades, infletindo contra o desgarrado e trazendo, ao fim, a ordem e a calma ao rebanho. Realmente, ele é

**um forte**. E Euclides analisa, com extrema proficiência, o determinismo do meio em que vive o sertanejo, assim como o faz, por exemplo, com o gaúcho.

Na abordagem da terceira parte, a seguir - **A LUTA** - exurgirão o **HOMEM** e a **TERRA**, ligados de forma inconsútil, indissociáveis que são seus protagonistas revoltosos, os jagunços imantados pelo messianismo e pelo fanatismo, com o “habitat”, do qual Euclides da Cunha faz descrição detalhada: da região, geologia, clima, relevo, seca, etc.

A Campanha de Canudos foi um movimento místico-religioso, também antirrepublicano, ocorrido no sertão baiano, e o nome “Canudos” devia-se a uma velha fazenda de gado às margens daquele rio. No dizer de Jacqueline Hermann, “Canudos foi, seguramente, o movimento de religiosidade popular mais estudado entre todos os inúmeros exemplos já conhecidos no Brasil.”

É aí que surge a figura invulgar e mística de Antônio Vicente Mendes Maciel. Conhecido como “Antônio Conselheiro”, chefio o Movimento e resolveu fixar-se definitivamente em Canudos, lugar estrategicamente bem situado face ao número de estradas que para lá convergiam.

A cidade de Joazeiro foi a primeira a se inquietar e se apavorar com ameaças de jagunços do Conselheiro, comandados por Macambira. Em face disso, o governador da Bahia, Luis Viana, envia a **1ª expedição** contra os homens de Antônio Conselheiro, sob o comando do tenente Pires Ferreira, que foi desbaratada na localidade de Uauá, cerca de 100 quilômetros de Canudos. Restou a retirada desmoralizante, com a primeira. O tenente Pires Ferreira viria a morrer na terceira expedição contra Canudos.

Já a **2ª expedição**, mais provida em homens e armas e agora com um comando de mais hierarquia, o major Febrônio de Britto foi igualmente mal sucedido no desiderato de submeter Canudos. Após uma luta desesperada, a retirada, mais uma vez, tornou-se impositiva. Nessa retirada ocorreram algumas das mortes horríveis que referimos anteriormente: jagunços, entocaiados em lugares mais elevados, matavam soldados a pedradas, em uma cruel lapidação.

A **3ª expedição** foi comandada por um homem violento e prepotente, o coronel Antônio Moreira César, conhecido pelas arbitrariedades e desatinos cometidos no Paraná e em Santa Catarina. Jactancioso, comunicou logo aos seus superiores que só tinha um receio: que o Conselheiro não os aguardasse no reduto de Canudos, que pretendia subjugar e aniquilar totalmente. Durante a refrega, é ferido mortalmente no ventre por uma bala de fuzil, sendo substituído pelo coronel Tamarindo, outro que também tombaria em combate, sendo, mais tarde, seu corpo encontrado empalado e pendurado em um galho de árvore.

Finalmente, a última das tentativas, a **4ª expedição**, agora com o comando confiado ao general Artur Oscar de Andrada Guimarães. Somente nesta expedição é que viajou Euclides da Cunha, como adido ao Estado Maior do então Ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt, pois era também tenente reformado do Exército.

Cada vez mais preparados e acostumados aos embates, com movimentos que se caracterizavam como verdadeiras guerrilhas, assim manobravam os jagunços. As colunas atacantes das forças legais não conseguiam o objetivo.

Resolvendo agir com mais energia e firmeza, o governo envia para o teatro da luta o próprio Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt e mais dois generais comandantes de Coluna. Antes da decisão do ataque final, Antônio Conselheiro havia sucumbido a um ataque de disenteria, conseqüente a gravíssimo ferimento de estilhaço de granada. A luta perdeu o caráter estritamente militar e passou a configurar uma verdadeira caçada humana. Mortos a mancheias. As paredes do templo sacrossanto do finado Conselheiro são derruídas a dinamite e, de suas ruínas fumegantes, como uma enorme e sinistra cornucópia, saem, desvairados e atordoados, homens, mulheres e crianças. Completa-se a destruição com a derrubada de todas as casas, casebres e tugúrios, em uma verdadeira política de “terra arrasada”.

Mas Canudos permaneceu irredenta, lutou até o fim e terminou pela destruição total, não se podendo ilidir a concepção de que houve um crime cometido através da aniquilação e extermínio de uma população inteira, com requintada e indizível crueldade. Dentro do pavoroso quadro de milhares de mortos, alguns cruelmente sacrificados, como já mostramos (empalados, estripados, mutilados, lapidados, sangrados a golpes de foice e outras formas ignominiosas e bárbaras de decesso), vou me valer, mais uma vez, da expressão, do binômio “Hércules-Quasímodo” utilizado por Euclides da Cunha ao descrever o sertanejo, pois aquele semideus mitológico também morreu após atroz sofrimento ao vestir sua túnica conspurcada por terrível veneno. Tanto que, para todos aqueles que morreram com sofrimentos terríveis, podemos endereçar a expressão “vestiram a túnica

de Hércules...” E, no inferno verdadeiramente dantesco em que se constituiu o campo da luta, o “teatro de operações”, poderíamos, imaginariamente, cantar um monolito, já que as pedras eram tão comuns na região e até usadas como armas também, contendo a legenda que o poeta colocou à entrada do érebo, com seus nove círculos infernais: - “Lasciate ogne speranza, voi ch’entrate!” - “Deixai toda a esperança, vós que entraís!”

Faço agora minhas considerações finais, inicialmente ressaltando que, não sendo dúbio, pois sua forte personalidade não permitiria tal defeito, Euclides da Cunha teve momentos oscilatórios, pendulares, quando, por vezes, é crítico das ações do governo, afirmando mesmo que a submissão forçada dos adeptos do Conselheiro era um verdadeiro genocídio, chegando a referir que “aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime.” Sua principal crítica ao governo foi em seguida à derrota da expedição “Moreira César”. Já por ocasião da 4ª expedição, do general Artur Oscar, que acompanhou, fica ao lado dos soldados e contra os rebeldes, enaltecendo o valor dos militares. Ocasão houve em que, refletindo o pensamento e o sentimento do povo litorâneo, em oposição ao povo do sertão, vislumbra a Campanha de Canudos como uma ameaça de fanáticos contra a novel República e a favor da Monarquia, que se constituiria em óbice ao progresso da civilização.

Enfim, sua honestidade intelectual e suas observações de campo, aliadas ao seu amor à verdade, irão levá-lo a profundas modificações na avaliação pós Guerra de Canudos. Mas seu brilhantismo intelectual, sua genialidade mesma,

concretizados em sua magnífica obra-prima, *Os sertões*, irão conduzi-lo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras. Nesta, foi recepcionado por discurso de Silvio Romero e também nela foi velado.

No início, falamos em grandes críticos e escritores que se empolgaram com a obra euclidiana e dela trataram. Deixamos para o final a menção a nada menos que um dos grandes escritores internacionais, o peruano Mario Vargas Llosa, autor da obra *A Guerra do Fim do Mundo*, que tem como motivo condutor, como *leitmotiv*, justamente *Os sertões*, pode-se dizer que na obra euclidiana ambientou a sua.

Vargas Llosa manifesta algumas concepções divergentes sobre o tema, sempre com elegância literária, de Euclides, como, por exemplo, na figura de Antônio Conselheiro. O peruano matiza-o, pinta-o com cores suaves, praticamente justificadoras e absolutórias; já o brasileiro empresta ao fanático messiânico cores mais fortes. E essa discrepância em nada desmerece os grandes literatos e sim remete-nos, prazerosamente, ao começo do livro em que o grande mestre Flávio Loureiro Chaves afirma: “Os grandes textos são lidos sob ângulos diversos nas alternâncias da História. É justamente isto que garante sua permanência e pode torná-los clássicos”.

## NOTAS SOBRE OS AUTORES

**Antonio Hohlfeldt** é doutor em Letras pela PUCRS. Foi Coordenador do PPG de Comunicação da FAMECOS/PUCRS, de 1999 a 2002. Leciona “Teorias da Comunicação” e “Comunicação e Opinião pública” no PPG de Comunicação Social da mesma PUCRS e “Sociologia da leitura” no PPG de Literatura da PUCRS. Em dezembro de 2008, tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

**Antônio Marcos Vieira Sanseverino** é Prof. Adjunto de Literatura Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

**Daniel Weller** é bacharel em Física (UFRJ) e mestre em Ciência da Computação (UNICAMP). Atualmente é graduado em Letras (UFRGS) e realizador de projetos de formação de leitores e eventos de letramento. Em 2009, foi coordenador do Livro e Literatura, da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre.

**Diego Lock Farina** é graduando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em literaturas e estudos franceses. Pertence ao grupo cultural Diálogo Inverso e também é monitor de Literatura Brasileira pela universidade.

**Fernando Malheiros Filho** é advogado, professor, conferencista, articulista e colaborador dos jornais “O Sul” e “O Taquari”. Entre suas publicações, estão **União estável, configuração e efeitos**. Porto Alegre: Síntese, 1998. Voltaire: “o Embaixador das Luzes” In: **O Século das luzes: uma herança para todos**. Porto Alegre: Tomo/Movimento, 2009.

**Flávio Loureiro Chaves** é doutor em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo (1980). Foi professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Caxias do Sul, além de professor convidado na Universidade de Rennes, França.

**Gínia Maria Gomes** é professora de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Organizou o livro *Euclides da Cunha: literatura e história*.

**Luciano Marcio Prates dos Santos** é oficial do Exército no posto de tenente-coronel, formado na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), bacharel em Ciências Sociais pela antiga Faculdade de Ciências e Letras Cristo Rei, em São Leopoldo, hoje UNISINOS, advogado (já jubilado), formado pela UNISINOS, foi professor efetivo e concursado na Disciplina de História no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

**Luiz Armando Capra Filho** é licenciado em História pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) e pós-graduado em História Contemporânea pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle). Possui MBA em Gestão Empresarial na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi diretor do Museu Julio de Castilhos e da Casa de Cultura Mário Quintana. Atualmente, é professor da pós-graduação em Gestão Cultural do SENAC.

**Marçal de Meneses Paredes** - Doutor em História pela Universidade de Coimbra, Portugal. Professor-Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Bolsista CAPES/PRODOC.

**Márcia Ivana de Lima e Silva** é doutora em teoria literária pela PUCRS, é professora do Instituto de Letras da UFRGS.

**Maria Regina Barcelos Bettiol** é graduada em Letras pela PUCRS, mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS e doutora em Literatura Geral e Comparada pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III. Em 2009, organizou o ciclo de conferências sobre o *Centenário de Euclides da Cunha* na Livraria Cultura e na Feira do Livro de Porto Alegre.

Prof.Dra. Maria Regina Barcelos Bettiol - **e-mail:** [mrbettiol@yahoo.com.br](mailto:mrbettiol@yahoo.com.br)

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt – **e-mail:** [hohlfeldt@pucrs.br](mailto:hohlfeldt@pucrs.br)

